REVISTA DA SEMANA

N. 12 19-3-55 Cr$ 5,00 em tod

NO PRÓXIMO NÚMERO NOVAS REPORTAGENS DO CARNAVAL DE 1955

CARNAVAL DE RUA

*

CARROS ALEGÓRICOS

*

BAILES:

MUNICIPAL (Infantil)

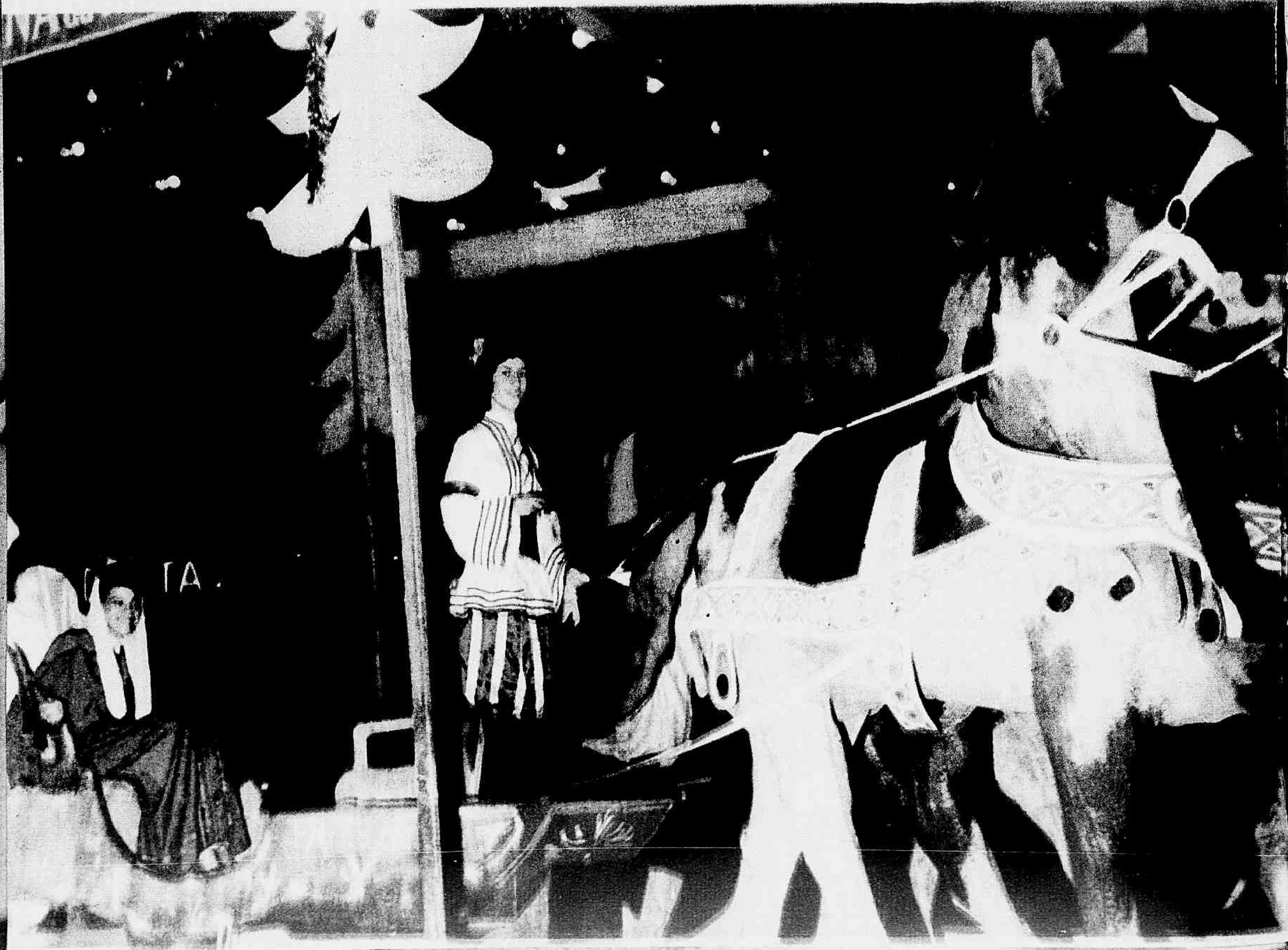
GINÁSTICO (Infantil)

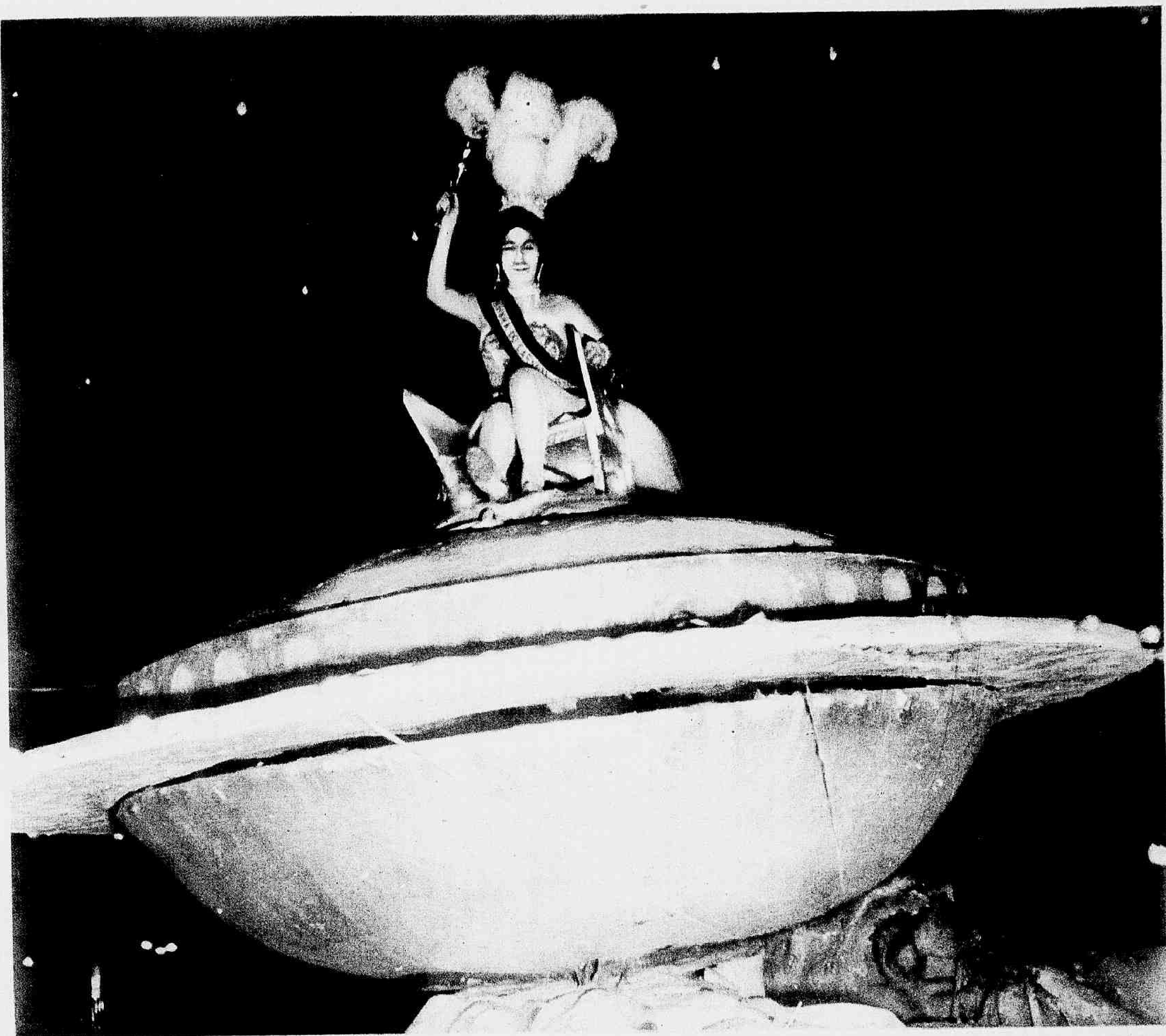
FLAMENGO – VASCO

AMÉRICA – TIJUCA



ALGUMA BELEZA E NENHUMA NOVIDADE NOS CARROS ALEGÓRICOS DAS SOCIEDADES QUE CONTINUAM VIVENDO DAS GLÓRIAS PASSADAS





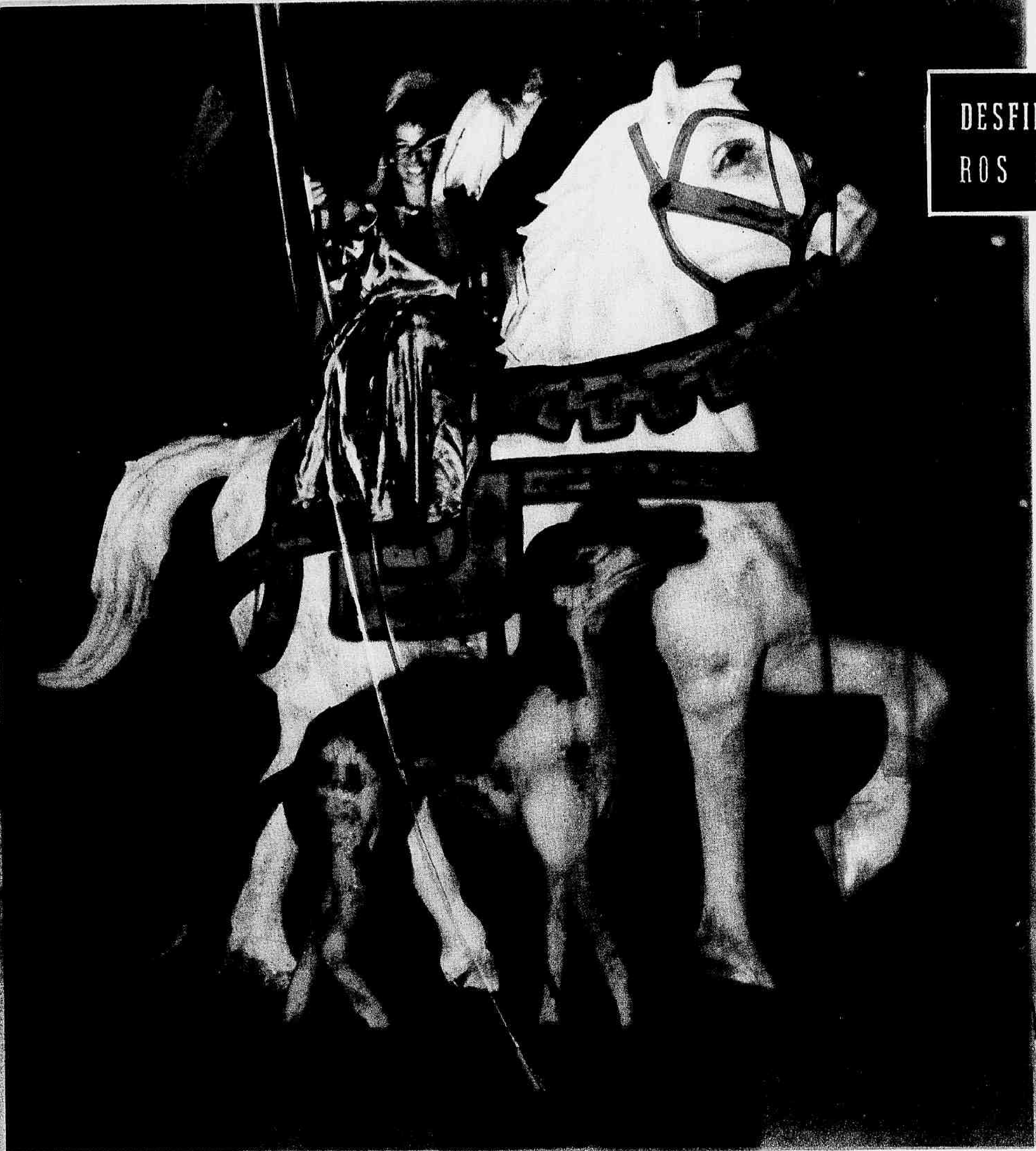
IVANA RODRIGUE, RAINHA DO CARNAVAL DE 55, DESFILOU NUM «DISCO VOADOR» PORQUE É MESMO UMA GARÔTA DO OUTRO PLANÊTA.

DESFILE DOS CARROS ALEGÓRICOS

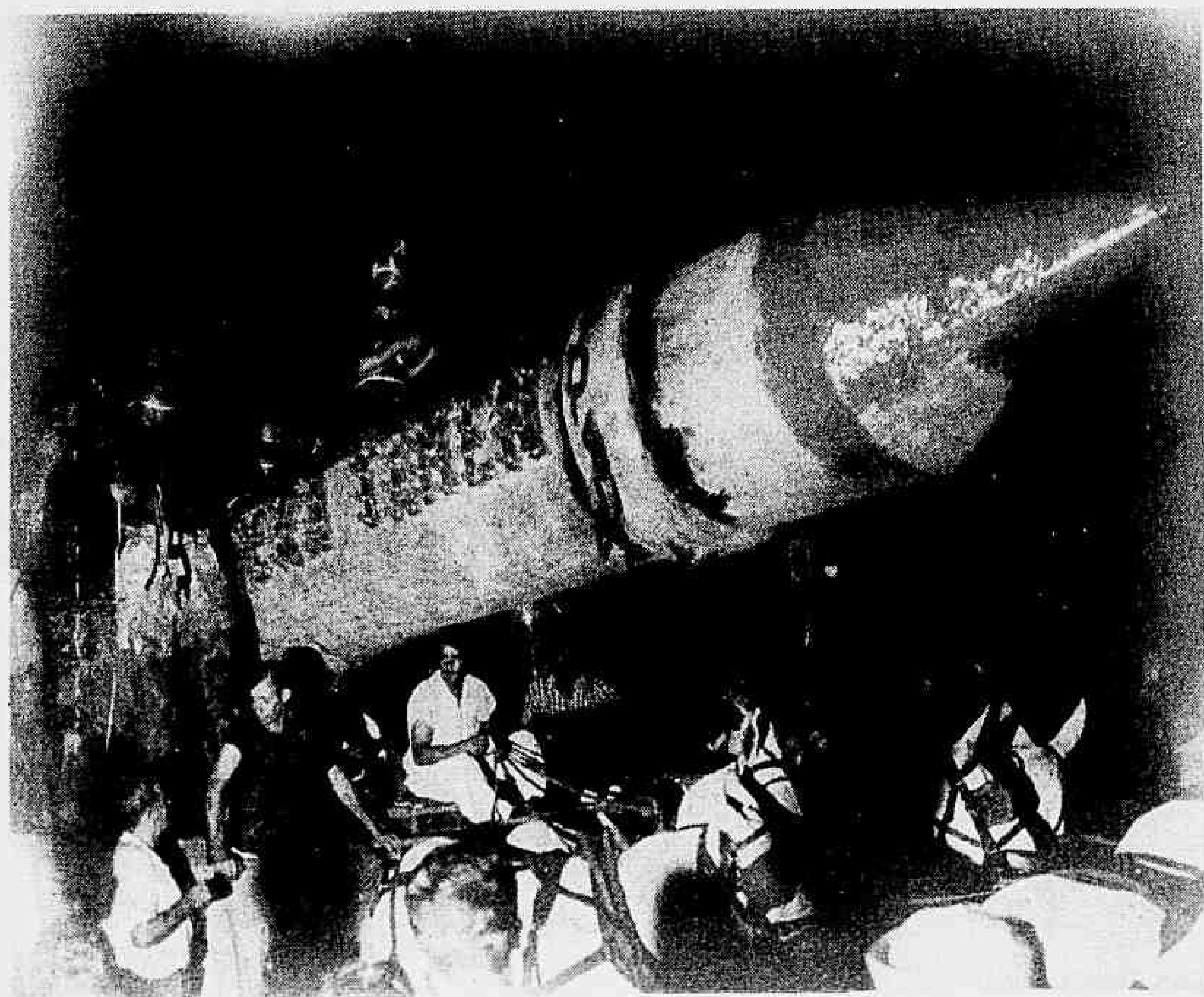
A atração máxima do último dia de Carnaval é sempre o desfile dos carros alegóricos das chamadas grandes sociedades, que êste ano se apresentaram sem o brilhantismo de outros tempos. Maior parte das alegorias explorava temas surradíssimos, exibindo numerosos trabalhos despido de qualquer gôsto artístico, alguns ainda prejudicados pelas chuvas que caíram na noite de têrça-feira de Carnaval. Mesmo assim houve grande afluência popular à Avenida Rio Branco, principal artéria por onde desfilam as grandes sociedades. Mais uma vez participaram do tradicional desfile os "Embaixadores", "Tenentes do Diabo", "Cariocas", "Pierrots das Cavernas" e "Fenianos", esta última sociedade homenageando São Paulo com uma alegoria alusiva ao IV Centenário. Os temas históricos tiveram predominância sôbre os demais, destacando-se também motivos típicos e críticas sôbre figuras e fatos importantes. O conjunto mais aplaudido pelo povo foi da "Embaixada do Sossêgo" com alegorias em tôrno de acontecimentos históricos do Brasil. (Fotos A. FERREIRA).

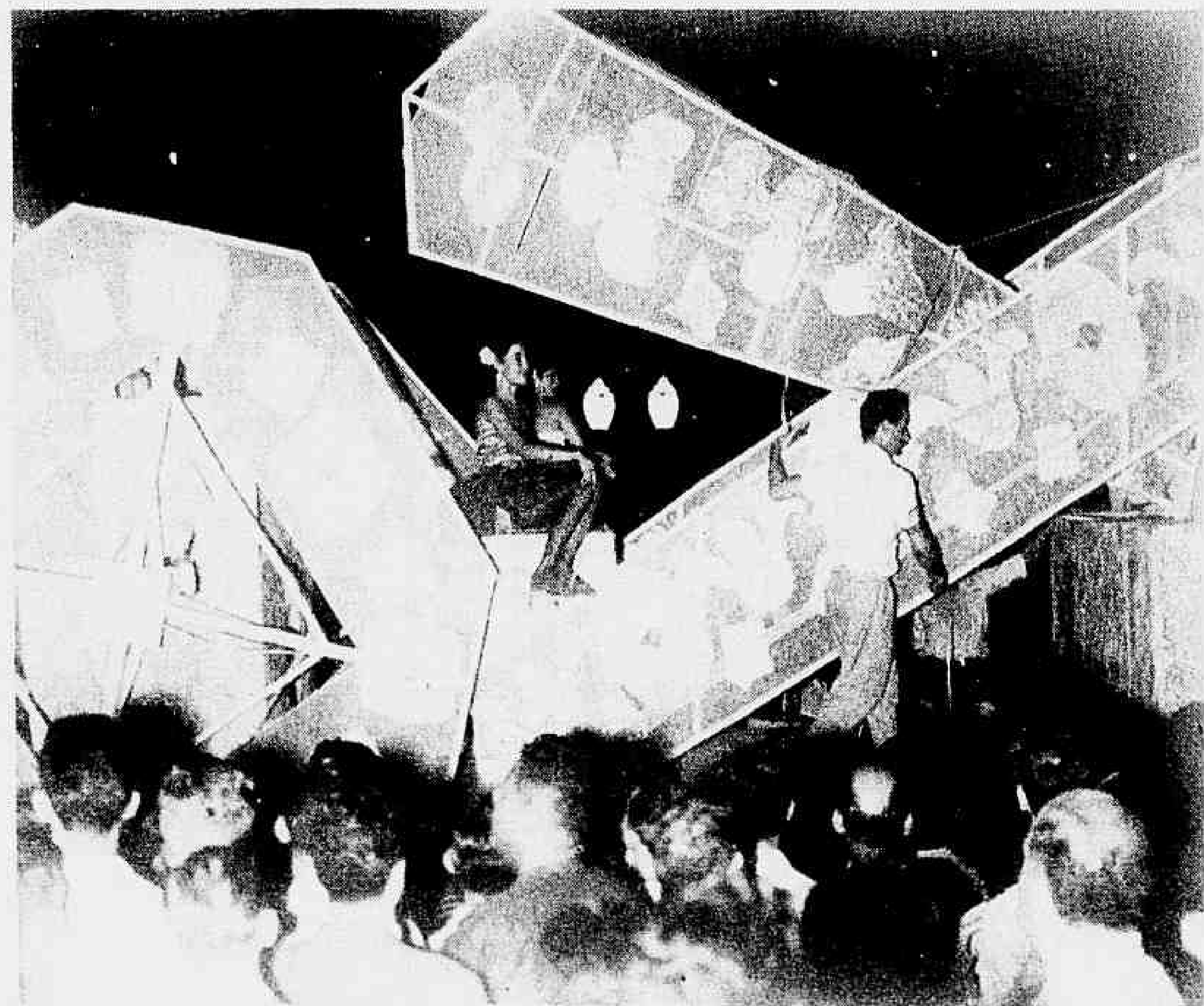


DESFILE DOS CARROS ALEGÓRICOS



UMA «AMAZONAS» CAVALGANDO O SEU CORCEL, QUE CONSTITUIU UM DETALHE DE CERTO EFEITO ENTRE AS DEMAIS ALEGORIAS.





O GIGANTESCO TORPEDO DA «EMBAIXADA DO SOSSÊGO» ANUNCIAVA QUE O «CIRCO CHEGOU», TEMA EXPLORADO, COM CERTO AGRADO.





OS «TURUNAS DE MONTE ALEGRE» DERAM UMA CONTRIBUIÇÃO MODESTA AO DESFILE. COMO AS DEMAIS EXPLOROU TEMAS SURRADOS.





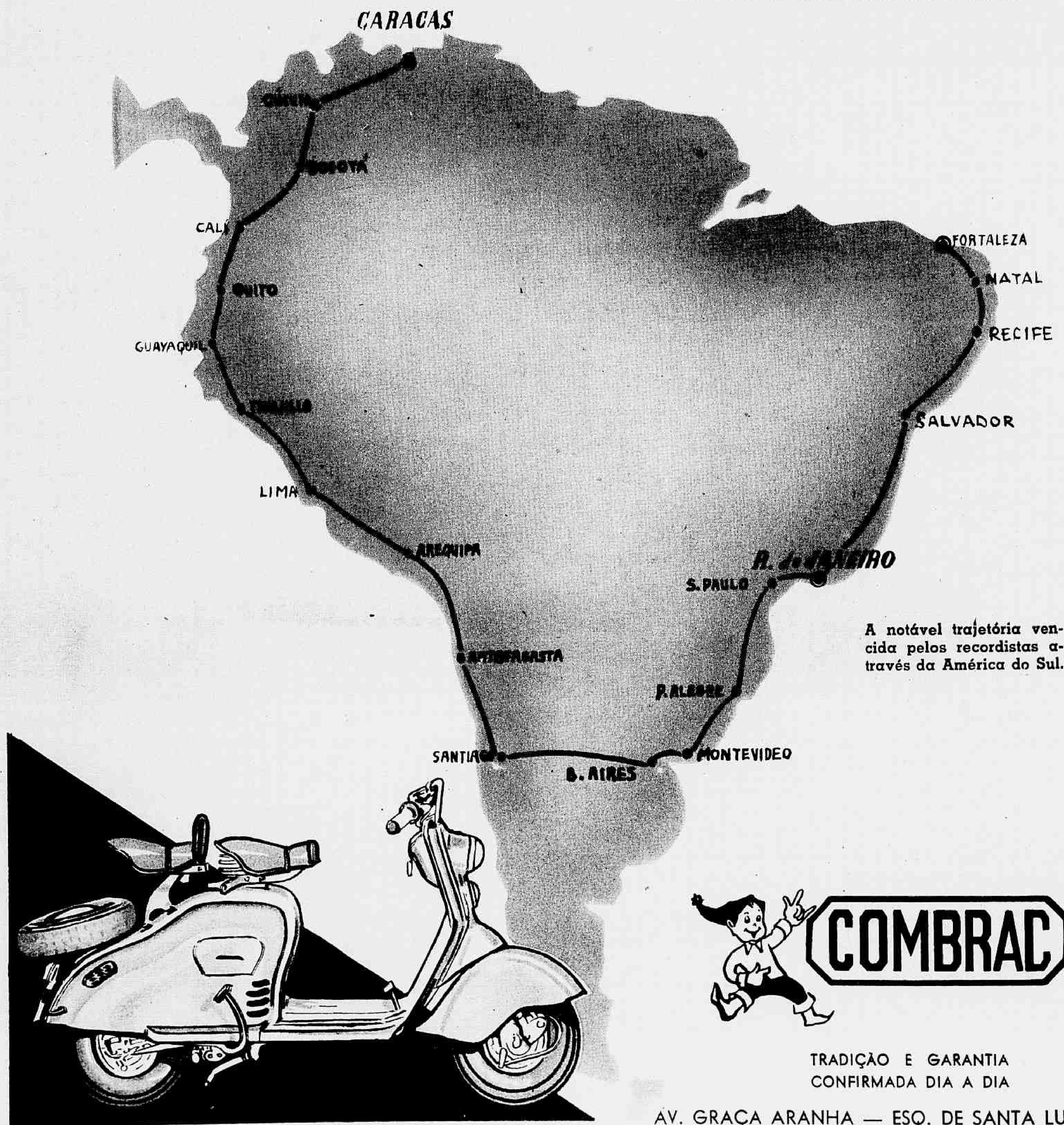
A GRAÇA DA MULHER SEMPRE COMPLETAVA OS EFEITOS DAS ALEGORIAS. O CARNAVAL, COMO A VIDA, SEM MULHER NÃO VALE NADA.

BATIDO O RECORDE MUNDIAL DE QUILÔMETROS PERCORRIDOS POR DUAS "LAMBRETTAS"

● Muitas têm sido as competições desportivas, em que o homem tenta elevar ao índice máximo a eficácia já tantas vêzes comprovada do motor a explosão. O cap. Dupont, acompanhado pelo jovem Marcello Tomasichio, dirigindo as suas possantes máquinas «LAMBRETTAS» chegaram a Fortaleza, no Ceará, depois de haverem ultrapassado o anterior recorde mundial de quilômetros percorridos (14.000 km.). Partindo de Caracas êles venceram em algumas semanas tôda a costa do Pacífico, subiram os Andes, passaram pela Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro (Distrito Federal) e atingiram Fortaleza, exatamente três meses após a data de sua partida. O que é realmente admirável neste feito é a confiança com que o cap. Dupont e seu companheiro Tomasichio se valeram dêste moderno meio de condução, que é a «LAMBRETTA», para um «raid» de tal envergadura. Aqui no Rio de Janeiro ambos os desportistas foram homenageados pelo Automóvel Clube do Brasil, Moto Clube do Brasil, pela CBD e também pela COMBRAC, que, como distribuidores exclusivos da «LAMBRETTA» nesta capital mantém suas máquinas em exposição pública, nos seus salões da Av. Graça Aranha esquina de Santa Luzia.



No estádio do Maracanã os recordistas latinos e suas «LAMBRETTAS», ante o público.



A notável trajetória vencida pelos recordistas através da América do Sul.

COMBRAC

TRADIÇÃO E GARANTIA
CONFIRMADA DIA A DIA

AV. GRAÇA ARANHA — ESQ. DE SANTA LUZIA

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 12 — Rio de Janeiro — 19-3-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS:

Desfile dos Carros Alegóricos 2/5
Baile Infantil do Municipal 8/9
Carnaval Infantil do Ginástico 10/10
Baile do Vasco 14
Carnaval no América 15
Baile no Flamengo 18/19
O Espírito do Povo no Carnaval de Rua 26/29
Carnaval no Tijuca 44/45
Ginger Rogers não tem ciúmes de Jacques (Boa Pinta) Bergerac... 49/52

● SECÇÕES:

Puxe pelo cérebro 12
Champanhota 13
Astrológica 16
Black-Beer 16
Flash Paulista 20
Palavras Cruzadas 20
Política 21
Femininas 32/33
Literária 47
A «Revista» há 50 anos 48
Correio da «Revista» 48
A Figura em Foco 53

● HUMORISMO:

Fortuna 54/55

● LITERATURA:

Fôrça Maior (Adalgisa Nery) 7
Frei Jorge (Marques Gastão) 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 30/31

● CAPA:

Carnaval (Alberto Ferreira)

● CONTRACAPA:

Elaine Stewart (Kodacrome — M.G.M.)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TERESA

Fôrça maior

● A vida em geral desune e diferencia as criaturas. A morte iguala e sempre une. Ódios que a vida alimentou, são apagados na hora extrema. Compreensões que nunca foram permitidas pela vida, chegam mansas e fáceis no último momento dos homens. Ignorância de nós mesmos que a vida sempre fêz questão de manter vivas, na hora da morte se transformam num humilde conhecimento das nossas fraquezas e erros. A vida aconselha aos que se casam: vivam juntos até que a morte os separe. Entretanto agora a morte perdeu para uma fôrça maior: o amor. Na Suíça, um casal foi sepultado no mesmo túmulo ao cumprir-se o 58º aniversário do seu matrimônio.

● Hands e Elsie, ambos com 83 anos de idade, morreram à mesma hora no dia de Natal, no mesmo hospital onde ambos nasceram no mesmo mês do ano de 1871. Contraíram matrimônio no dia de Natal de 1896 e jamais se separaram vivendo sem interrupção na mesma habitação.

Êste casal foi sepultado no cemitério situado aos fundos da pequena igreja da aldeia onde se casaram exatamente 58 anos antes.

Conta a notícia que a espôsa conservou a sua ternura ao marido como já manifestava desde o noivado. Submissa às suas determinações, jamais pugnou contra as iniciativas do espôso. Companheira admirável para todos os momentos de alegria e aflições, Elsie foi para Hands a sua sombra e a sua luz. Não tiveram filhos e a espôsa justificava as constantes indagações dos conhecidos sôbre a ausência de prole declarando: «O nosso amor é tão grande que nós nos bastamos um ao outro».

● Hands, contam, foi o mais atencioso dos maridos. Via na figura da sua Elsie a felicidade viva, a superação de tôdas as dificuldades dêste mundo e jamais deu bom dia à sua Elsie sem intercalar na saudação matinal um — «minha querida». A vida que nos dá grandezas e a morte que nivela e termina com tôdas as fraquezas da humanidade, ficaram impotentes diante da eternidade do amor. Pudessem os homens conservar o espírito de Hans e Elsie e como seria doce viver e como seria tranqüilo morrer!

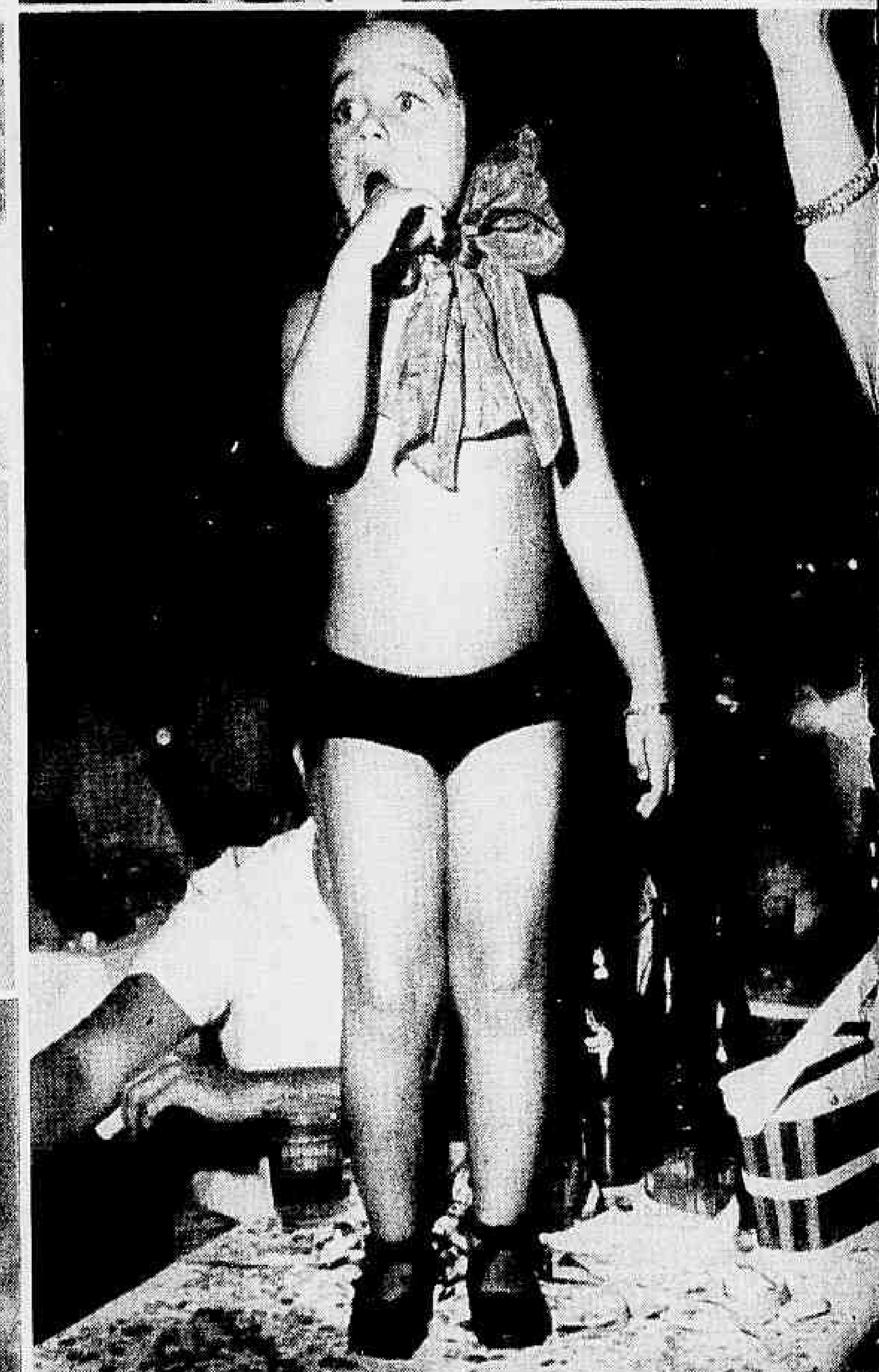
ADALGISA NERY





BAILE INFANTIL NO MUNICIPAL

● As crianças também gostam do Carnaval e há muito pequeno folião que brinca como gente grande. O tradicional baile infantil do Municipal, como nos anos anteriores, estêve repleto de pequenos grandes foliões, muitas fantasias bonitas, muita graça e muita beleza. Entre outras atrações, compareceu Black-Out, o «General da Banda», que comandou com enorme bom-humor a alegria da petizada. — (Fotos A. VIEIRA)






















BAILE INFANTIL DO GINÁSTICO

O tradicional baile infantil do Clube Ginástico Português constituiu um dos pontos altos da programação carnavalesca daquela conceituada agremiação. Nos amplos salões do veterano grêmio da Avenida Graça Aranha a petisada sambou e pulou como gente grande, com uma animação de causar inveja a muito folião marmanjo. Não faltaram belas fantasias, muita graça e muita beleza, além do encanto e da alegria pura da alma da criança. — (Fotos A VIEIRA)

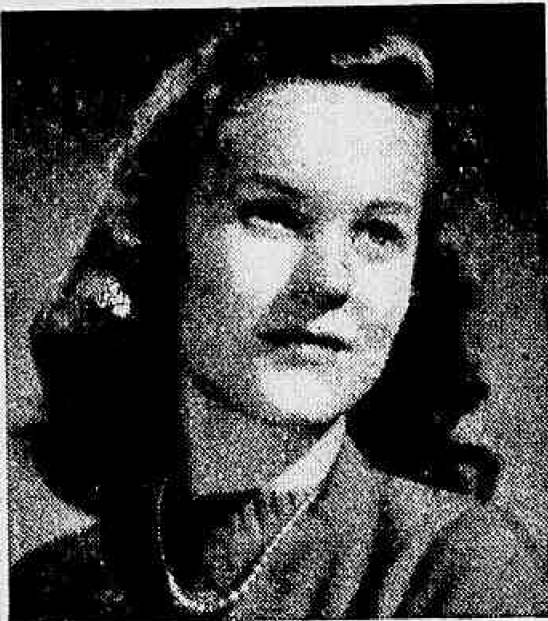












Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

LEIAM

A **CENA** MUDA

A MELHOR REVISTA DE CINEMA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº........

NOME........................

RUA.................... Nº.......

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Endersêço telegráfico:

Windsorhotel

SÃO PAULO

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—A primeira Enciclopédia do mundo foi publicada no ano de:
— **1200?**
— **1720?**
— **1620?**

2—Quem foi Ana Pavlova?
— **Escritora?**
— **Dançarina?**
— **Cientista?**

3—Quantas vêzes Afonso Pena foi Ministro de Estado:
— **Uma?**
— **Três?**
— **Nove?**

4—Como se chamava o primeiro Papa:
— **João?**
— **Xisto II?**
— **Pedro?**

5—O Instituto Pasteur foi fundado na cidade de:
— **Paris?**
— **Rio de Janeiro?**
— **Londres?**

6—Pôncio Pilatos morreu em:
— **Alemanha?**
— **Jerusalém?**
— **Espanha?**

7—Quem reinava na Judéia quando Jesus nasceu:
— **Platão?**
— **Herodes?**
— **Nero?**

8—Humberto de Campos nasceu no Estado de:
— **Bahia?**
— **São Paulo?**
— **Maranhão?**

9—Quantos livros escreveu Camilo Castelo Branco:
— **15?**
— **200?**
— **Cêrca de 300?**

10—Em que ano Caxias entrou em Assunção:
— **1889?**
— **1869?**
— **1825?**

11—A «Última Ceia», tela de Da Vinci está em:
— **Roma?**
— **Jerusalém?**
— **Milão?**

12—O café é originário da:
— **China?**
— **Arábia?**
— **Abissínia?**

13—Quem escreveu o livro «Canaã»:
— **José de Alencar?**
— **Euclides da Cunha?**
— **Graça Aranha?**

14—Que significa o têrmo abcissa:
— **Pequena casa?**
— **Missa solene?**
— **Medida algébrica?**

15—Bach, o músico alemão, nasceu:
— **1666?**
— **1685?**
— **1790?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — 1620; 2 — Dançarina; 3 — Três vêzes; 4 — Pedro; 5 — Paris; 6 — Na Espanha; 7 — Herodes; 8 — Maranhão; 9 — Cêrca de 300; 10 — 1869; 11 — Em Milão; 12 — Abissínia; 13 — Graça Aranha; 14 — Medida algébrica; 15 — 1685.

AS MENINAS BRILHARAM EM PUNTA DEL ESTE

PETER



● *AVANI MAURA é a nossa muito conhecida "miss Cinelândia". Filha de médico, estudou no Juruena, gosta de cinema e dança e tem a mãe mais vigilante do mundo. E' artista da Atlântida e irá à Europa, em virtude do concurso que ganhou. No momento que fazia três perguntas à ela, uns meninos americanos vieram pedir licença para fotografá-la. O que mais a agradou foi a simpatia dos uruguaios.*

● No hotel San Rafael, seis moças, que apresentamos a seguir, representaram com magnífico resultado a moda brasileira no Uruguai. Mais de oitenta modelos foram apresentados, num desfile que se chamou, numa gentileza ao Brasil, de «Rio y Paris». Confeccionados com tecidos brasileiros fizeram enorme sucesso os modelos apresentados pela sra. Laíde Gamms e o sr. João Henrique Lucena, representando as casas «Mayfair» e «Bluzas Perla». Numa homenagem a estas seis moças que não são manequins profissionais e souberam tão bem mostrar a moda brasileira nós lhe dedicamos esta página.



● *MARILDA COSTA LOPES é cem por cento Copacabana, gosta da praia e de vermelho. Não gosta de futebol, mas admirou muito as casas do Uruguai. De olhos e cabelos castanhos, lamenta muito não ter podido trazer seu carro que faz falta para passear. Depois de muitas perguntas sem conseqüências, resolveu terminar a entrevista dizendo que achava os pesos da terra muito pesados o que, no fundo, é um trocadilho dos mais infames.*



● *MARIA VITÓRIA DE TOLEDO, alegre, tem olhos lindos e duas covas no rosto que têm sido a perdição de muito uruguaio. No Rio, é eficientíssima funcionária do SESC e torcedora do Fluminense. Quando não enfeita a paisagem do Arpoador, pratica o volei e o ski aquático. Ficou contente com o sucesso estrondoso de Elizete Cardoso e da Praia Brava que ficou mansa com a sua presença.*



● *MARIA AMÉLIA DO AMARAL já tem experiência de manequim, pois fêz o curso no Glória com Catarina Huer. Adora ser magra, lê poesia e mergulha no pôsto 3. Viajando para Montevidéu, deu pulos de entusiasmo com a beleza da paisagem tôda coberta de plantação de girassóis. Tem mania do numero 13, mas infelizmente, a roleta do San Rafael não tinha o mesmo gôsto. Foi das pessoas que mais se divertiu.*



● *IDALINA FIGUEIREDO — Loura, alta (1,70), elegante de natureza, funcionária pública, gentilmente cedida pelo sr. Caribé da Rocha, pois trabalhava no "show" "Fantasia e Fantasias", detesta batata palha e comeu todos os bifes do hotel. De beleza sóbria, faz um coque com os seus longos cabelos. Abrindo o desfile, usando um "maillot", foi um dos pontos altos do programa.*



● *MARGARIDA LEMOS — Altíssima, morena e bonita, foi a campeã, sendo eleita "miss Festival da Moda". Perseguida por todos os conquistadores do Uruguai, livrava-se de todos pedindo pêssegos. Trouxe um caixote para o Brasil. E' manequim permanente de uma casa de modas desta capital. Tôdas as noites reza pedindo para voltar ao Uruguai.*

A FIGURA DA SEMANA

● Quem chega à Punta Del Este percebe, imediatamente, que se toca mais samba do que qualquer outra música. Nas «boites» e nas vitrolas não se ouve outra coisa. Na manhã que cheguei, passou pelo meu táxi um carro anunciando «a música imortal de Ari Barroso.»

Na pequenina e animada cidade atuavam Ari Barroso, Elizete Cardoso e, dias depois, chegariam Marlene e o Trio Nagô. A rainha do Rádio, Vera Lúcia, foi esperada mas não poude comparecer. Depois de algumas conversas, descobri que o pai dessa idéia de contratar artistas brasileiros é o sr. Edmundo Klinger, a quem já fora apresentado no Rio de Janeiro, pelo sr. Oscar Ornstein. Edmundo Klinger é um homem de vivos olhos azuis e cabelos grisalhos. Há quatro anos atrás, veio ao Brasil, ouviu o samba e achou que o povo uruguaio gostaria de ouvi-lo também. Contratou Dick Farney que atuou na «boite» «Carroussel»; depois, desfilaram Edu, Lúcio Alves, Angela Maria, Ivon Curi, Trigêmeos Vocalistas, Bola 7 e seu conjunto, Elizete Cardoso, Dalva de Oliveira, Trio Nagô, Marlene e muitos outros mais. Na sua «boite», durante os três mêses de verão que funciona, só aparecem artistas brasileiros e é sempre casa cheia. Vi trabalhando Elizete Cardoso, Marlene e o Trio Nagô e o resultado foi sempre casa superlotada. Perguntei a êle por que não contratava Sílvio Caldas e êle me respondeu que há três anos persegue, sem sucesso, o querido cantor brasileiro.

O sr. Klinger é diretor do Departamento de Contratação da Rádio Cave e diretor artístico de Vina Del Mar, no Chile. Referindo-se à vida noturna carioca, disse que gosta muito dos «shows» de Caribé da Rocha e Carlos Machado. É um homem simpático e alegre, mas, é, antes de tudo, um bom amigo dos brasileiros.



O amigo da música brasileira







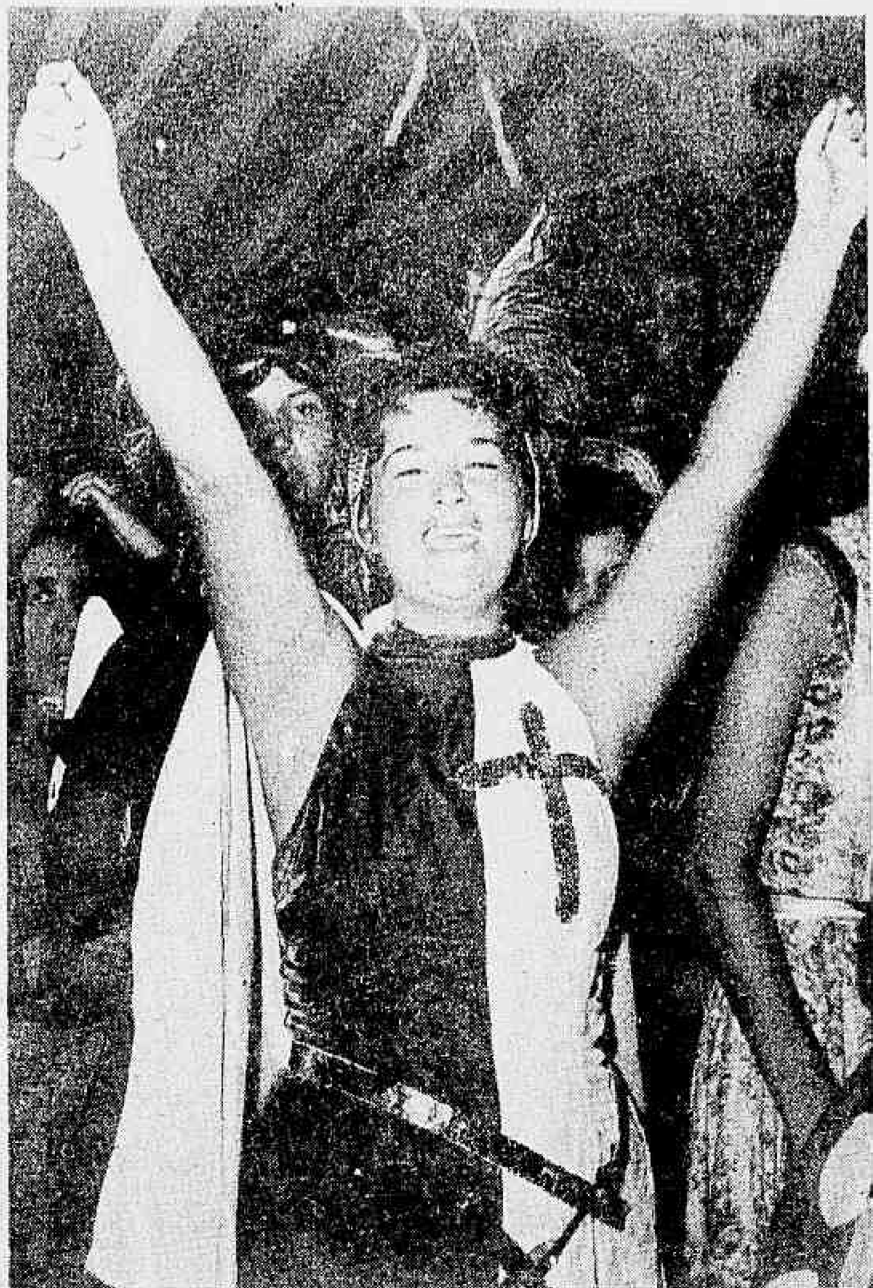
NO VASCO

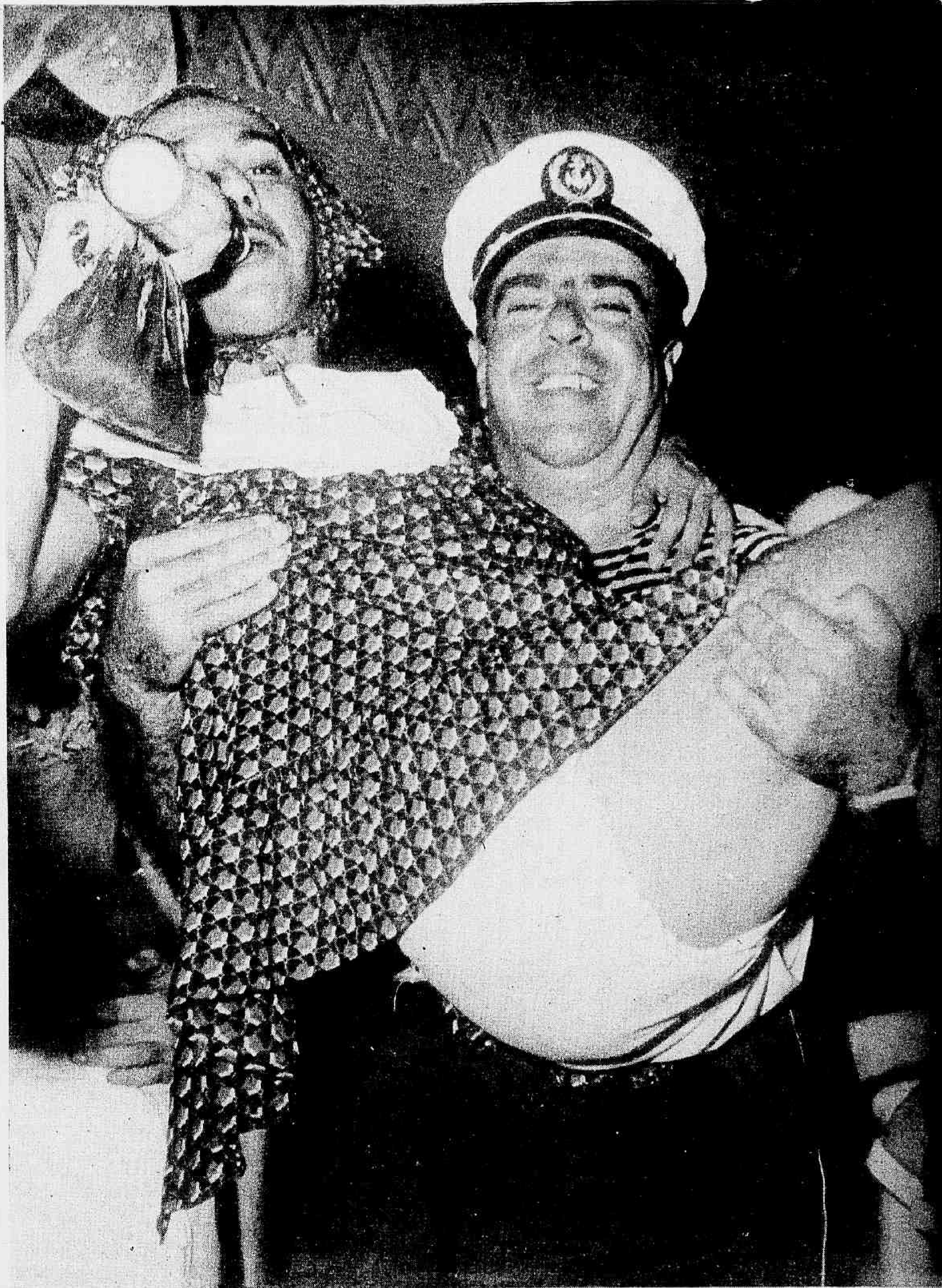
● O Vasco da Gama também realizou os seus tradicionais bailes carnavalescos, proporcionando ao seu numeroso quadro social animadas festas em que todos se divertiram num ambiente de intensa alegria. — (Fotos N. VIANA)













● Os flagrantes desta página reproduzem o que foram os bailes carnavalescos realizados pelo América Futebol Clube. Seus associados e convidados se divertiram com muito entusiasmo durante as festas de Momo. — (Fotos N. VIANA)

NO AMÉRICA







"BLACK-BEER"

BARÃO DE BANGU

À ESPÉCIE DA LÍNGUA NÃO ALTERA O PRODUTO

● *De um Excelentíssimo Senhor Barbosa, ilustre varão da linhagem dos Marqueses de Grajaú, recebi por vias epistolares (Barão tem direito a ser pernóstico) uma atrevida sugestão no sentido de traduzir o nome desta coluna. Acha Sua Excelência que a expressão CERVEJA PRETA, bem portuguêsa e de sabor vascaíno, atrairia melhor a atenção dos leitores que não sabem inglês. Além de não me interessarem leitores que não sejam poliglotas, acho muito insolente a sugestão. Isso não é mulher que casa no Uruguai-Engenho Novo para mudar de nome todo o dia. Por outro lado, esqueceu-se o epistolista (sujeito que escreve epístola) de que esta coluna não precisa de mais nenhuma atração, além da assinatura respeitável do seu autor. Lembre-se que aqui o papai foi até hoje o único colunista dêste planêta citado pela Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Gregória Bôca Rica, a maior cronista dêste e de outros mundos. Fique sabendo que eu recebo em média 14 mil cartas por dia e já recebi 1800 propostas de casamento (vide casos recentes de Elaine Stewart, Pampanini, Miryan Stevenson e outros bichos da fauna internacional) e vivo cansado de assinar autógrafos, havendo por isso mandado fazer um carimbo para facilitar o serviço de minha secretária 18 x 35. Sendo assim, para que atrair mais leitores, basta de tanto sucesso e popularidade. Finalmente, saiba o Senhor Barbosa e quantos esta virem ou dela conhecimento tomarem, que a espécie da língua não altera o produto...*



A estrêla Ginger Rogers surpreendida em plena Macumba no momento exato em que oferecia o «despacho» aos espíritos (de porco) com o que esperava virar a cabeça do Barão.

O QUE DIZEM OS MARMANJOS

Pedro Combuca, um dos Dez Mais Não Sei o Quê: "O tal do caju é amigo até à décima dose. Depois não há tatu que agüente...".

★

Abrhaão Fued, mastigando quibe em ritmo de sonata: "Só consigo ver o sujeito mais inteligente, mais simpático, mais fascinante, mais culto, mais tudo na vida, quando estou diante do espelho".

★

Leão Elias Chá (sem torrada) falando de bebidas: "Gosto de tomar whisky com cronista social...".

● **CORPO FECHADO** — Estou seguramente informado que o motivo da Ginger Rogers ter ido a uma sessão de Macumba foi o desejo de fazer um «trabalho» capaz de virar a cabeça do Barão de Bangu. Acontece que os «caboclos» do «terreiro» do Senhor Solano Trindade, «pai de Santo» procurado pela «estrêla», não podem correr o páreo com os «guias» lá da Tenda Bota Fogo na Canjica, onde eu sou «cabeça feita». Tenho o «corpo fechado» e não há galo prêto nem farofa amarela que me faça trocar a minha Josefina por qualquer estrelinha de cinema...

● **O ANGU E A AMERICANA** — Andaram dizendo as más línguas que Miss Universo voltou às pressas por causa de um desarranjo gastro-intestinal (ela também sofre disso?) provocado por um angu à baiana que comeu lá em casa. Não é nada disso, a verdade eu conto logo e não deixo para depois. A bichinha ficou desiludida e voltou decepcionada porque eu lhe disse, corpo a corpo, que preferia as 80 polegadas a mais da Josefina. Êsse negócio de carne racionada é com a COFAP, comigo tem que haver muita fartura e a tal de Miryan não correspondeu às minhas exigências. Engorde um pouco, menina, e volte, querendo.

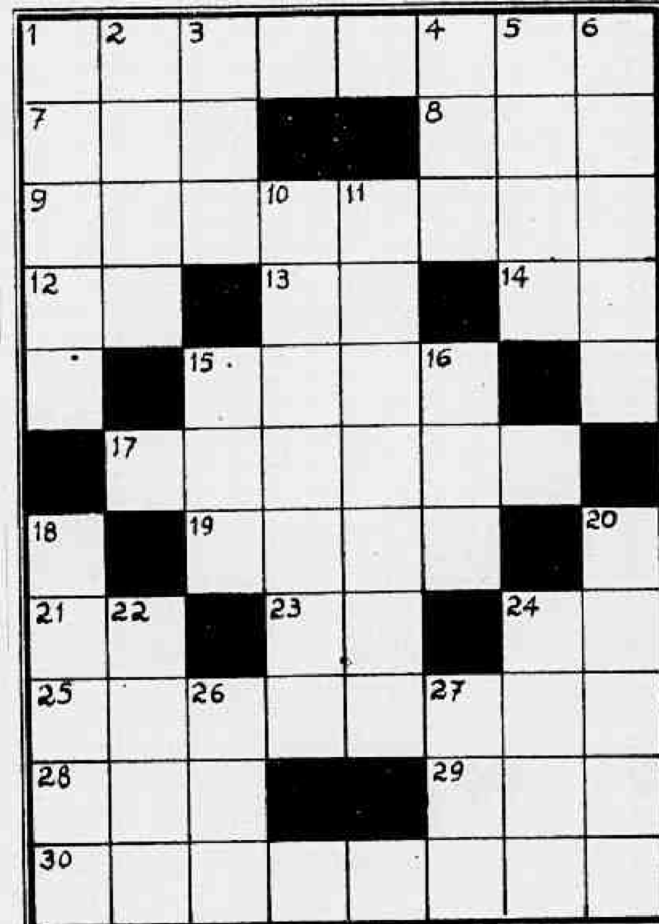
ANÚNCIO

Atenção, cronistas sociais: alugam-se fraques, casacas, smokings, sumers, gravatas pretas, cachimbos, monóculos e outros trecos de elegância masculina. Vendemos cigarros americanos de contrabando, bem como informações seguras sôbre a vida de marqueses, príncipes, barões, duquesas, rainhas e outros bichos. Preço baixo e alto sigilo.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 58

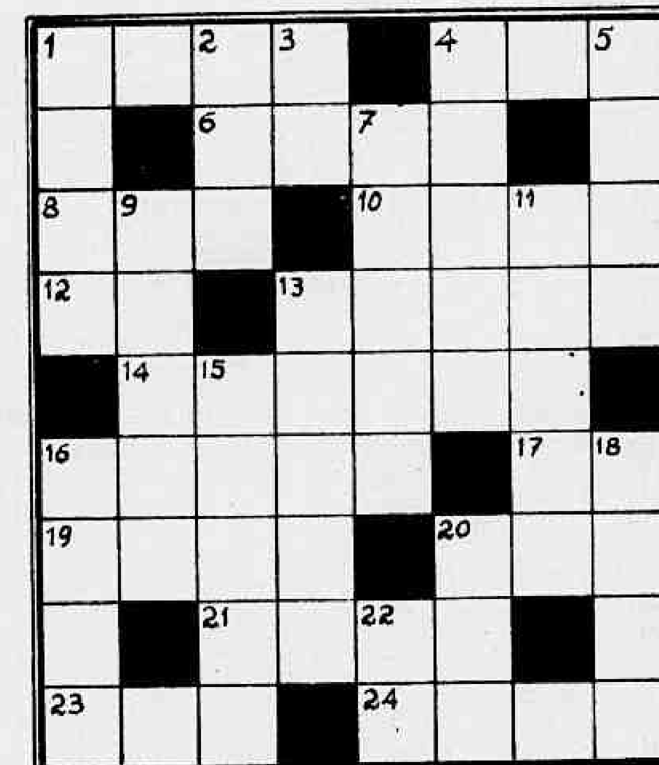
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Ataque — 7. Pessoa astuta — 8. Insignificância — 9. Coisa molesta — 12. O mesmo que ambi — 13. Nota musical — 14 Pêso romano — 15. Sofre — 17. Restringe — 19. Tufo — 21. Cidade moabita — 23. Símbolo do metal de pêso atômico 22,997 — 24. Vila de Portugal — 25. Chuviscar — 28. Espécie de Cerveja — 29. Ornato de pedra polida que se encontram em urnas funerárias dos aborígenes — 30. Uso constante.

VERTICAIS: — 1. Pretextos — 2. Cada pernada da enxárcia — 3. Lua — 4. Insípido — 5. Ave da ordem dos Pernaltas — 6. Cidade da Bélgica — 10. O princípio do mal, na religião de Zoroastro — 11. Tributais — 15. Emblema da realeza, em França — 16. Manifestação da vontade — 18. Cortar cerce — 20. Pito — 22. Armadilha — 24. Diabo — 26. Não — 27. Parecer alegre.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Rosto — 4. Época — 6. Irritar — 8. Divisão de uma peça teatral — 10. Guarneça de armas — 12. Batráquio — 13. Do verbo atear — 14. Canal na América Central — 16. Casal (pl.) — 17. Símbolo do rutênio — 19. Terra arroteada e própria para cultura — 20. Oceano — 21. Pescoço; regaço — 23. Mau cheiro — 24. Verbal.

VERTICAIS: — 1. Remar para trás — 2. Curso de água natural — 3. Brisa — 4. Cometam erros — 5. Medida de uma superfície — 7. Canoa feita de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas (pl.) — 9. Fechar — 11. Dera miados — 13. Anseio — 15. Aguardente extraída do arroz fermentado — 16. Estado do Brasil — 18. Grande rio da Rússia — 20. Maior — 22. Tecido finíssimo

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 57

PARA VETERANOS

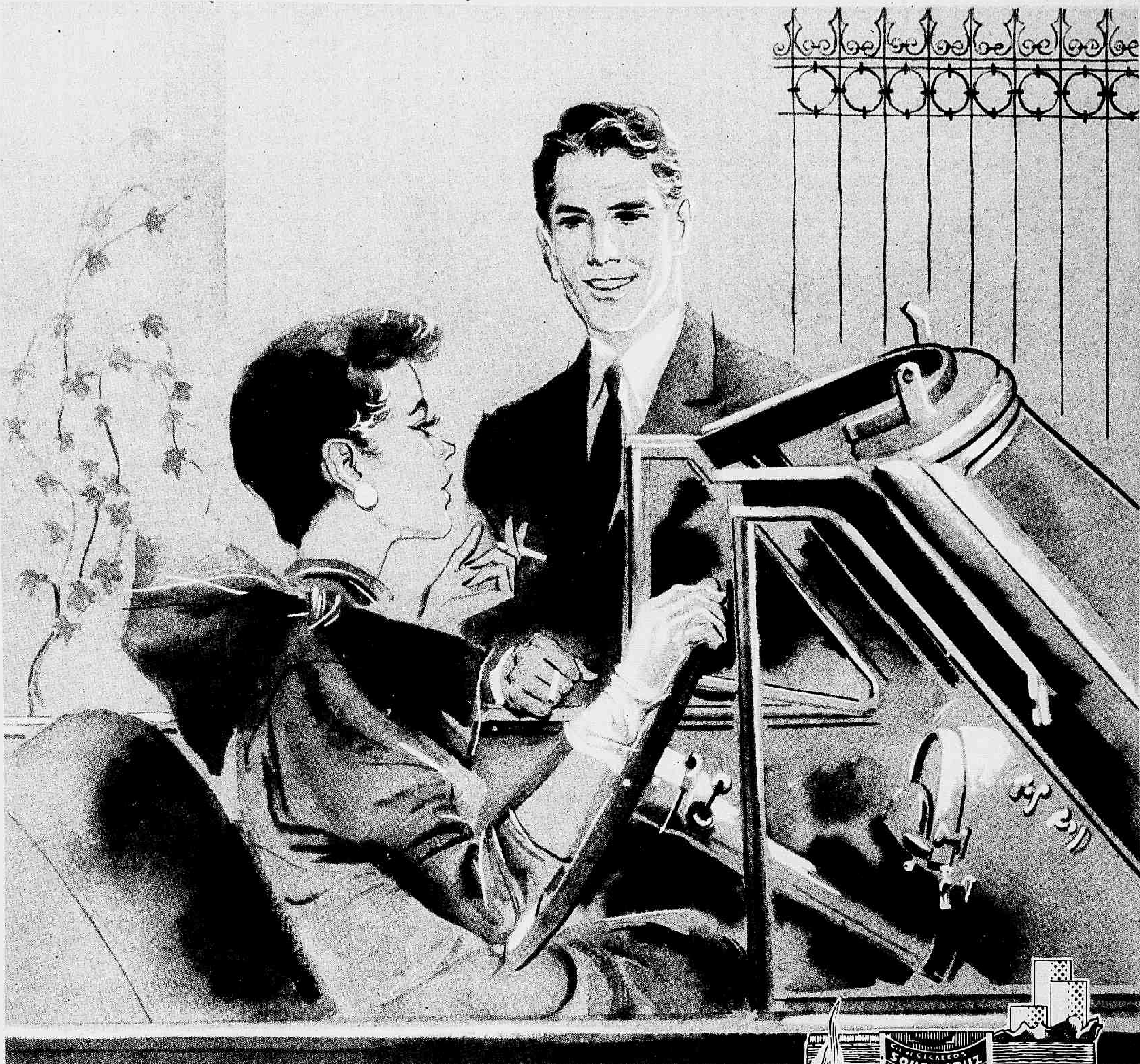
HORIZONTAIS: — **ami** — **muletas** — **Asa** — **Ari** — **umã** — **alpes** — **penhorado** — **setor** — **imã** — **ama** — **amã** — **lapidar** — **tai.**

VERTICAIS: — **ala** — **mesopotâmia** — **ita** — **mir** — **som** — **aspai** — **Iansã** — **usara** — **atora** — **lhe** — **ero** — **mal** — **mor** — **Apt** — **adi.**

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — mar — América — lis — aos — com — meio — caro — óca — lar — mas — raivoso — ias.

VERTICAIS: — mel — ária — ris — adoecer — adorado — amo — sia — cal — mor — dava — MII — S.O.S.

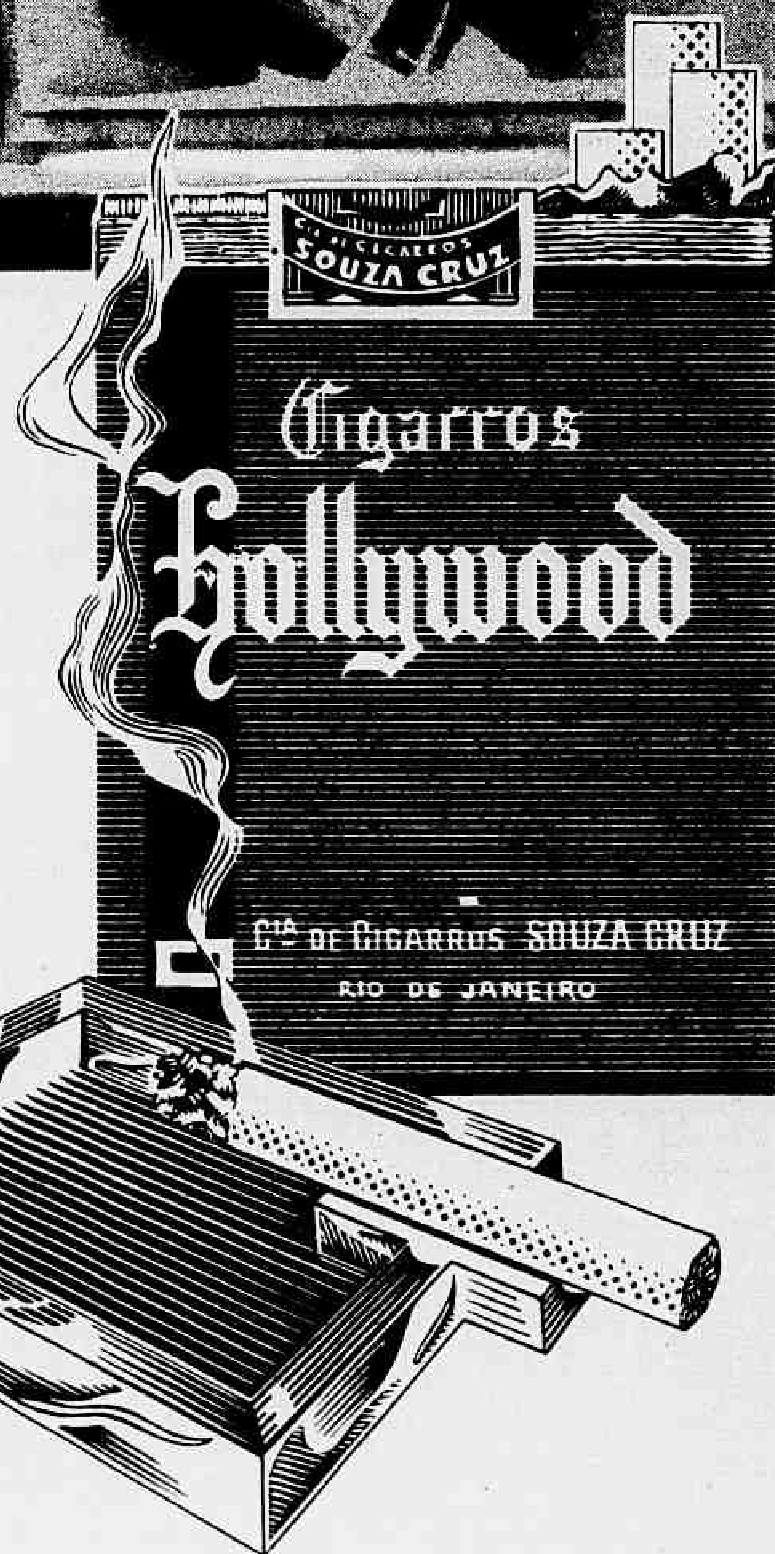


Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood



uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.288






NO FLAMENGO













● O bicampeonato levou aos salões do Flamengo de Futebol e Regatas um motivo a mais de alegria e animação que transformou suas festas de Carnaval numa verdadeira apoteose ao feito desportivo do esquadrão rubronegro. Todo mundo sambou e pulou na mais perfeita ordem, lamentando apenas que o reinado de Momo fôsse tão curto. (Fotos N. VIANA).







Flash Paulista

ALEX-CLUB St. JAMES

HÉLIO ABREU

(De Paris — via Bandeirante — Panair)

● Eu o ouvi antes mesmo de tê-lo visto. Estava sentado ao piano, que gemia «La Seine». Do lado esquerdo da banqueta, o cigarro; e do outro o copo de vinho. O olhar perdido, fitando nada e a cabeça oscilando, levemente, num quase imperceptível marcar de compasso, ia tirando do instrumento melodias que enchiam o ambiente e os corações. Ausente de tudo, cego para o mundo, não percebeu quando dêle me aproximei.

Tinha nas mãos ainda o copo de Whiskey que Michel me servira, quando fui sentar-me a seu lado. Não pude falar-lhe. Lamentàvelmente não domíno o idioma de Voltaire e, não fôsse a providencial intervenção de Miranda, o proprietário do Club St. James, e talvez nem mesmo ficasse sabendo o seu nome, que é Alex. Sorriu, então, para mim numa expressão que era um misto de alegria e de tristeza, um riso que significava um convite para que lhe pedisse uma música. Automàticamente, disse-lhe: «La Vie En Rose»; que é, de tôdas as músicas de França, a minha preferida. Entendeu-me. Seus dedos ageis correram ligeiros por sôbre o teclado de marfim atirando ao ar a sinfonia maravilhosa que Edith Piaf e Loulguy compuseram. Tocou-a ainda uma segunda vez, fitou-me e perguntou: «Barotzo, oui?». Que seria, **Barotzo oui?**, indagamos para nós mesmos. A resposta veio através dos acordes magistrais que suas mãos arrancavam a cada instante do divino piano. Sim, aquilo era «Aquarela do Brasil» e o **Barotzo** era mesmo o nosso Ari Barroso. Ouvir música brasileira ali no 58, avenue Montaigne, era coisa que eu não podia esperar e me senti como se fôsse o próprio Hino Nacional brasileiro, a belíssima página de Ari. Alex lia em meus olhos alegria e prosseguiu, sempre, numa festa de sons que me fazia embalar nas rêdes do nordeste e flutuar por sôbre as montanhas de Minas. Paris: dez mil quilômetros do Rio de Janeiro. Paris, capital da França e do mundo; que é passado, presente e que será sempre a terra do amor, ouvia comigo (eu pensava) a música da minha gente. Quando estou alegre, bebo. Assim, pedi a Michel outro Whiskey e também vinho para Alex. Novo sorriso aflorou-lhe aos lábios fazendo retezar seu bigodinho parisiense. Agustin Lara tomou conta do ambiente e «Maria Bonita» deu o ar de sua graça. Consulto o relógio e noto que o amigo a quem espero, tarda. Enquanto isso, Lampeão, o nosso formidável bandoleiro, assume o comando atravez de «Muié Rendera». Canto, baixinho, acompanhando o piano. Ah, como eu gostaria que êsse moleque do Lima Barreto estivesse aqui.

Essa não foi a única noite que estive no St. James. Voltei muitas vêzes. Era como se uma fôrça estranha me impelisse a escutar a música estonteante, sublime e internacional que Alex, o pianista indiferente, levava noite após noite aos ouvidos do público que faz ponto em «Chez Roberta». Grande e estranho é êsse mundo capaz de levar um brasileiro a Paris, talvez para dar-lhe a oportunidade de ouvir a sua música longe de sua terra.

Voltemos a Alex:

Lembro-me bem que, certa noite, tentei dar-lhe uma gorgeta. Não aceitou. Não, de mim nada mais queria que não fôsse o meu gôsto pela sua música e a felicidade de ver-me vibrando ao ritmo brasileiro que êle, invariàvelmente, noite após noite sacava de seu piano.

Para agradar-me aprendeu mesmo uma modesta composição de minha autoria, e era com ela e com «La Vie En Rose» que me dava o seu boa-noite musical. Eu, que jamais estive tão longe do Brasil, nunca pensei que um homem e um piano pudessem fazer tanto por alguém. Paris, **«La Tagada», Moulin Rouge** (que eu não vi) Torre Eiffel, museus e monumentos se reduziam a pó quando comparados às melodias auri-verde que êsse aéreo e quase filósofo Alex conseguia de seu piano.

Parece que estou me vendo a pedir-lhe, novamente, **Aquarela do Brasil**, a mágica música de Ari Barroso.

Agora, Alex, «La Vie En Rose»... sans souci.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 19 E 25 DE MARÇO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não se arrisque em especulações em competições de qualquer espécie, jogos, etc.. Os influxos da semana lhe contrariam as aspirações e as iniciativas. Os piores dias serão 18 e 22, para especular e 20 e 24 para competir.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O ambiente dos astros continuará favorável, no caso do leitor. A semana será promissora em assuntos financeiros e proporcionará negócios vantajosos, principalmente os de solução futura.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Suas possibilidades pecuniárias serão maiores no curso da semana em pauta. Os concursos virão espontâneamente. Não haverá necessidade de qualquer solicitação. Os dias pares da semana serão os mais aproveitáveis.

★ CANCER (22/12 — 20/1) — Haverá uma recomposição, no seu caso. O clima dos astros possibilitará o equilíbrio das suas atitudes e uma retomada de posições. Haverá facilidades e boa ajuda no que empreender.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A situação agora, será bem melhor. O poder de iniciativa do leitor está muito aumentado e favorecido. Sua vida sentimental terá, nos próximos sete dias, as melhores chances. Os astros a favorecerão.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Agora, sim, o leitor poderá avançar na conquista dos seus objetivos. Os ventos soprarão favoràvelmente, em tôdas as direções. Os melhores dias, no seu caso, serão 21, 23, 24 e 25.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Uma semana suavíssima terá o leitor, graças as relações harmoniosas que se vão estabelecer entre o astro que lhe comanda o destino e os demais componentes do nosso sistema planetário. Aproveite a chance.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os melhores dias para qualquer empreendimento serão 19, 21 e 25. Os dias restantes, da semana, serão muito fracos e pobres de aspectos harmônicos, interessantes no seu caso. Não se aventure, pois, em tais dias.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Será diminuta a modificação a verificar-se, para menos, no caso do leitor. O Céu, portanto, continuará harmônico e favorável aos seus desejos e interêsses. Suas atividades sentimentais terão o beneplácito dos deuses.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana lhe dará, possìvelmente, uma notícia alvissareira. Acontecimentos de pequena monta, no presente, poderão transformar-se na chave da solução do seu caso íntimo. Não os descure nem deprecie, portanto.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Sobreponha-se a todos os intereses, para poder triunfar. Os influxos passivos e desfavoráveis da semana anterior, ainda continuarão, embora já atenuados. Reaja tanto quanto fôr possível, contra as sugestões.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não pense em viagens no curso da semana. Elas estão mal indicadas no seu horóscopo. Os dias mais promissores para seus negócios, serão 19, 21, 23 e 25. Eles favorecerão a solução dos casos pendentes e lhe darão chance nas especulações.

OS NOMES DA SEMANA

Março,	**19**	—	**José**	—	**Josefa**
"	20	—	**Ambrósio**	—	**Benita**
"	21	—	**Plácido**	—	**Ambrosina**
"	22	—	**Emídio**	—	**Catarina**
"	23	—	**Vitoriano**	—	**Felícia**
"	24	—	**Irineu**	—	**Léa**
"	25	—	**Cesário**	—	**Maria**

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março,	**19**	**28º - 6' - 43"**	(Signo dos Peixes)
"	20	29º - 6' - 22"	(" " ")
"	21	00º - 5' - 59"	(Signo do Carneiro)
"	22	1º - 5' - 54"	(" " ")
"	23	2º - 5' - 7"	(" " ")
"	24	3º - 4' - 38"	(" " ")
"	25	4º - 4' - 7"	(" " ")

POLÍTICA

ODILON BELÉM

A LEI ELEITORAL

● Embora sejam muitos os que afirmam estar o Brasil entre as nações que, com acêrto, praticam a liberdade e a autoridade — os dois importantes elementos do problema político — somos da opinião de que ainda estamos no campo da experiência, longe, portanto, do marco que define a supremacia dos princípios sôbre o individualismo nocivo e anacrônico. Não é que os nossos líderes ignorem o valor da racionalização dos métodos e desconheçam os ensinamentos salutares, por parte de países de elevada cultura, no que tange à inconveniência da pluralidade das facções. Acontece que, entre nós, um povo temperamental e emotivo, leva a melhor, nos embates eleitorais, quem souber atrair a atenção popular, não havendo, para isso, nada que se compare às lutas partidárias e aos pronunciamentos patéticos com ampla publicidade. Um rompimento hostil, uma acusação ou um gesto dramático pode, sem nenhum exagêro, tirar da penumbra e projetar, no âmbito nacional, um cidadão modesto, sem a mínima possibilidade de realizar algo em benefício coletivo. Êsse estado político que domina no presente e que se presta tanto à prática do aventureirismo desagregador — como se constata através de acontecimentos — se não fôr reestruturado, o quanto antes, será o responsável pela próxima decadência de um país prenhe de riquezas inigualáveis. Além do mais, não nos iludamos, passaremos à história como os que viveram na era da irresponsabilidade e do desrespeito mais virulento e impudente.

● Dentre as providências a serem tomadas para que sejam extirpados os males que solapam as nossas instituições, que começam a apresentar sintomas de desgasto em suas vigas mestras, a principal, a nosso ver, é a reforma da lei que regula a vida dos partidos. Nem se pode compreender de outra forma, pois que, no último pleito, ocorrido em outubro de 1954, mais de dez agremiações concorreram aos cargos eletivos. E o espetáculo foi deveras chocante, tendo-se em conta que, quase quatro milhões de eleitores, compareceram às urnas, cônscios dos deveres cívicos. Vimos candidatos acusados de praticarem o roubo, o estelionato, a contravenção, prova insofismável da precariedade das fórmulas utilizadas pelos partidos quando da indicação oficial das suas chapas. Mas não há que se admirar. A qualquer pessoa é resguardado o direito de registrar, preenchendo algumas formalidades, no Superior Tribunal Eleitoral, os têrmos de um partido novo. Daí, existirem mais de dez, sendo poucos, no entanto, os que, realmente, apresentam programas firmados em bases sociais evoluídas, ajustados, dêsse modo, aos principais problemas do país. Pelas razões expostas, que aliás, não constituem novidade, inclinamo-nos a acreditar que a confusão reinante é conseqüência do número excessivo de partidos. Se a lei eleitoral fôsse rigorosa, determinando, para sua sobrevivência, a obrigação de eleger, pelo menos, dois senadores, quinze deputados e dois vereadores, êstes no Rio de Janeiro, além do fortalecimento da unidade nacional, a mística do personalismo cederia, para sempre, aos princípios, programas e ideais sadios.

RESPONSABILIDADE

A legislatura que passou, sem dúvida das mais agitadas da nossa história parlamentar, conquanto não tenha apresentado um montante de realizações à altura do brilhante desenvolvimento observado em quase todos os setores da vida do país, deixou claro que, daqui por diante, neste Brasil sempre generoso e diminuído, não haverá clima para os que trocam a honra pelo enriquecimento às custas dos dinheiros públicos. Desde seu funcionamento, em 1950, até 31 de janeiro de 1955, quando expirou, viram-se os legisladores, notadamente os deputados, envolvidos por um vendaval de tais proporções, que seus efeitos, se não forem prontamente debelados, far-se-ão sentir na legislatura que ora se inicia. A luta foi dura. Pensou-se até na falência do regime, tantas e escabrosas eram as irregularidades denunciadas diàriamente, à nação, através das tribunas do Congresso e da imprensa livre e patriótica. Felizmente, porém, em meio à atordoada reinante, ganhou relêvo a índole democrática do povo brasileiro, confiando na sabedoria e bom senso dos representantes das instituições que se constituem em govêrno. Sem desordens nem derramamento de sangue, tivemos um pleito, em outubro, que pode ser considerado sofrível, tomando-se em conta a crônica referente aos processos e métodos sub-reptícios postos em prática em eleições que não vão longe. O que se torna imperioso, nessa fase de recuperação de energias e de implantação dos bons costumes, é que os representantes reeleitos, mais experientes, e melhor avisados, os novos, deixem de lado os ódios, as vindictas e as ambições e façam, do Legislativo, o recinto sagrado onde se preceitua por lei os destinos do país.

«Revista da Semana» apresenta, em sua secção política, os novos parlamentares com mandatos federais.



YUKISHIGUE TAMURA

● Nasceu em São Paulo no dia 2 de janeiro de 1915, cinco anos após a chegada de seus progenitores ao Brasil. Católico fervoroso, fêz os cursos primário e secundário com os Irmãos Maristas, no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, e o curso superior na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Estudioso dos problemas regionais, filiou-se ao Partido Democrata Cristão, em cuja legenda elegeu-se, em 1947, vereador à Câmara Municipal de São Paulo. Pelo mesmo partido concorreu, em 1950, à deputação estadual, obtendo a expressiva votação de 6.220 votos. Prestigiado pelas campanhas que empreendeu em defesa do homem do campo, pelo fomento à cultura do algodão e pela politização de brasileiros descendentes de japonêses, fazendo-lhes compreender a necessidade da participação na vida política, como um imperativo do regime democrático, foi escolhido líder da bancada e eleito 2º vice-presidente da mesa. Empolgado pelos fatos históricos nacionais, Tamura é o autor da lei que cede e transfere, à Companhia de Jesus, o domínio pleno do Pátio do Colégio com a finalidade específica de ser reconstruído, no mesmo local, o MONUMENTO HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO PAULO E IGREJA ANEXA, marco inicial da cidade de São Paulo, bem como a CASA DE ANCHIETA, destinada ao Museu Colonial, em comemoração ao IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Eleito deputado federal pelo P.S.D., no último pleito, Yukishigue Tamura foi, dentre os descendentes de imigrantes nipônicos, aqui chegados há 46 anos, o primeiro vereador, o primeiro deputado estadual e o primeiro deputado federal. E' a favor da candidatura de conciliação, pois acha que uma luta partidária, no momento, agravará ainda mais a situação política do país.

ESCOLHA OPORTUNA

● *A votação dada pelo Partido Social Progressista (cêrca de 30 votos) à chapa que elegeu presidente da Câmara o ex-ministro Carlos Luz, foi retribuída com a escolha do deputado Benjamim Farah para a segunda secretaria. Permuta, sem dúvida, feliz, visto ser o representante carioca um parlamentar operoso e que, sem esmorecimento, tem-se esforçado para tornar realidade a aplicação da justiça social em nosso meio. Pobre, valendo-se exclusivamente do justo prestígio alcançado em duas legislaturas consecutivas e fatigantes, sua atuação caracterizar-se-á, por certo, pelo escrúpulo e pela defesa intransigente dos postulados democráticos.*

ADMINISTRAÇÃO DE UM GENERAL DE EXÉRCITO

ORDEM E HONESTIDADE, O LEMA DO GOVÊRNO DO EXMO. SR. GAL. ALEXANDRE ZACARIAS DE ASSUNÇÃO, NO ESTADO DO PARÁ ★ ENERGIA ELÉTRICA, EDUCAÇÃO, ABASTECIMENTO D'ÁGUA E ASSISTÊNCIA SOCIAL, OS PONTOS FORTES DE SUA ADMINISTRAÇÃO ★ ÍNTEGRA DA MENSAGEM GOVERNAMENTAL AOS PARAENSES, NO INÍCIO DO CORRENTE ANO ★ APOIO DAS CLASSES CONSERVADORAS

DEDICAÇÃO ao bem público, assistência à infância e aos desamparados, respeito à Lei e honestidade administrativa, eis o lema do Exmo. Sr. Gal. de Exército Alexandre Zacarias de Assunção, que conquistou na caserna a honra intangível dos soldados de Caxias e o amor às tradições da Pátria, e que vem de atingir o último pôsto da carreira militar.

O Gal. Zacarias de Assunção, governador do Estado do Pará, eleito através de um disputado pleito, tem dado àquele Estado o máximo de seu esfôrço e orientação administrativa, cercando-se de eficientes auxiliares.

Sob sua orientação, a fim de solucionar o angustiante problema de luz e fôrça de Belém, foi organizada a «Fôrça e Luz do Pará S/A», em que o Estado contribuiu com a cota de trinta milhões de cruzeiros já integralizados.

Correlatamente com o da energia elétrica, espera o govêrno concluir as obras para o abastecimento d'água da capital, no próximo mês de junho, obras estas que no último exercício custaram ao Tesouro Estadual cêrca de quatorze milhões de cruzeiros.

Na Instrução Pública o Estado vem de inaugurar diversos grupos escolares no interior.

O funcionalismo público tem merecido do Gal. Assunção especial atenção. É na melhoria dos vencimentos, é na regularização dos pagamentos, é na adicional aos magistrados por tempo de serviços, no salário família a todo funcionalismo do Estado a partir de julho último e ainda com novo aumento de vencimentos no corrente ano, que o govêrno demonstra a dedicação aos seus servidores. É de ressaltar que o salário família, embora já fôsse conseguido desde 1944, sòmente teve vida e realidade na atual administração.



General de Exército Alexandre Zacarias de Assunção, Governador do Estado do Pará.

Com as características de um govêrno puramente democrático vem o Gal. Zacarias de Assunção a 1º de janeiro dar ao povo Paraense o resumo das suas realizações e dos planos para 1955. É a prestação de contas do administrador, que obteve o saldo de **vinte milhões de cruzeiros** apesar de tantas obras executadas e tantos compromissos financeiros cumpridos. Poucos foram os Estados da Federação que terminaram o exercício financeiro de 1954 apresentando saldo. Transcrevemos a seguir a mensagem do Senhor Governador:

«É dever precípuo do meu govêrno, no início de cada ano, prestar contas ao povo Paraense dos negócios públicos no exercício encerrado. E o faço sempre com a consciência tranqüila de ter correspondido a sua confiança.

No curso do ano de 1954, não medi esforços para melhorar as condições de vida da população e, em particular, dos servidores públicos. Como atestado do meu interêsse pelo bem estar social, aí estão a integralização da nossa cota de trinta milhões de cruzeiros ao capital da Fôrça e Luz do Pará S/A., emprêsa industrial que no ano em que hoje iniciamos, solucionará o debatido problema da luz em Belém; o prosseguimento das obras de abastecimento de água contratadas com a sociedade Byington & Cia., num programa de três anos, a concluir no próximo mês de junho, com a sua ampliação no assentamento das rêdes dos bairros do Telégrafo Sem Fio e de Canudos e um ramal para torneiras públicas no bairro de Pedreiras à Av. Pedro Miranda, e o serviço de abastecimento do precioso líquido no bairro da Condor, feito sob a exclusiva direção do Departamento Estadual de Aguas.

Os serviços de abastecimento d'água acima referidos, custaram ao Tesouro no último exercício, cêrca de quatorze milhões de cruzeiros pagos na sua totalidade e a sua conclusão no primeiro semestre do corrente ano, exigirá um dispêndio de cêrca de Dezessete Milhões de Cruzeiros.

No interior do Estado foram inaugurados em 1954 os grupos escolares de Santarém, Óbidos, Marapanim e Soure, que vieram ampliar a série de grupos construídos nos três anos anteriores de minha gestão.

Paralelo aos trabalhos mencionados, melhorei os vencimentos dos servidores do Ministério Público, na forma exigida pelo código judiciário; concedi aos magistrados o adicional por tempo de serviço como ao funcionalismo em geral o benefício do salário família, a partir de julho último, pago em exemplar ritmo de pontualidade à medida que os interessados o requerem.

Vale ressaltar que o salário-família no Pará foi objeto do decreto n. 4.574, de 2/6/1944, assinado então com caneta de ouro, oferecida pelos servidores públicos, mas só teve vida e realidade no meu Govêrno, pela lei n. 798, de 16/8/1954, como vida e realidade terá o aumento de vencimentos concedido de modo amplo e geral pela lei n. 915, de 10/12/1954, a partir do mês que hoje se inicia, sob as bênçãos de Deus.

Tôdas essas vantagens e benefícios concedidos ao povo são custeados com a arrecadação honesta da renda pública, sob rígida fiscalização, sem criação de impostos ou majoração das incidências tributárias em vigor, ou de ajuda de empréstimos públicos ou privados.

A receita pública arrecadada pelo Departamento da Receita, da Secretaria de Estado de Finanças, atingiu até ontem a cifra de Cr$ 228.136.627,40, que excedeu em Cr$ 26.739.627,40, a estimativa orçamentária.

Honro-me em afirmar que êste auspicioso resultado é proveniente do trabalho honesto dos funcionários da Fazenda, com a colaboração permanente das laboriosas e probas classes conservadoras do Pará, cujo estímulo é a certeza que todos têm dos propósitos honestos de meu Govêrno, isto é, de que o dinheiro arrecadado volta à circulação para fazer crescer o giro comercial do Estado.

Durante o curso da execução orçamentária no ano recém-findo, o Estado atendeu, com rigor, a todos os compromissos assumidos no exercício financeiro para com o funcionalismo em geral e fornecedores, como pagou subvenções, contribuições e auxílios definidos na lei orçamentária, entre os quais: Fundo da Valorização E. da Amazonia: Cr$ ...... 5.863.920,00; Departamento de E. de Rodagem: Cr$ 8.707.150,00; Serviços articulados com a União para o Fomento Agrícola: Cr$ 2.300.000,00; Assistência Geral: Cr$ 2.100.000,00.

No balanço de experiência, pois ao Departamento de Contabilidade não foi possível, nesta data, apresentar um resultado definitivo do exercício de 1954, sinto-me feliz, nesta hora de confraternização universal, de anunciar ao povo dêste grande Estado da Federação, que a Secretaria de Finanças transporta para o exercício financeiro de 1955 a vultosa soma de Cr$ 20.000.000,00, representada em depósitos bancários e na tesouraria para suportar o pagamento de contas não reclamadas ou pendentes de processo, complementação do salário família devido no segundo semestre de 1954, e refôrço para auxiliar a cobertura do «deficit» de cêrca de CINQUENTA MILHÕES DE CRUZEIROS previsto no orçamento para o novo exercício financeiro.

Ao lado dêsses serviços, proclamo um outro trabalho do meu Govêrno, feito no sentido de melhor amparar as viúvas e filhos de funcionários; a transformação da Caixa do Montepio em autarquia, conforme sua definição na Lei 755, de 31/12/953, em vigor desde o dia 1 de abril de 1954.

A antiga Caixa do Montepio era uma instituição precária, anexa ao Tesouro, e nada mais concedia senão a pensão aos beneficiários do funcionário falecido, e para cujo atendimento a renda das contribuições dos associados foi sempre insuficiente, resultando daí o «deficit» de cêrca de DEZ MILHÕES DE CRUZEIROS, verificado até 31 de Dezembro de 1953, a cargo do erário estadual. Hoje, a situação é muito diversa: o Montepio dos Funcionários Públicos, instituição autárquica, com economia própria, custeia, com pontualidade, as suas pensões e já ofereceu, ao encerrar o seu primeiro exercício, o saldo real de Cr$ 2.659.891,20 depositado na Agência do Banco do Brasil, nesta cidade. Seu primeiro orçamento, já publicado, anuncia uma receita de Cr$ 7.288.000,00 para uma despesa de Cr$ 4.924.720,00 na qual se incluem dotações para os novos benefícios de empréstimos simples, por consignação em fôlha, e pecúlio de Cr$ 10.000,00 por falecimento de cada associado, benefícios que se iniciarão no ano corrente.

Todos êstes trabalhos de envergadura, que constituem obra de conjunto com o meu Secretariado, desafiam as administrações que me antecederam e servem de exemplo aos que me substituírem na direção dêste grande Estado.

Minha ação governamental aí está à vista e exame de todos.

Jamais estipendiei órgãos de publicidade para fazer propaganda, defender meu Govêrno, ou atacar meus adversários. Êstes chegam a abusar da liberdade empregando expressões violentas e descomedidas, que refletem o ódio que me devotam, pelo simples fato de eu me esforçar para fazer bem ao povo desta terra hospitaleira. Tôdas as campanhas contra meu Govêrno não encontram receptividade na consciência coletiva, que bem sabe julgar meus atos em face dos ataques soezes contra mim dirigidos. A alguns, companheiros da grande vitória





Um doente internado no «Juliano Moreira» abraça o Governador Zacarias de Assunção, numa demonstração de gratidão dos seus companheiros, pelo Natal que lhes proporcionava o Govêrno do Estado. À direita, aspecto da distribuição de brinquedos às crianças pobres de Belém.

de 1950, o eleitorado deu resposta em 1954, recusando-lhes o sufrágio. A outros, o povo demonstra seu repúdio, negando qualquer apoio às suas infelizes arremetidas contra meus atos. Posso afirmar que nunca houve tanta liberdade no Pará, notadamente no que se refere à imprensa, como no meu Govêrno. Cumpri, rigorosamente, a promessa feita a quando da propaganda de minha candidatura. Nem mesmo para a compra de elogios empreguei os dinheiros públicos. Livres e espontâneas têm sido, e continuarão a ser, as publicações da imprensa e do rádio, fazendo justiça ao acêrto de minha administração. Não tenho impedido as manobras despeitadas de meus adversários, permitindo-lhes até excessiva liberdade em sua campanha inglória.

O povo paraense compreende êstes fatos. Um confronto entre o passado anterior ao meu Govêrno, e o presente, é irrespondível. O subôrno e a coação foram substituídos pelo mais completo respeito e pela mais ampla garantia à liberdade de todos. Sòmente os insensatos negam esta verdade.

* * *

A vós todos, paraenses da capital e do interior, homens e mulheres das cidades e das vilas, quero expressar, neste início de ano que será o último de meu Govêrno e que marcará o término do contacto de cinco anos entre nós, como governante e governados, com sinceridade e emoção, a minha amizade para convosco, amizade começada em duras campanhas, alicerçada em anos de trabalho e dedicação, e reafirmada em momentos de alegria e em horas de dificuldades.

Peço a Deus fôrças e a vós compreensão, que me ajudem a cumprir até o fim a missão que me confiastes para honra minha, e a suportar, apenas com revoltas íntimas como até agora, as infâmias, as calúnias, e o ataque soezes daqueles que só sabem lutar pelo interêsse pessoal, jamais tendo em vista o bem da coletividade.

Que êste ano de 1955 vos seja pleno de prosperidade, paz e alegria».

Dentre os aplausos motivados por esta mensagem houve de destaque o da Associação Comercial do Pará, representante das classes Conservadoras, cujo pronunciamento abaixo transcrevemos:

«Exmo. Sr. Gal. Alexandre Zacarias de Assunção D. D. Governador do Estado.

A Diretoria da Associação Comercial do Pará, ontem reunida ordinàriamente, tomou conhecimento da íntegra da mensagem dirigida por V. Excia. ao povo do Pará, pela transposição do Ano Novo e deliberou, unânimemente, não só transcrever a referida mensagem nos seus anais, como enviar a V. Excia. a presente nota, em que as classes Conservadoras do Pará, pelo seu órgão máximo, expressa a V. Excia. o seu reconhecimento pelos constantes benefícios que tem recebido do seu govêrno.

Não seria possível negar que a ordem e a honestidade que têm sido os pontos altos do govêrno de V. Excia., são os maiores propulsores do desenvolvimento do comércio e da indústria que só podem lograr os seus objetivos, benefícios à coletividade, num clima de tranqüilidade e confiança como o que realmente desfrutam no govêrno de V. Excia.

Esta Associação também deseja expressar a V. Excia. os seus melhores agradecimentos pela referência feita na mencionada mensagem à atuação das classes Conservadoras, que, com efeito, se sentem muito estimulados a pagar regularmente os seus impostos a um govêrno que emprega as rendas públicas com equilíbrio e honestidade, possibilitando o giro do dinheiro com reflexos animadores nas atividades do comércio.

Interpretando com sincera satisfação o pensamento unânime das classes Conservadoras do Pará sôbre o honrado govêrno de V. Excia., esta Associação vale-se da oportunidade para reafirmar o respeito, a admiração e a estima que V. Excia. sempre lhe mereceu. Respeitosas saudações. Otávio Malheiros Franco, Diretor Presidente; Idalvo Pragana Toscano, Diretor Secretário».

HOMENAGEADO O GENERAL ZACARIAS ASSUNÇAO PELA SUA GRADUAÇAO AO MAIS ALTO PÔSTO DO EXÉRCITO

Dentre as homenagens prestadas podemos destacar a dos Comandantes Militares Federais sediados em Belém. Assim foram ao palácio o Gal. Joaquim Justino Alves Bastos e Cel. Lúcio Azambuja Dias, Comandante e Chefe do Estado Maior da 8ª Região Militar; Brigadeiro Antônio Alves Cabral e Cel. Almir Policarpo, Comandante e Chefe do Estado Maior da 1ª Zona Aérea, Almirante Paulo Mario Rodrigues, Comandante do 4º Distrito Naval; Comandante Paulo Amaral, Capitão dos Portos e Comandante Alexandre Alves de Sousa, Comandante da Flotilha Naval da Amazônia. O Governador recebeu aquêles militares no «Salão dos Presidentes».

Em nome das classes Armadas sediadas em Belém, falou o Brigadeiro Antônio Alves Cabral traçando o perfil do governador Zacarias Assunção, quer como cidadão, quer como militar, com o seu caráter inviolável e espírito democrático.

Relembrou que o Gal. Assunção fôra seu professor na Escola Militar e que S. Excia. continuava mantendo o mesmo espírito democrático e sua formação militar exemplar. Citou o orador que o Gal. Assunção restituíra ao povo Paraense um clima de liberdade invejável e que fêz aparecer nos cofres públicos sem agravamento de impostos o dinheiro necessário para o progresso de uma administração.

Visìvelmente emocionado o Sr. Governador Zacarias de Assunção agradeceu as homenagens prestadas pelos seus camaradas de farda na presença dos membros das suas casas civil e militar, confessando mais uma vez, que o seu pensamento sempre foi o que vem demonstrando em seu govêrno, isto é, bem servir a coletividade. Como militar tem sabido cumprir o seu dever pelo progresso da Pátria, preservando a democracia. Ao deixar o govêrno do Estado voltará à caserna para continuar e terminar a carreira que escolheu, que é sua vocação.



O Governador Alexandre Zacarias de Assunção recebendo as homenagens das classes Armadas, pela sua graduação a General de Exército. A foto acima fixa o momento em que S. Excia. recebia cumprimentos do Comandante da 8ª Região Militar, Gal. Justino Bastos; Brigadeiro Alves Cabral, Comandante da 1ª Zona Aérea; Almirante Paulo Mário Rodrigues, Comandante do 4º Dist. Naval e Chefes do Est. Maior das três armas.



FREI JORGE

Conto de MARQUES GASTÃO  **Desenho de DAREL**

— Não grites, Jorge!

— Também eu não queria gritar, mas não posso. É superior às minhas fôrças...

— Mas, Jorge, tu és cristão, a tua vida é um exemplo de bondade para o nosso semelhante... Não compreendo as tuas exaltações, os teus desvios, as tuas faltas de tolerância...

— Ouve, Mário, ouve-me... É preciso que tu me compreendas... Eu amo os homens, ajudo-os, procuro — sempre! — entendê-los nesses mesmos desvios e faltas de tolerância, de que me acusas...

— E então, Jorge? Que se passa contigo?

— A raiz da minha exaltação está na injustiça humana. Os homens estão cada vez piores. As palavras não bastam; não bastam já os exemplos bons; é insuficiente a intolerância como é insuficiente a bondade... E, depois, Mário, eu não sou um santo, mas um homem e como homem também sou susceptível de errar...

— Mas há contradições em ti...

— Imensas, Mário! Eu tenho desejado ajudar e compreender todos os homens, ir até junto dêles e senti-los como meus irmãos...

— Isso é impossível! Para o conseguires, terias de abdicar de ti próprio, dos teus sonhos, das tuas idéias, das tuas aspirações; terias, Jorge, de deixar de ser carne para ser só espírito e...

— Eu sei, eu sei e daí advém os meus amargores. Eu poderia abdicar de tudo isso, que é epidérmico...

— Não, Jorge, é sangue...

— Sim, mas é sangue humano... o que é necessário é anular os reflexos, as reações do sangue que nos enche os olhos...

— Pedes o impossível. Para alcançares essa passividade, terias de ser um santo e, Deus apenas dentro de ti, amares Deus nos homens...

— Tenho tentado...

— Esfôrço sôbre humano, Jorge! Terias de amar o teu semelhante, mesmo que êle fôsse teu inimigo; terias de perdoar e dar a tua face direita quando te esbofeteassem a esquerda... isso...

— Quantas vêzes o tenho tentado, Mário? Acolher o falso amigo que, nas minhas costas, me trairá pouco depois; ajudar aquêle que veiu até mim e saber depois que êsse mesmo me critica e me inveja, me mancha com o vomitar das suas insídias...

— É o mal da nossa época... Os Judas Iscariote estão em tôdas as esquinas a olhar-nos maldosamente e à espera de nos venderem por trinta dinheiros... Poderás tu perdoar a um dêsses Judas Iscariote que te traíu? Podes? Responde, Jorge!

— Já o tenho feito! Sim, já o tenho feito! Mas depois grito, como estava a gritar há pouco contra a miséria dos homens dos nossos dias!

* * *

Éste diálogo vivo, que o autor desta história ouviu, acidentalmente, envolve a vida humana dos nossos dias. De um lado, os homens que ainda querem a bondade e o amor; do outro, os que fogem do amor e da bondade. Jorge, um sonhador, um ansioso pela perfeição; Mário, um realista, terra-a-terra, conhecedor dos homens e da vida. O primeiro, a sonhar com uma vida melhor; o segundo, desiludido da vida melhor. Um choque. Um grito medonho da nossa época. Uma divisão.

— Quando isso acontece, Jorge, igualas-te aos demais... E estás em contradição contigo mesmo... E eu sei da tua bondade, o que tens feito pelos outros, o que tens ajudado os outros. Vieste pela vida, com o sonho de te dar e de servir. Tens cumprido. Sentes o Bem como uma dádiva de Deus...

— E os outros, Mário?

— Os outros são egoistas, só pensam nêles, nas suas necessidades, nas suas comodidades, nos seus atropelos... êsses mesmos que tu tens ajudado e te criticam, pelas costas...

— Que importa?

— Importa à tua maneira de ser, Jorge! Importa ao teu caráter e quando te exaltas para os verberar, sofres mais do que êles... Tu, sofres pelo descalabro moral dêsses uns quantos; sofres, por ti, que te vês abocanhado e intrigado... e eles? Êles, só pensam no ódio e na vingança... Não tens mêdo?

— Mêdo? Não, Mário! Eu tenho, a mais do que êles, esta fé em Deus que me couraça; uma fé imensa, dorida mas imensa... êles não têm outra fé que não seja a má-fé e o òdiozinho vesgo...

— Mas que desejas tu da vida e dos homens?

— Já não sei o que desejo! Queria apenas paz para viver...

— Ainda bem que a não tens, Jorge! É Deus que te dá essa inquietação, para que sejas diferente dos demais...

— Estás a provocar-me o orgulho...

— Não, não estou. Sei que a vaidade e o orgulho não te dizem nada e que os gritos que dás — já o compreendi! — são mais de dor do que de revolta e de intolerância.

— E Deus?

— Deus! Deus é a tua angústia! É a tua angústia que te não deixa ser mau para o teu semelhante; é a angústia que te leva a cuidar dos que sofrem, tu que nada tens de teu, a não ser o teu trabalho e os teus sonhos de uma vida melhor...

— E perseguem-me...

— E perseguir-te-ão sempre, Jorge... Estou a lembrar-me da tua infância... da vergonha que sofreste com Maria Varina; da dor que te tomou com a morte de Ana Maria; dos teus sonhos e ansiedades quando te morreu tua tia Rosália; estou a recordar os dados de marfim, o ridículo das luvas brancas e o teu amor impossível com Carminha... Vieste, pela vida, massacrado, mas sempre igual a ti próprio, a sonhar com outros mundos, outras vidas melhores, outras pessoas melhores do que elas são... E acontece-te o mesmo com o teu trabalho no escritório, onde os teus patrões te estimam e os colegas te invejam... E nunca fôste bajulador, antes pelo contrário! Abres a bôca e dizes o que te parece! És imperfeito, Jorge, como eu e como os demais! Não és orgulhoso nem vingativo...

— Mas os demais...

— Êsses não contam Jorge! Os teus olhos voltaram-se para as estrêlas, pois deixa-te encandear pela sua luz... E esquece os que te

maculam o coração e a consciência com a perseguição movida pela inveja e pelo ódio...

— E se eu não puder?

— Então... falhaste! E não é isso que tu queres... ou é?

— Não, por Deus, que não! Não quero falhar! Quero viver a vida como a vivo! Não quero ser como os animais! Quero ter sonhos! Quero continuar a lembrar-me de Maria Varina e de Carminda, de Ana Maria e de Rosália, dos dados de marfim, do meu tio bêbado de desgôsto... quero recordar os meus tempos de bibe, em que jogava o pião... queria ser inocente como a própria inocência para não entender a maldade que nos rodeia... queria viver com os olhos nas estrêlas para não olhar as luzes da terra e não sentir o sangue nas veias... queria que o meu sangue fôsse apenas sangue do meu Espírito, se acaso o espírito é sangue! Queria dar-me como S. Francisco de Assis... queria morrer como S. Vicente de Paula...

— Então, Jorge, domina-te... Não te exaltes, não grites, esquece os ódios e as intrigas que te movem... E continua a olhar as luzes das estrêlas...

* * *

Um a dois anos se passaram depois dêstes diálogos de Jorge, a personagem viva que os nossos leitores já conhecem. Nesse espaço de tempo, nada soube de Jorge ou de Mário. Como os nossos leitores. Mas, um dia, não muito distante, vimo-lo. A seu lado, Mário, seu velho e inseparável amigo. Jorge vestia um hábito franciscano e Mário, rosto fechado, olhava-o, nos olhos uma expressão suave e amiga. Seguimos os dois amigos e foi êste o último diálogo que lhes ouvimos.

* * *

— A princípio, não quis acreditar, Jorge! Mas, tu tinhas razão... Não nasceste para viver neste mundo com os homens maus... a vida está cheia de homens maus como nos desenhos de Disney ou nas histórias fabulosas criadas pela imaginação dos poetas... A vida é cansaço...

— Que nunca senti, Mário! Eu vim para Deus, neste hábito, que me defende a epiderme, o sangue humano que me corria nas veias... Não mudei, Mário! Continuo a ter os mesmos sonhos e a ser o que era em relação ao meu semelhante! Mas era necessário fugir? Perguntaram-me, um dia. Não, não fugi. Continuo a viver a vida pelo meu semelhante, apenas com a diferença máxima de que já me não preocupam os dizeres humanos! Não, Mário! O que havia em mim era êste desejo de me dar a Deus nos homens e dei-me. Agora, êsses que me atacavam, calaram-se. Já não lhes faço sombra! E eu, já não me exalto! Tenho piedade dêles! Piedade do meu coração que sangra porque êles não me ofendem nem ofendem o nosso semelhante, mas Deus em cada homem, Deus em cada desvio, Deus em cada imoralidade, Deus em cada ódio. É isso que êles não entendem, mas entenderão um dia. Quando êles entenderem que por cada ódio ou cada perseguição, estão a odiar e a perseguir Deus, então sofrerão o que eu nunca sofri, chorarão o que eu nunca chorei... Peço a Deus para estar presente, nesses momentos, para poder confortar êsses que sofrem e enxugar as lágrimas dêsses que chorarem...

* * *

A vida de Jorge — a vida humana — termina aqui. Aos nossos leitores fazemos, porém, uma prevenção: a história de Jorge (e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência) só ficará completa com a anotação da sua Morte. Talvez, dentro de um mês ou um ano, de 10 meses ou 10 anos, possamos concluir a história de Jorge...





O ESPÍRITO POPULAR NO

CARNAVAL DE RUA



DIZEM que o Carnaval de rua está morrendo e de fato, de ano para ano, vem perdendo aquela grandeza dos outros tempos. Não se sabe bem porque, as festas de Momo estão se recolhendo aos salões, deixando quase vazias muitas ruas e praças que outrora (dizem os saudosistas) se incendiavam de alegria. Apesar da decadência, o Carnaval de rua ainda não morreu, ainda sobrevive através do espírito popular, que se manifesta através de sátiras e outras formas de bom humor. São êsses flagrantes, embora poucos, os mais sadios aspectos do Carnaval carioca tão cheio de execessos capazes de estarrecer um frade de pedra. Enquanto na maioria dos salões a malícia direta e, até mesmo, a depravação, constituem para a maior massa de foliões o principal atrativo, ainda sobrevive nas ruas um pouco de graça simples, fundamentada na ironia, na caricatura ou na crítica de fatos ou figuras, de qualquer modo evidenciando a beleza do espírito popular. Nestas páginas reproduzimos vários flagrantes que assinalam a sobrevivência do Carnaval de rua **(Fotos VINICIUS LIMA e VÍTOR TAPAJÓS)**



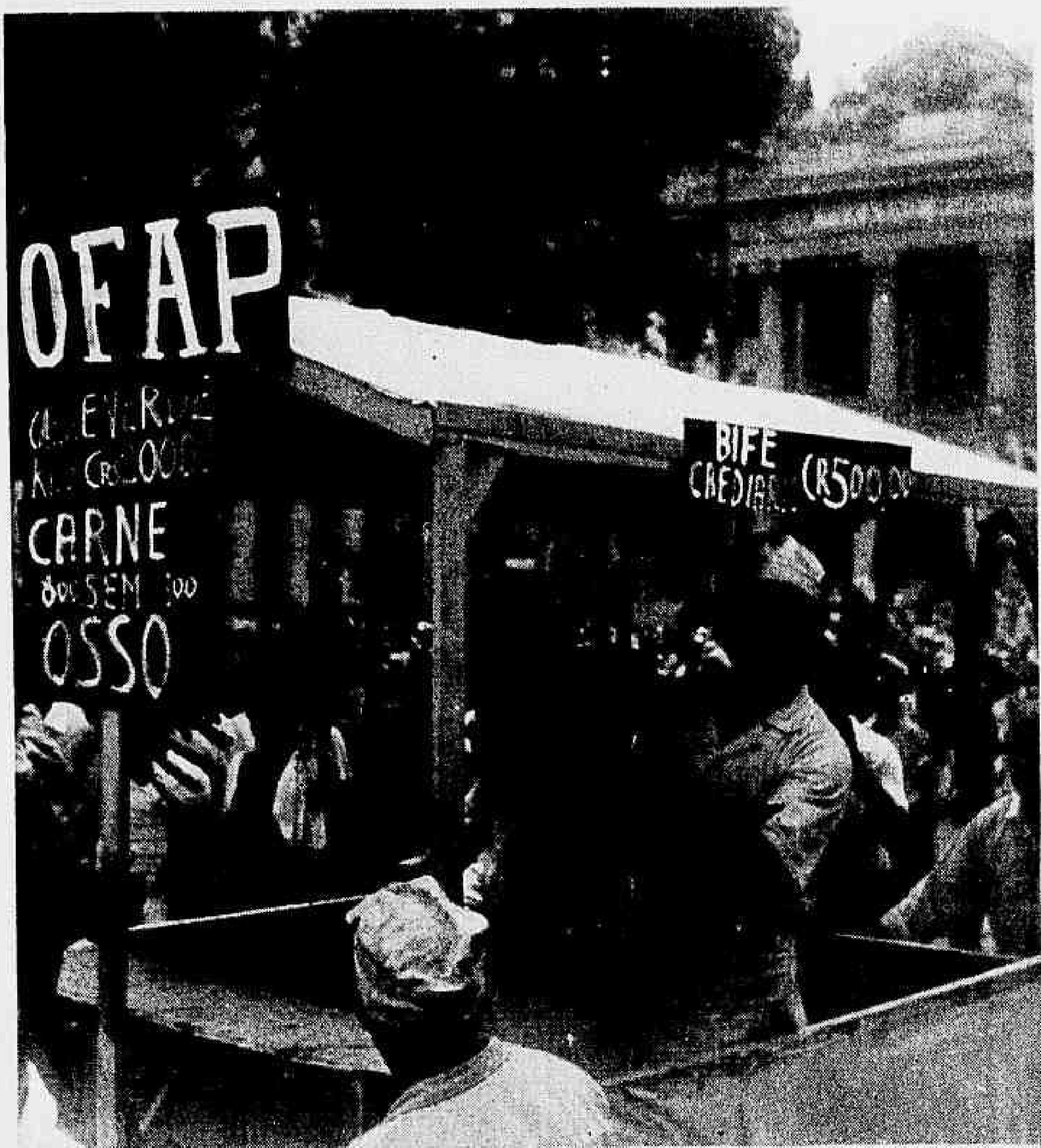





BICHO
HOJE
PARA QUE SERVE UM POSTE
TOTÓ













CARNAVAL DE

● *Ao lado de alguns mascarados que con-*
garidade do Carnaval de rua, poucos fora-
apresentar alguma novidade. Não falta-
"burrinha", numa versão melhorada com
cavalo ganhador de "Grande Prêmio",
gos" e "mortes", "anjos" e "melindrosas
alto custo da vida, com a COFAP venden-
nhentos cruzeiros pelo crediário, foi mu-
de grande receptividade popular. O mes-
seguiu o "Xadrês dos Gregórios", com ap-
sioneiros" quando muitos outros delinqü-
importantes) continuam livres, divertind-
val da vida... (Fotos Vitor Tapajós e V







CARNAVAL DE RUA

• *Ao lado de alguns mascarados que constituem a vulgaridade do Carnaval de rua, poucos foram os foliões a apresentar alguma novidade. Não faltaram a velha "burrinha", numa versão melhorada com aparências de cavalo ganhador de "Grande Prêmio", nem "morcegos" e "mortes", "anjos" e "melindrosas". A crítica do alto custo da vida, com a COFAP vendendo bifes a quinhentos cruzeiros pelo crediário, foi muito oportuna e de grande receptividade popular. O mesmo efeito conseguiu o "Xadrês dos Gregórios", com apenas três "prisioneiros" quando muitos outros delinqüentes (os mais importantes) continuam livres, divertindo-se no Carnaval da vida...* (Fotos Vitor Tapajós e Vinicius Lima).







FÁTIMA - Revelação dos três Pastôres

Por MÁRIO SALGUEIRO

Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil, para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

(CAPÍTULO VIII)

— Gastou pouco tempo.

— Estava envolvida nalgum clarão?

— Veio no meio dum esplendor. Desta vez também cegava. De vez em quando tinha de esfregar os olhos.

— Nossa Senhora tornará a aparecer?

— Não faço conta que torne a aparecer, não disse nada.

— Não tens tenção de voltar a Cova da Iria no dia treze?

— Não tenho.

— A senhora não fará mais milagres? Não curará enfermos?

— Não sei.

— Não lhe fizeste nenhum pedido?

— Eu disse-lhe hoje que tinha vários pedidos a despachar e ela disse que despachava uns, outros não.

— Não disse quando os despachava?

— Não disse.

— Sob que invocação quer que se faça a capela na Cova da Iria?

—Disse hoje que era à Senhora do Rosário.

— Disse que queria que fôsse lá muita gente de tôda a parte?

— Não mandou lá ir ninguém.

— Viste os sinais do sol?

— Vi. Vi-o andar à roda.

— Viste também sinais na carrasqueira?

— Não vi.

— Quando era a Senhora mais bonita, desta ou das outras vêzes?

— O mesmo.

— Até onde lhe descia o vestido?

— Até mais abaixo que o meio da perna.

— De que côr era o vestido de Nossa Senhora ao pé do sol?

— O manto era azul e o vestido branco.

— E o de Nosso Senhor, o de S. José e o do Menino?

— O de São José era encarnado e o de Nosso Senhor e do menino penso que também eram encarnados.

— Quando perguntaste à Senhora que faria para que o povo acreditasse na sua aparição?

— Perguntei-lhe umas poucas de vêzes: a primeira vez que perguntei, cuido que foi no mês de julho.

— Quando te disse o segrêdo?

— Parece-me que foi da segunda vez.

Assim começou a interrogá-lo o cônego Nunes Formigão, a respeito da aparição de 13 de outubro.

— Além de Nossa Senhora, quem é que viste hoje, quando estavas na Cova da Iria?

— Vi São José e o Menino Jesus.

— Onde é que os viste?

— Vi-os ao pé do sol.

— Que disse a Senhora?

— Disse que rezassem o têrço todos os dias e que a guerra acabava hoje.

— A quem foi que disse isso?

— Disse-o à Lúcia e a mim. O Francisco não ouviu.

— Ouviste-lhe dizer quando vinham os nossos soldados?

— Não ouvi.

— Que mais disse ela?

— Disse que fizessem uma capela na Cova da Iria (Doutra vez a Jacinta expressou-se assim: «Disse que fôsse a gente fazer lá uma capela»).

— Ouviste dizer isso a ela ou à Lúcia?

— A ela.

— Donde veio a senhora?

— Veio do nascente.

— E para onde foi quando desapareceu?

— Foi para o nascente.

— Foi-se embora recuando de frente para o povo?

— Não; voltou as costas.

— Não disse que tornassem a ir à Cova da Iria?

— Tinha dito antes que era a última vez que vinha e hoje disse também que era a última vez.

— A senhora não disse mais nada?

— Disse hoje que rezasse a gente todos os dias o têrço à Senhora do Rosário.

— Onde é que ela disse que a gente devia rezar o têrço?

— Não disse onde.

— Disse que fôssemos rezar à igreja?

— Nunca disse isso.

Onde rezas o têrço com mais gôsto, aqui em tua casa ou na Cova da Iria?

— Na Cova da Iria.

— Porque gostas mais de o rezar lá?

— Por nada.

— Com que dinheiro disse a senhora que se havia de fazer a capela?

— Disse que fizessem uma capela, não quis lá saber do dinheiro.

— Olhaste para o sol?

— Olhei.

— Viste os sinais?

— Vi.

— Foi a senhora que mandou olhar para o sol?

— Não mandou olhar para o sol.

— Então como pudeste vêr os sinais?

— Voltei os olhos para o lado.

— O Menino Jesus estava ao lado direito ou ao lado esquerdo de S. José?



RESUMO DA PARTE PUBLICADA

Depois de muitas controvérsias sôbre os fenômenos da Cova da Iria, assistidos por numerosas pessoas, os mais autorizados comentaristas da imprensa decidiram aguardar a palavra definitiva da Igreja. Enquanto isso, as notícias das aparições aos Pastorinhos se espalhavam pelo mundo, todos querendo interrogar as crianças e saber delas o que a Virgem lhes dizia. O dr. Nunes Formigão, em casa de Jacinta e Francisco, submeteu Lúcia a novo interrogatório, através do qual ficaram confirmadas declarações anteriores e foram revelados novos e interessantes detalhes.

— Estava ao lado direito.
— Estava em pé ou ao colo?
— Estava em pé.
— Vias o braço direito de S. José?
— Não via.
— Que altura tinha o menino? Chegava com a cabeça ao peito de S. José?
— O Menino não chegava à cintura de São José.
— Quantos anos parecia ter o Menino?
— Era como a Deolinda do José das Neves (criança de um para dois anos).
Francisco, sendo interrogado, relatou o seguinte:
— Desta vez também viste Nossa Senhora?
— Vi.
— Que Senhora era?
— Era a Senhora do Rosário.
— Como estava vestida?
— Estava vestida de branco e tinha o têrço na mão.
— Viste S. José e o Menino?
— Vi.
— Onde os viste?
— Ao lado do sol.
O menino estava ao colo de S. José ou ao lado dêle?
— Estava ao lado dêle.
— Era grande ou pequeno?
— Era pequenino.
— Era do tamanho da Deolinda, do José das Neves?
— Era assim bem como ela.
— Como tinha a Senhora as mãos?
— Tinha as mãos postas.
— Viste-a só na carrasqueira ou também ao pé do sol?
— Vi-a também ao pé do sol.
— Qual era mais claro e brilhante: o sol ou o rosto da Senhora?
— O rosto da Senhora era mais claro; a Senhora era branca.
— Ouviste o que a Senhora disse?
— Não ouvi nada do que a Senhora disse.
— Quem te disse o segrêdo? Foi a Senhora?
— Não foi; foi a Lúcia.
— Podes dizê-lo?
— Não o digo.
— Não o dizes, porque tens mêdo da Lúcia; receias que ela te bata, não é verdade?
— Não.
— Então por que não o dizes? Por que é pecado?
— Se calhar, é pecado dizer o segrêdo.
— O segrêdo é para bem da tua alma, da alma de Lúcia e da Jacinta?
— É.
— É para bem da alma do sr. Prior?
— Não sei.
— O povo ficava triste se o soubesse?
— Ficava.
— De que lado veio a Senhora?
— Veio da banda do nascente.
— E, quando desapareceu, foi para o mesmo lado?
— Foi também para o nascente.
— Ia recuando?
— Ia com as costas voltadas para nós.
— Ia devagar ou depressa?
— Ia devagar.
— Ela caminhava como nós?
— Não caminhava; ia certinha, não mexia os pés.
— Que parte da Senhora desapareceu primeiro?
— Foi a cabeça.
— Agora viste-a tão bem como das outras vêzes?
— Agora vi melhor que no mês passado.
— Quando era mais bonita, agora ou das outras vêzes?
— Tão bonita como no mês passado.

OPINIÕES DE PESSOAS QUE ESTIVERAM PRESENTES À COVA DA IRIA A 13 DE OUTUBRO

Em carta dirigida a sua tia, senhora Marquesa da Ribeira Grande, a sra. Mariana Pinto Coelho, assim se expressa, em outubro de 1917: «Vi o sol descer à terra de uma maneira extraordinária, chegando a incomodar o calor; vi-o andar à roda com velocidade, como as rodinhas de fogo prêso».

O dr. Nascimento e Sousa, advogado, também em carta datada de 31 de outubro de 1917, conta

(Cont. na pág. 46)



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

VARIEDADES

647 VESTIDOS!

Não estamos falando de nenhum guarda-roupa fabuloso de estrêla de cinema... Mas de um fato comovente de solidariedade humana, que aconteceu em Londres. Uma menina de 13 anos, como prêmio por ter encontrado e restituído uma mala, foi convidada a participar de um baile, em sua homenagem. Porém, não tinha um só vestido próprio à circunstância. Um jornal londrino comentou o fato, e, no mesmo dia, a feliz «gatinha borralheira» recebeu de presente, de pessoas comovidas com a sua situação, 647 vestidos!

VOLTAM OS BIKINIS?

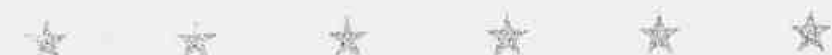
Parece que assistiremos êste ano de 1955 à volta dos bikinis. Notícias dos Estados Unidos dizem que as mais importantes fábricas de maiôs incluíram novos e interessantes modelos em suas últimas apresentações e desfiles. Anunciam os entendidos que o bikini como traje de banho... ou de exibição.

«RECORD» DAS PREMATURAS

O mais estranho caso de nascimento prematuro que se conhece é o da pequenina Mary E. Campbell que nasceu com 5 meses e meio de gestação, e... está viva, na incubadora de um hospital de Memphis (nos EE. UU.) os médicos têm esperanças de que a menina sobreviva. Depois de decorrido um mês de seu nascimento pesava Mary apenas meio quilo!

SERÁ MOTIVO?

Falando sôbre notícias curiosas do ano passado, um jornal deu a seguinte como a mais estranha causa de divórcio de 1954: «Uma senhora de Fort Lauderdale pediu divórcio porque seu marido insistia em fazer êle mesmo todo o serviço da casa».



Tenha em sua penteadeira diversas tonalidades de "baton", para poder encontrar sempre aquêle que melhor combina com a sua "toillete", de dia ou de noite.

UM POUCO DE BELEZA

FALANDO DE CÔRES

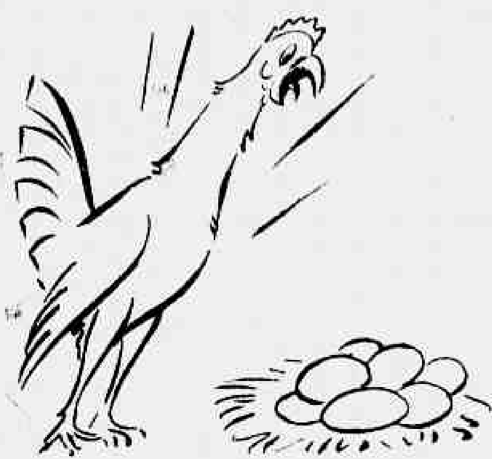
QUANDO escolher sua maquilagem, pense em harmonizá-la não apenas com a tonalidade de sua tez e de seus cabelos, mas também com as côres da roupa que usar e até — aconselha um especialista — com a pintura da parede de sua sala (Se vai receber em casa).

QUALQUER tipo de mulher pode usar as côres em moda se souber modificar a maquilagem para obter harmonia de conjunto. No entanto, existem tonalidades que lhe assentam melhor e dessas deve se aproveitar para a escolha de suas roupas «básicas».

CERQUE-SE, em seu lar, de suas côres, preferidas, daquelas que melhor realçam o seu tipo, a sua beleza. Suas visitas — e antes de tudo seu marido — achá-la-ão mais encantadora, sem perceber que parte disso é graças a pintura das paredes ou à tonalidade do tecido das cortinas e estofados.

ANTES de adotar aquela côr exótica para o novo vestido, faça um teste: corte uma tira em tecido ou papel na tal tonalidade, ponha-a na frente, de um ombro a outro. Diante do espelho experimente «nuances» diversas de maquilagem. Se nenhuma se harmonizar, desista de usar a côr exótica da experiência. Escolha outra.

WEEK-END NA COZINHA



Já provou torta de côco? É uma delícia!! E nada difícil de se preparar. Experimente a receita de hoje.



1 — Faça primeiro a crosta da torta, seguindo a sua receita preferida. Asse-a vazia (usa-se encher com feijão cru para não perder a forma ao assar. Depois retira-se o feijão e... pronto!)

2 — Prepare um doce de côco para o recheio: um côco ralado, um copo de leite, 200 gramas de açúcar, cozinhe tudo até tomar consistência de doce de côco de compoteira.

3 — Tire do fogo, junte 1/2 xícara de suco de laranja e uma colherinha de casca de laranja ralada. Misture e deixe esfriar 5 minutos, mexendo de vez em quando.

4 — Ponha o recheio na crosta já assada. Gele.

5 — Na hora de servir enfeite com creme de leite batido e gomos de laranja, formando uma estrêla, como na fotografia.

SUGESTÃO PARA O LAR



● Hoje em dia, nas grandes cidades, pouca gente dispõe de uma sala para refeições isolada da sala de estar. O normal está se tornando existir um só aposento com dupla-finalidade. Isso explica a grande voga do «móvel divisório», destinado a dar uma sugestão de dualidade de ambiente ao living — sala de jantar; ou ao living — quarto de dormir (nos apartamentos de um só aposento).

Na ilustração, a divisão é um móvel em cana da Índia e imbuia, em côr natural, com as portas inferiores adornados por painéis quadrados de imbuia, em sentido alternado, e as superiores em esteirinha. Creme, castanho e azul celeste (para as almofadas estofadas) foram as côres escolhidas pelo decorador Ficks Reed, responsável por esta criação.

NOTINHAS ÚTEIS

● *OS TINTEIROS, ainda quando muito manchados de tinta ressecada, podem ser perfeitamente limpos com uma mistura de sal fino e vinagre.*

● *SE A FACA FICOU COM GÔSTO DE CEBOLA, você poderá retirá-los fàcilmente lavando-a em água fria, e depois passando a lâmina ainda molhada sôbre a chama do gás.*

● *OS MÓVEIS VELHOS, muitas vêzes têm tendência a serem corroídos pelos vermes da madeira. Evite que isso aconteça, pulverizando de vez em quando no seu interior e na parte posterior (que fica encostada à parede) um pouco de uma mistura, em partes iguais, de álcool e ácido fênico.*

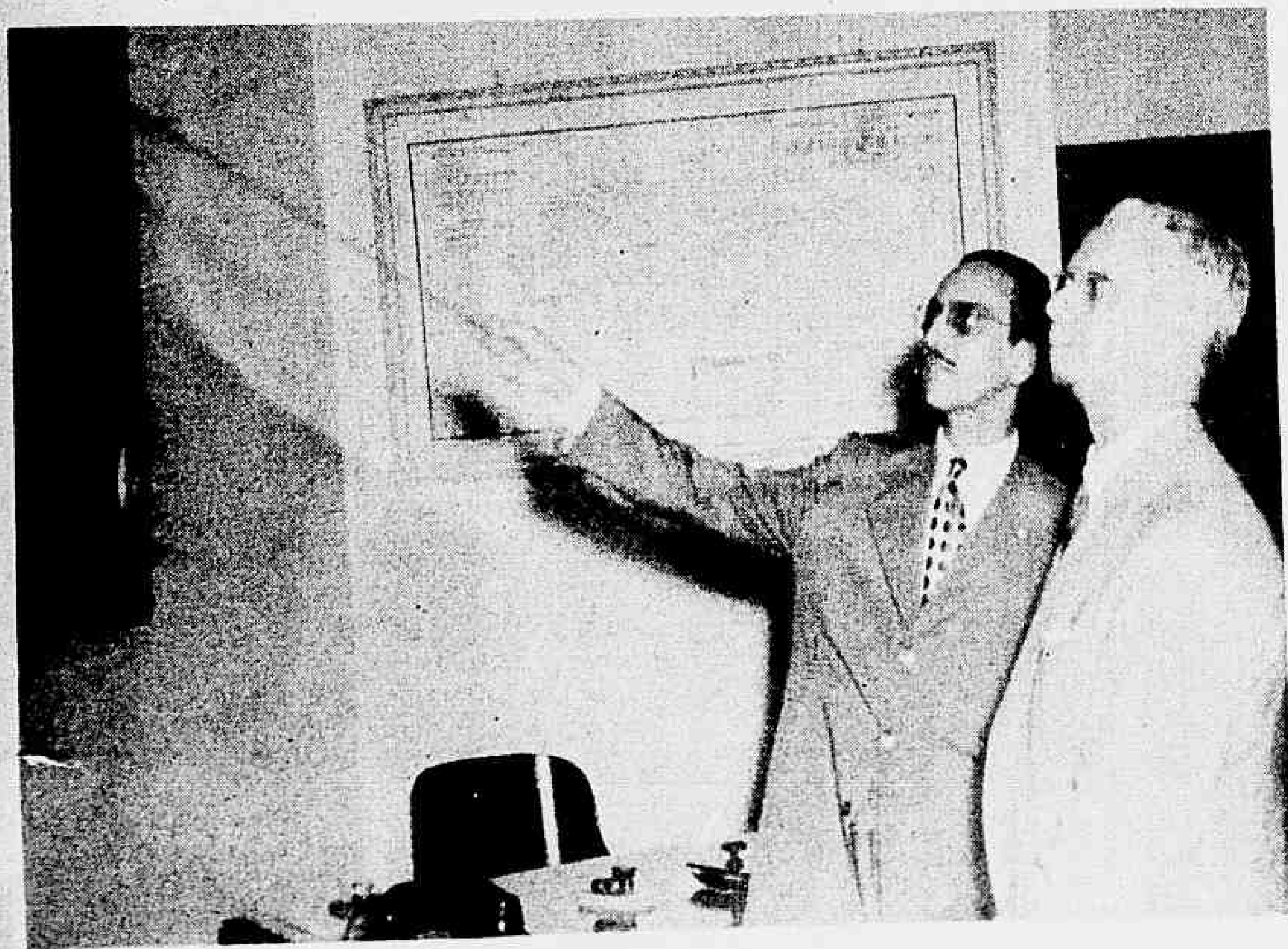
● *SE CAIU VELA em cima de um móvel ou sôbre outra superfície delicada, não procure retirar raspando, porque arranharia. Em vez disso, use um pano embebido em água quente, que o pingo de espermacete sairá com facilidade, sem deixar manchas.*

"NÃO DIZER, MOSTRAR"



Engenheiro Belizário Dias, diretor geral do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Pará.

SÃO MOSTRADAS AO ENGENHEIRO SOUSA LIMA AS REALIZAÇÕES DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM DO PARÁ, SOB A DIREÇÃO DO DR. BELIZÁRIO DIAS — "NOTÁVEL A OBRA PARAENSE NO TERRENO RODOVIÁRIO" — "ULTRAPASSOU TÔDA A MINHA EXPECTATIVA" — AFIRMA O PRESIDENTE DO CONSELHO RODOVIÁRIO NACIONAL — EXEMPLAR A ORGANIZAÇÃO DA D.M.E.



O diretor do D.E.R. mostra através ae, grancos as obras realizadas por aquêle Departamento em todo o Estado.



O sr. Sousa Lima tudo inspeciona — O secretário do Departamento, sr. Carlos Alves mostrando o movimento daquela Secretaria.

AO analisarmos comparativamente as realizações rodoviárias de um Estado, não devemos sòmente comparar a quilometragem realizada, os tipos de estradas executados, mas, também, levar em conta diversos fatôres. E' a cota prevista dentro do plano rodoviário nacional, variável pelo número de veículos existentes na região, pelo gasto de combustível facilitando assim as regiões mais populosas e mais progressistas. São as condições geográficas encarecendo as construções pelas obras d'arte. E ali, o rio, os igapós, a mata, em dificuldades maiores que regiões onde já existe civilização. E' a construção na busca de produção econômica em contraste da riqueza ávida de escoamento.

Muitos Estados com seus governadores e Departamento de Estradas de Rodagem têm feito alarma de realizações de grandes quilometragens executadas. Mas o D.E.R. do Pará tem razão ao se orgulhar do já feito e do já planejado na administração do dinâmico engenheiro Belizário Dias.

Em janeiro último foi ao Pará o engenheiro Souza Lima, presidente do C.R.N. e ex-Ministro da Viação, numa visita-inspeção dos trabalhos rodoviários na Região Amazônica. Sua autoridade profissional de engenheiro de elite, seu passado de administrador e de rodoviário são a afirmação das realizações do D.E.R. no Pará, pelas palavras que concedeu em entrevista à «Fôlha do Norte» após lhe serem mostradas tôdas as instalações e obras do Departamento.

Iniciou o sr. Sousa Lima a sua visita-inspeção pela sede do D.E.R. local, ouvindo nessa ocasião uma exposição do diretor geral, engenheiro Belizário Dias, que em seu gabinete, e através de gráficos, permitiu ao visitante concluir que se encontrava num Departamento onde o trabalho é realidade consumada. Nessa ocasião o sr. Belizário Dias apresentou uma síntese dos principais trabalhos executados na sua administração: obras de arte especiais; duzentos e cinco metros lineares construídos e cento e dezenove em construção; estradas pavimentadas, sessenta e cinco quilômetros — da P.A. — 25, em construção, 150 quilômetros; em conservação 1.350 quilômetros, em estudo, 80 quilômetros, em melhoramento 35 quilômetros.

O plano de pavimentação até dezembro do corrente ano é de 40 quilômetros. E' de notar que a totalidade dessa grande obra foi executada sob a direção, orientação e planejamento do engenheiro Belizário Dias e seu corpo de competentes auxiliares.

Após visitar a sede do D.E.R. a comitiva rumou para as oficinas na Av. Tito Franco, visitando as instalações da Divisão de Máquinas e Equipamentos, onde existem maquinários moderníssimos, não sòmente para reparação, como também para construção de peças para veículos leves e pesados do Departamento. Nessa oficina foi posta a funcionar uma série quase interminável de máquinas de diversos tipos e naturezas, inclusive a retificadora de eixos de manivela, considerada uma das mais modernas do mundo; foram percorridas as seções de tornearia, pintura, eletricidade, fundição, ferraria, fôrça e luz, sala de ferramentas, montagens de motores e a seção de máquinas pesadas Diesel, tôdas elas impressionando vivamente, não só ao ex-Ministro Sousa Lima como a tôda a comitiva que o acompanhara. Rumando em seguida para o almoxarifado, mais uma vez o sr. Sousa Lima manifestou o seu orgulho de rodoviarista por verificar que no Brasil já existia um almoxarifado que bem podia ser considerado, sem favor, o mais perfeito e bem aparelhado do país e, possìvelmente, da América do Sul.



Eng. Álvaro Sousa Lima, presidente do Conselho Rodoviário Nacional e ex-Ministro da Viação.

O presidente na sua permanência de seis dias em Belém do Pará, além da inspeção feita acima, percorreu as estradas BR-22, BR-14, onde pôde observar a primeira ponte de concreto construída sôbre o rio Jeju; a Belém-Mosqueiro, de prefixo PA-17 e a PA-25 na sua pavimentação. Uma das particularidades do D.E.R. do Pará, que bastante impressionou o presidente do Conselho Rodoviário Nacional, foi o funcionamento de seu serviço de rádio, nos principais pontos de trabalho — nos escritórios e nas estradas, onde podem se ligar, aproveitando a técnica e à ciência no bom andamento das obras. No escritório do primeiro distrito, em Castanhal o sr. Sousa Lima testou o funcionamento, entrando em freqüência com Belém, Capanema e Bujaru.

★

Foi a seguinte a entrevista concedida pelo sr. Sousa Lima a um jornalista da «Fôlha do Norte»:

— Qual a impressão do D.E.R. — PA?

— A melhor que um homem entendido em assuntos rodoviários possa ter. A sua organização, o sistema de trabalho, a disciplina e o perfeito entrosamento de seu maquinismo, entusiasmam não só o técnico, mas também o leigo, que olha a coisa, apenas pelo lado da curiosidade, do desconhecido enfim. Confesso sr. jornalista e o faço com maior prazer que o órgão Rodoviário Estadual do Pará ultrapassou tôda a minha expectativa, ratificando, agora, o que já disse anteriormente, de público, em Castanhal e João Coelho, durante os ágapes que ali me foram oferecidos.

— E sôbre os serviços técnicos executados pelo D.E.R.?

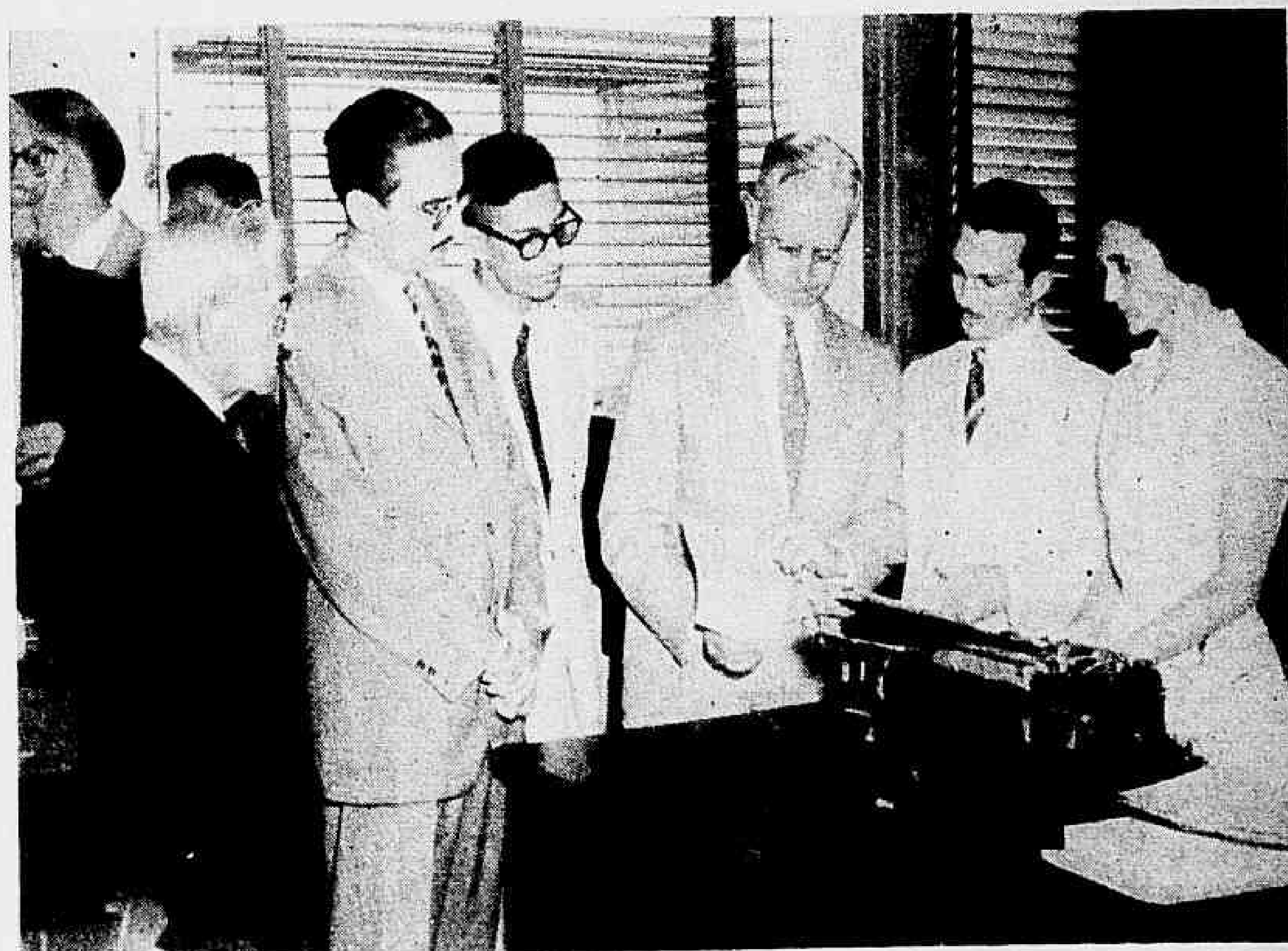
— Magníficos em tôda a sua extensão, pelo que me foi dado ver ao percorrê-los no interior, onde uma verdadeira equipe de engenheiros competentes e jovens, o que é admirável, vem conduzindo-as dentro do plano de obras Estadual e Federal, êste sob a fiscalização do 2º D.R.F.

— Acha que o Órgão Rodoviário Estadual tem cumprido o que determina a Legislação Rodoviária?

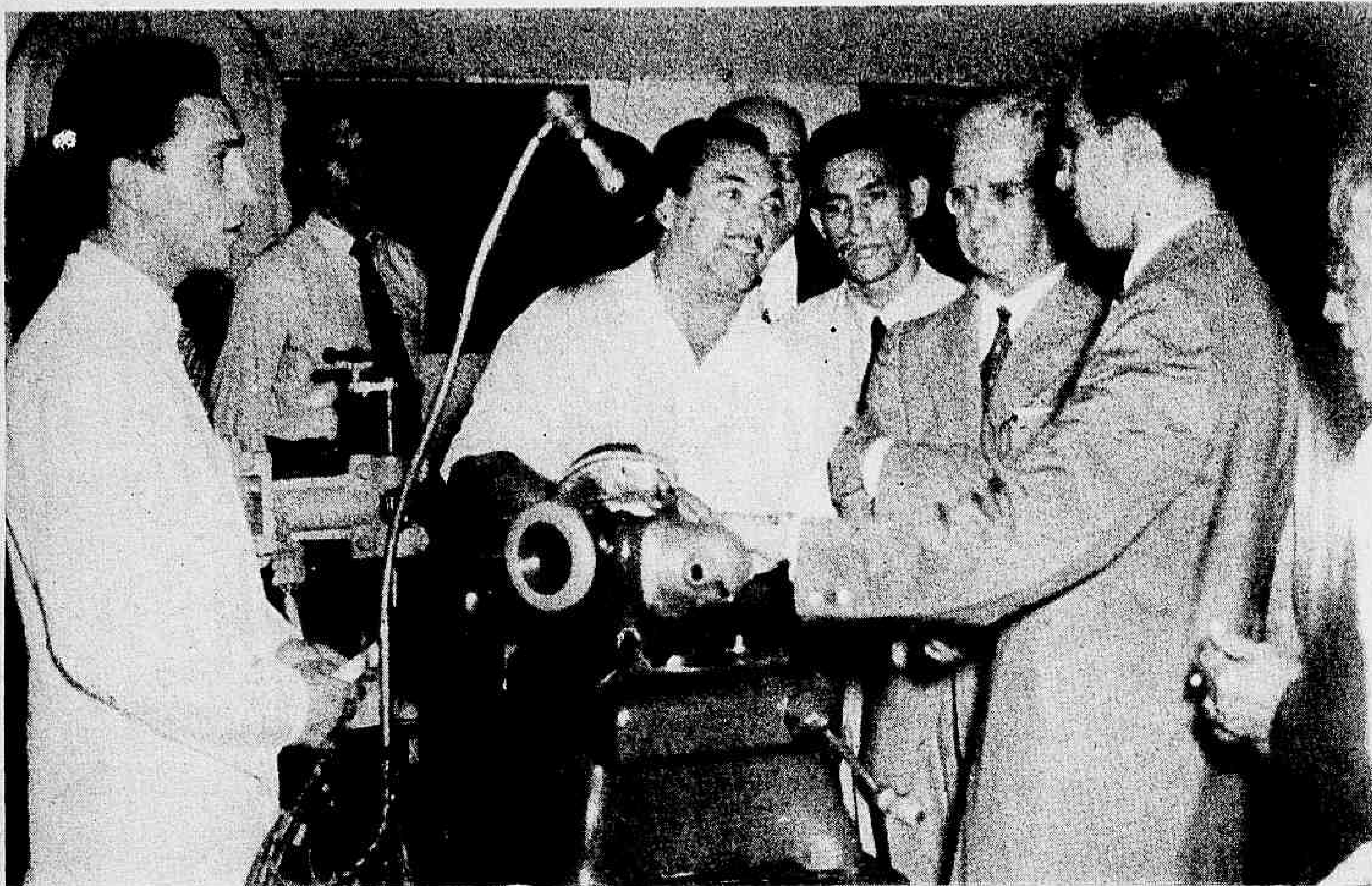
— De maneira notável. Principalmente no tocante aos diversos aspectos tomados pela Legislação Rodoviária, cuja doutrina tem base no rodoviarismo, dentro das suas necessidades, levando-se em conta, principalmente, o fato de se tratar de uma Legislação adequada a princípios especiais.



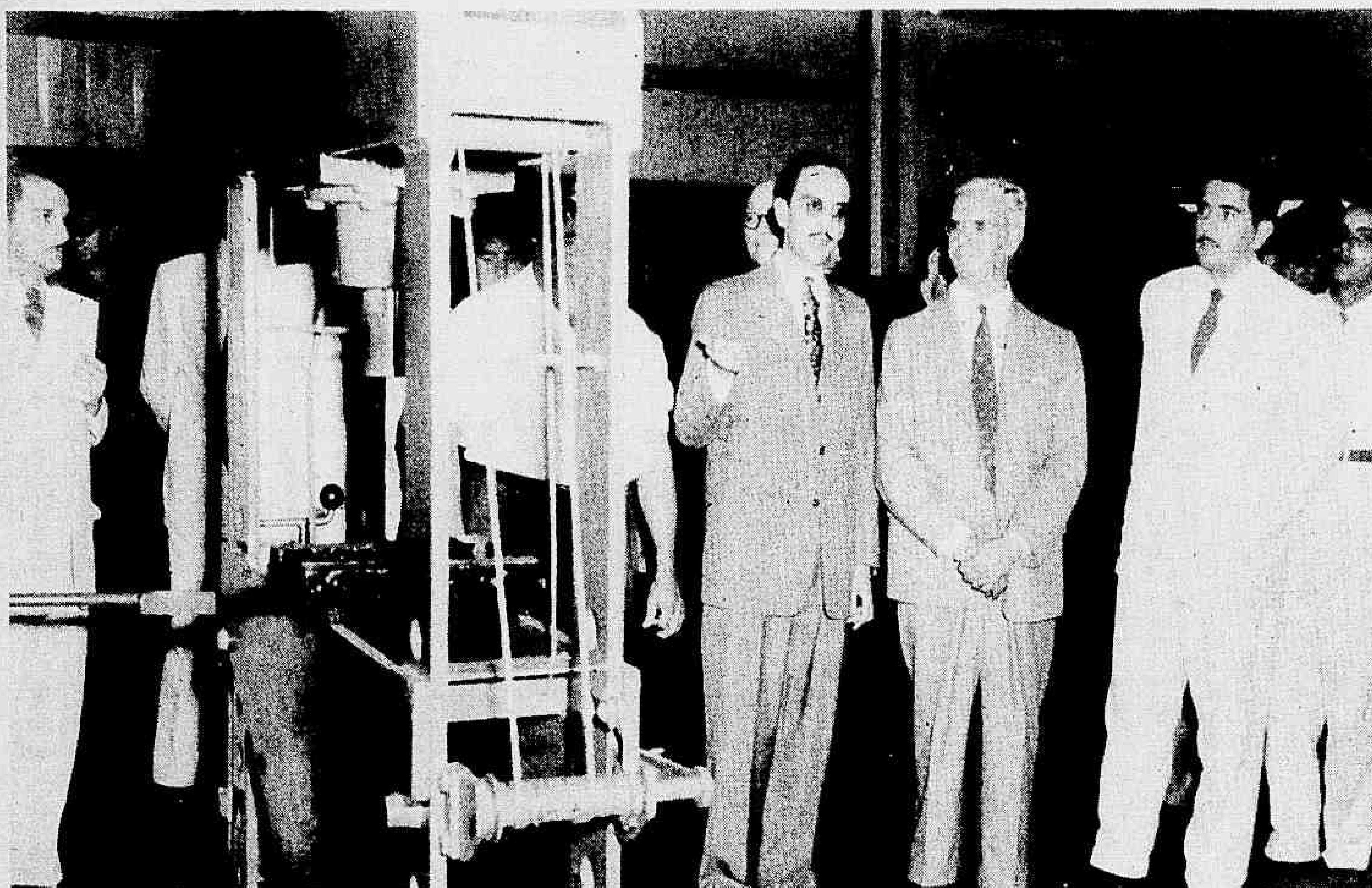
O chefe da Tesouraria, sr. Mário Martins, fazendo um relato minucioso sôbre o movimento de fôlhas de pagamento do D.E.R.



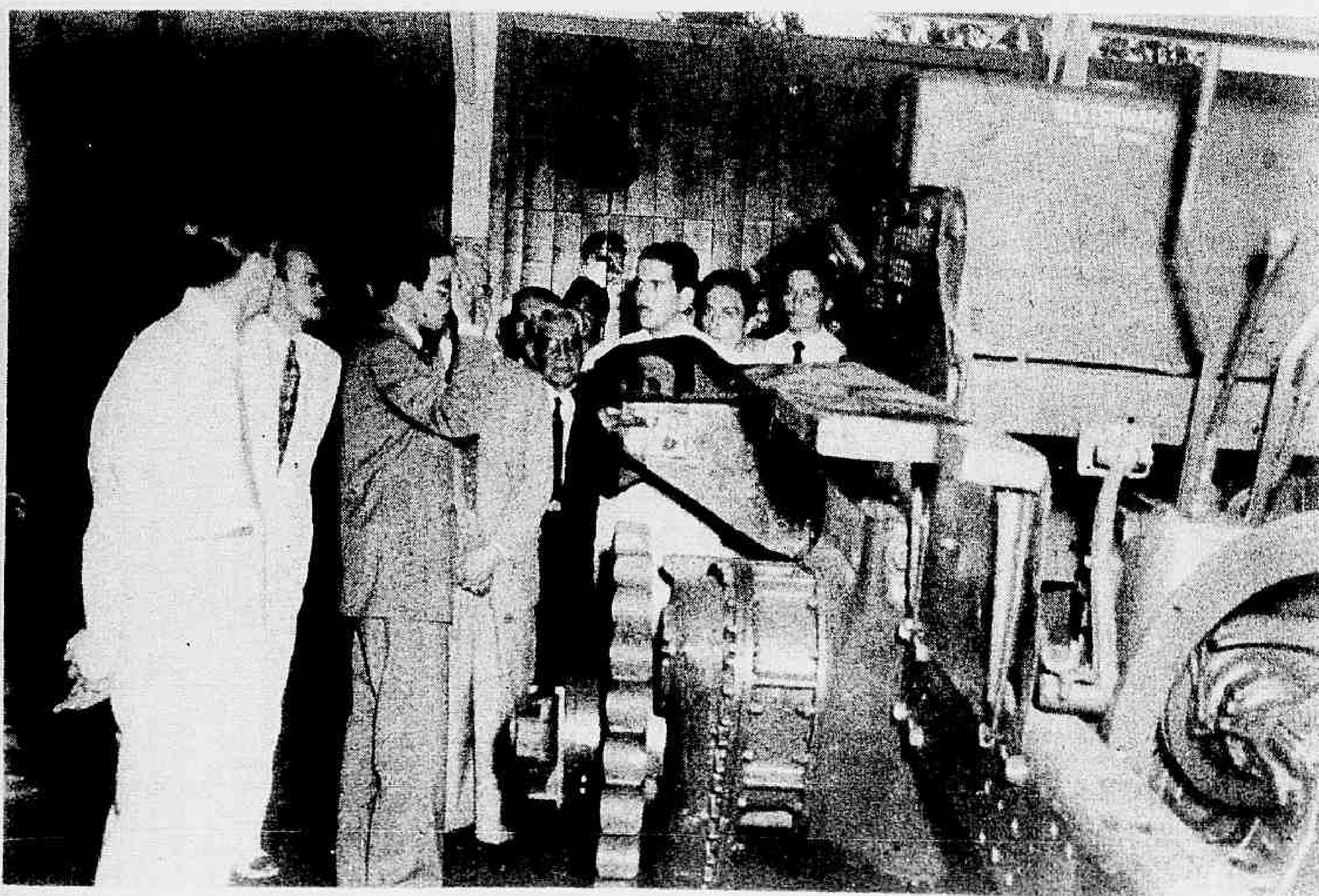
O Presidente do C.R.N. visita a Contabilidade e ouve as minuciosas explicações dadas pelo seu chefe, sr. Péricles Martins.



Flagrantes da inspeção feita pelo sr. Sousa Lima à D.M.E. (Oficina Central) do Departamento Estra-



das Rodagem P.A. O Presidente do Conselho Rodoviário Nacional a retificação da válvula do motor.



"NÃO DIZER, MOSTRAR"

— Que diz da D.M.E.?

— Exemplar em tôda a linha; acho que a mesma, como já disse, deverá servir, não só de exemplo aos D.E.R., mas também de tema à próxima R.A.R. A sua organização é fecunda, moderna e progressista. O pessoal que ali opera, forma um corpo de operários especializados nas diversas seções em que se acham espalhados, debaixo de um ambiente de ordem, disciplina e respeito, tendo como base dizeres da seguinte espécie: «Conversando, produz-se pouco e mal: por isto, não converse para produzir muito e bem». Tive ocasião de felicitar o diretor geral, engenheiro Belizário Dias, pela grandeza de sua obra, projetando e montando a D.M.E., num padrão que serve de orgulho aos rodoviários brasileiros, dêste e de todos os Estados.

— **E a parte técnico-administrativa?**

— Não encontrei melhor nem superior àquela em cujos D.E.R. já tive oportunidade de vislumbrar os serviços, como em São Paulo e Rio Grande do Sul, a frente dos quais já me encontrei na direção geral. A parte almoxarifado, por exemplo, reputo-a excelente por todos os títulos. Não será de mais dizer que o almoxarifado central do D.E.R. é um modêlo de organização.

— **A pavimentação asfáltica da zona bragantina preenche as finalidades de acôrdo com a intensidade do tráfego?**

— Exatamente, como tive a feliz oportunidade de verificar «in loco», tão importante obra servirá de orgulho aos paraenses, principalmente àqueles que se servem da rodovia tronco, (PA-25), para se transportarem aos campos de atividade ou gozarem de alegres horas de lazer. Ali, a técnica e os técnicos casaram-se em corpo e idéias, não esquecendo sr. jornalista, um ponto que muito me impressionou e que faço questão de que venha a consignar nesta entrevista, qual seja, aquêle de que os técnicos rodoviários paraenses uniram o útil ao agradável, procurando aliar a técnica à parte econômica, o que importa dizer-se que as rodovias paraenses são feitas à base da maior economia. Achei êste detalhe dos mais importantes.

Em outras entrevistas à imprensa paraense, o sr. Sousa Lima referindo-se ao Departamento de Estradas de Rodagem do Pará e ao seu diretor, engenheiro Belizário Dias, teve expressões como as que ora transcrevemos: — «Sinto-me orgulhoso de ser um batalhador do rodoviarismo» — «Em matéria de organização e trabalho nenhum D.E.R. suplanta o do Pará» — «A D.M.E. é um capítulo à parte em tudo que me foi dado ver no Departamento confiado à direção do engenheiro Belizário Dias, que é um exemplo a seguir.» — «Estou empolgado com tudo que me foi dado ver.»

Transcrevemos abaixo o discurso do diretor geral do D.E.R., engenheiro Belizário Dias, proferido no banquete de despedida oferecido ao casal Sousa Lima:

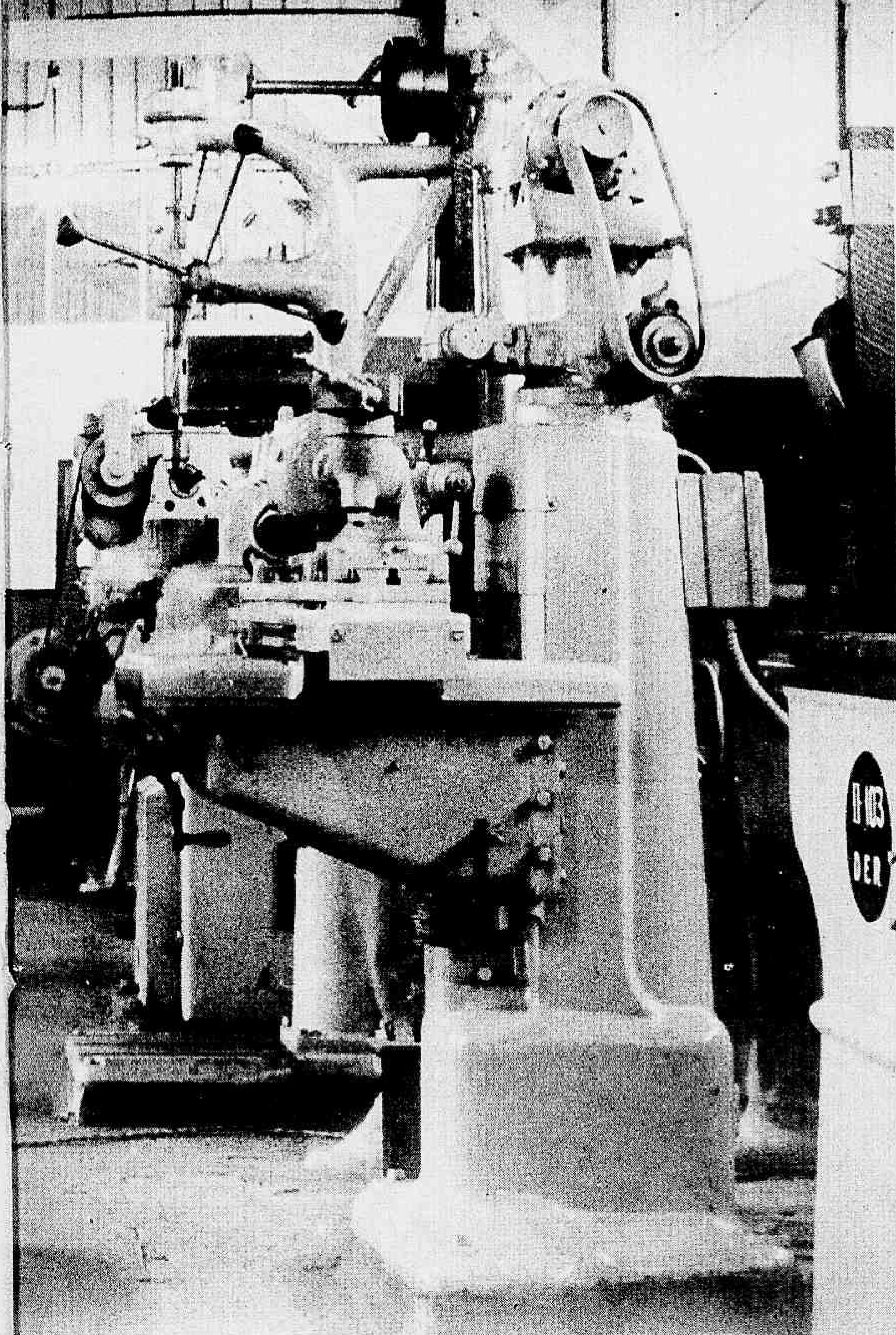
«Eis-nos aqui, exmo. sr. Ministro Álvaro de Sousa Lima, mui digno atual presidente do Conselho Rodoviário Nacional, para uma cerimônia que é, ao mesmo tempo, uma evocação, uma prestação de contas e uma homenagem.

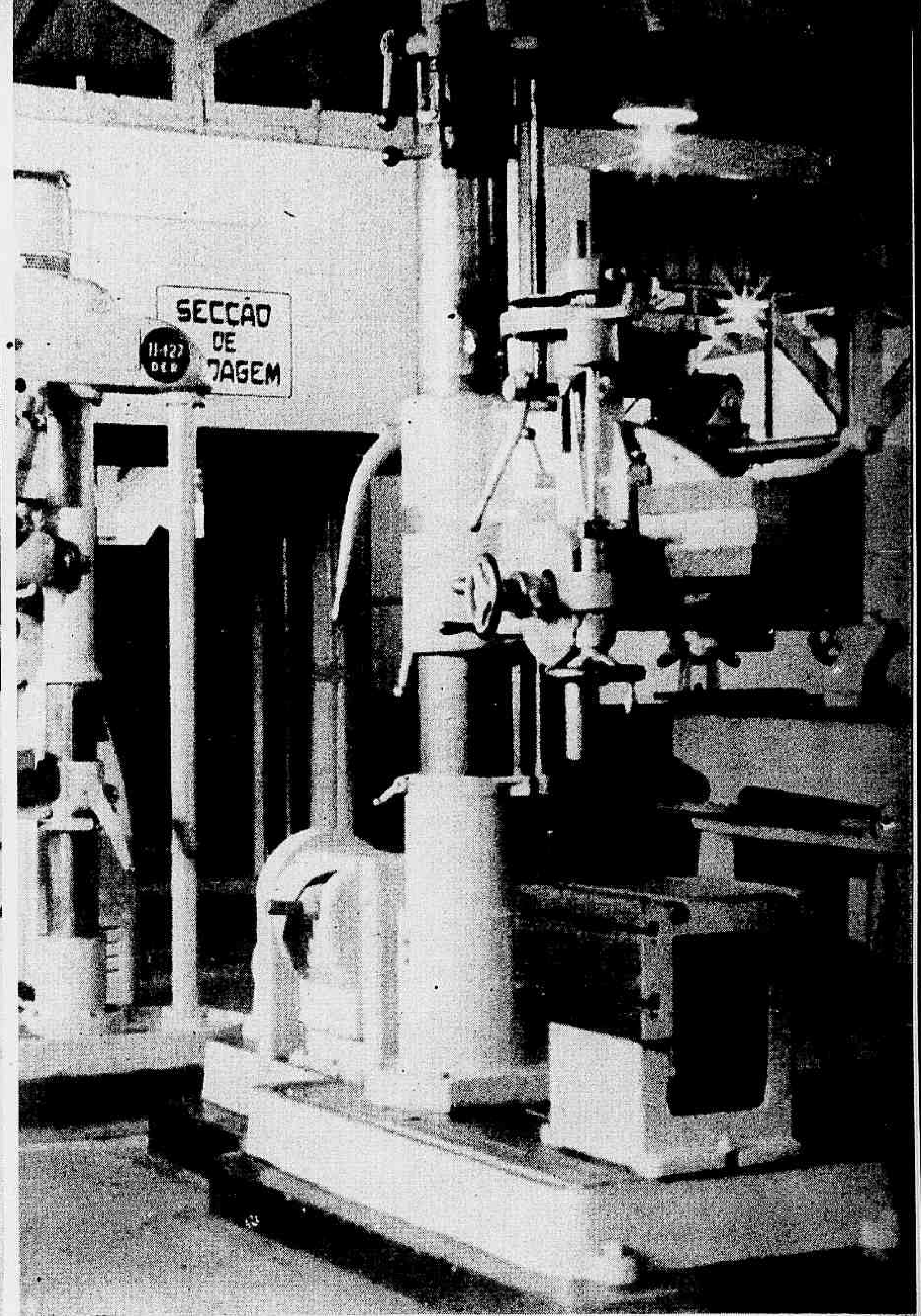
Êste ato, realmente, oferece-me um ensejo (e nos impõe que o aproveitemos) de lembrar os primórdios do magnífico movimento que vem abrindo para o Brasil, horizontes de progresso.

Diz o professor João Luderitz que «há uma íntima correlação entre o grau de civilização de um povo e as estradas de rodagem do seu país». O aforismo é procedente e nós o estamos sentindo desde 27 de dezembro de 1945, quando surgiu o decreto-lei federal 8.463, a primeira Lei Magna — digamos assim — do rodoviarismo nacional.

Entendemos um pouco tarde o destaque que o assunto merecia. Desde 1916 São Paulo abria estradas, e no nordeste a Inspetoria de Obras Contra as Sêcas criada por Epitácio Pessoa por volta de 1921, fazia o mesmo, dotada que fôra de abundantes recursos. Não havia, entretanto, unidade nem continuidade nesses serviços que, por sua vez viviam divorciados, primeiramente da Comissão Federal de Estradas de Rodagem, então — como bem salientou Nelson Othoni de Rezende — uma simples repartição burocrática do Ministério de Viação e Obras Públicas.

Em 1927, com a subida ao poder, no ano anterior, de Washington Luiz, começou a impor-se o ideal de que era pioneiro um abnegado grupo de engenheiros patrícios. Foi criada a Comissão Federal de Estradas





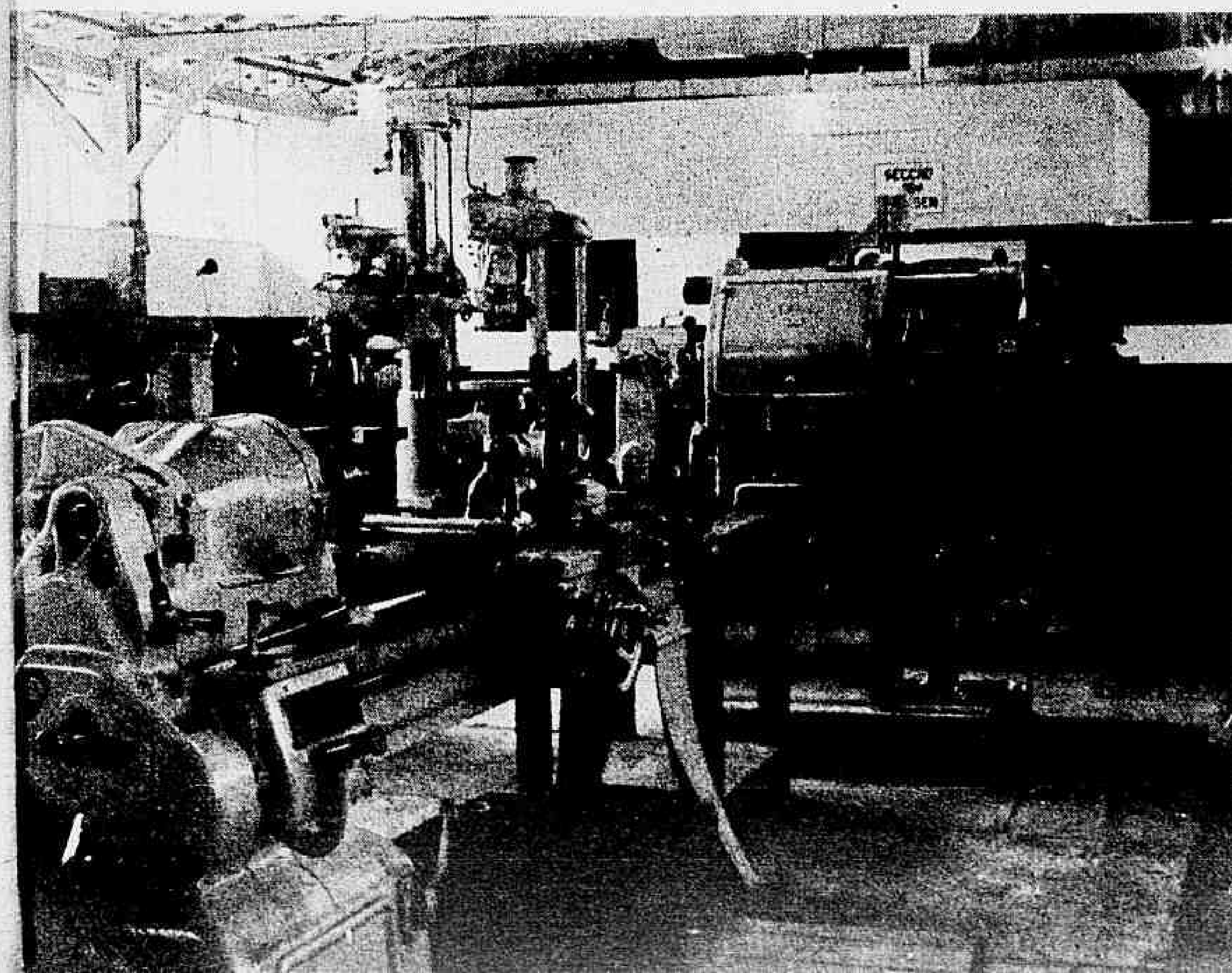
Aspectos internos do D.M.E. (Oficina Central) do D.E.R. uma das mais bem montadas e organizadas no Brasil. Máquinas operatrizes moderníssimas adquiridas pelo eng. Belizário Dias. Conforme opinião do presidente Sousa Lima, o D.M.E. é uma obra que orgulha o Rodoviarismo Nacional.

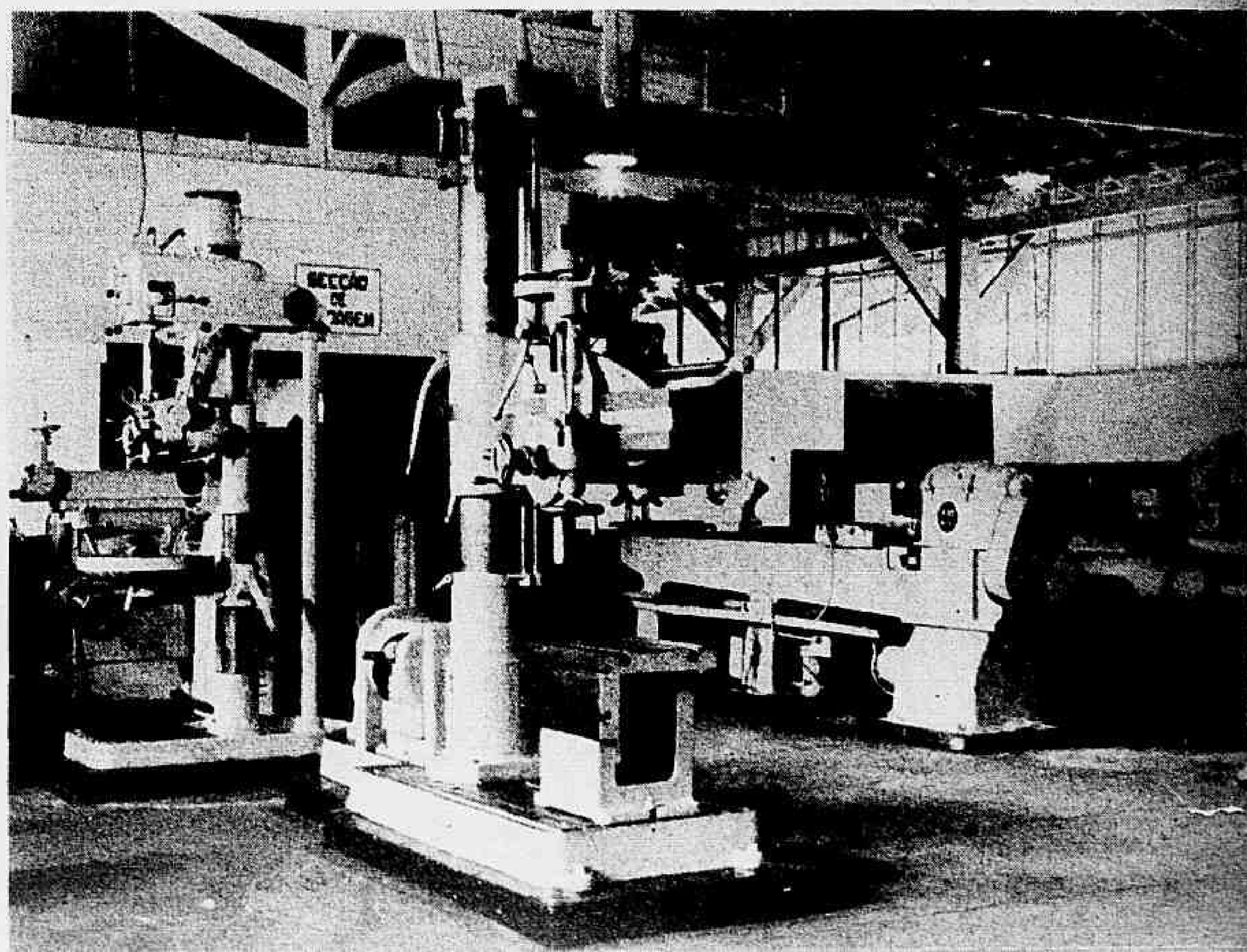
de Rodagem para atacar a construção, em concreto, da ligação Rio-Petrópolis e do trecho da Rio-São Paulo compreendido na capital do país e no Distrito Federal, bem assim instituído, para custear êsse empreendimento, um «fundo especial» constituído por sôbre-taxas aos impostos aduaneiros que recaíam nos combustíveis, veículos, pneumáticos e acessórios.

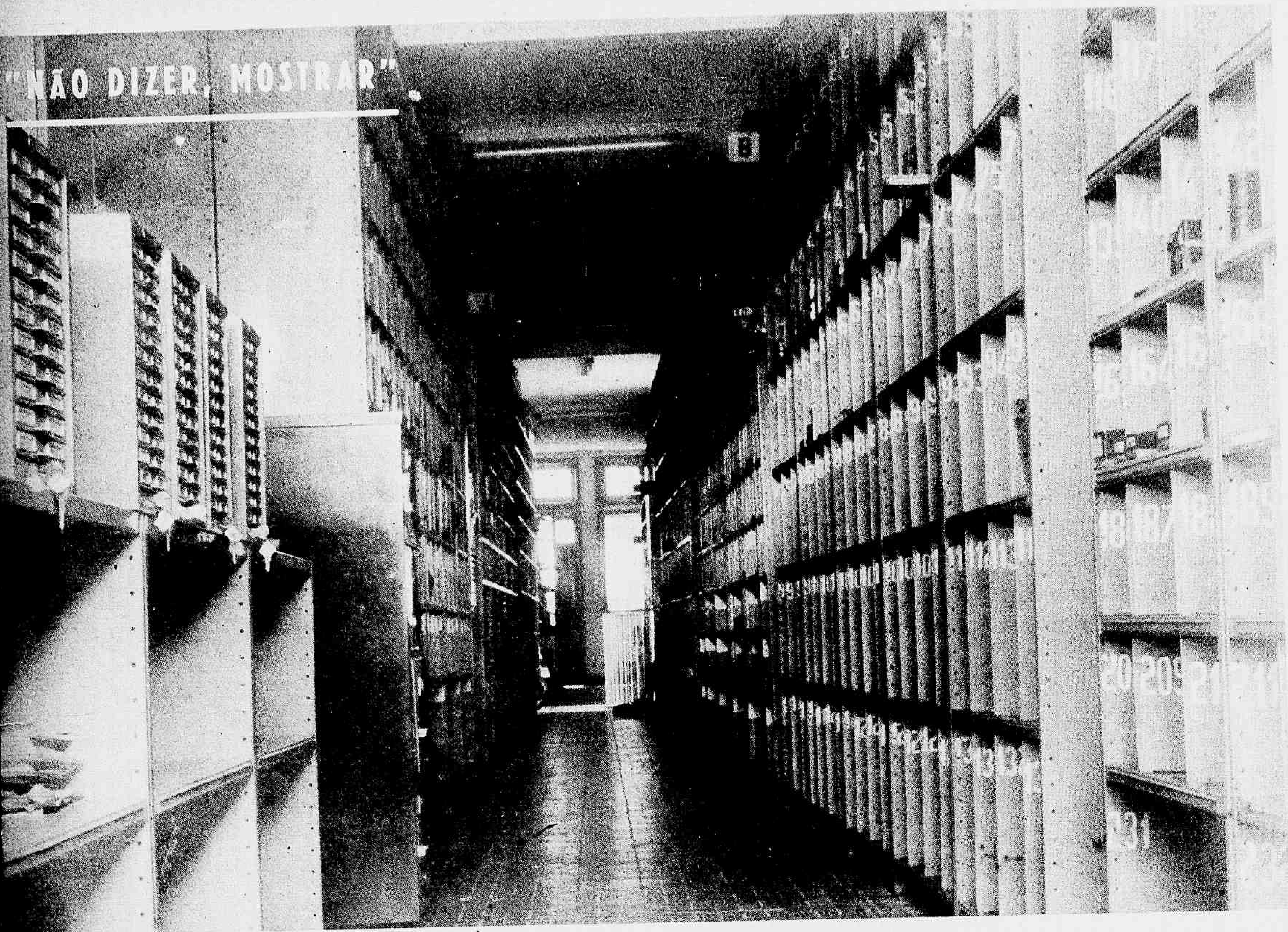
A revolução de 1930 que, comentaristas de nomeada têm afirmado, nada de positivo e seguro legou ao país senão o voto secreto, prestou, não há dúvida, um desserviço ao Brasil no setor rodoviário. Com o seu advento, extinguiu-se a referida Comissão e, logo depois o «fundo rodoviário». Fez-se mais ainda. Engavetou-se o notável projeto elaborado em 1933 por uma comissão de eminentes figuras da economia e da engenharia nacional, designada pelo então Ministro da Viação e Obras Públicas, sr. José Américo de Almeida. De nada adiantou pràticamente o restabelecimento da ex-comissão de Estradas de Rodagem Federal, e sua transformação quatro anos depois, no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, como uma das Repartições do Ministério. Até 1945 pouco ou quase nada fizemos em matéria de estradas de rodagem.

Se essa era a situação no plano federal, que dizer do estadual? Sòmente, que reinava o caos.

Entre nós, por exemplo, até 1945, v. excia., senhor Ministro que foi à longínqua BR-22 em pouco mais de duas horas, para lá não poderia viajar, por estrada de rodagem, em qualquer época do ano e levaria nunca menos de oito horas de tráfego penoso. Se isso ocorria com a rodovia tronco da região bragantina, exatamente aquela para onde convergiam os contingentes de colonização, avalia-se bem o que não seriam os seus ramais então raros, e o resto das estradas em todo o Estado. O comum era o caminho de burro, sem nenhum sentido político, militar ou econômico. A estrada, quando era aberta, geralmente nada mais representava senão o alargamento daquele. Um alargamento sempre em condições precárias, que reduziam a curto prazo o tempo de trafegabilidade, diante das chuvas torrenciais, do leito fácil à







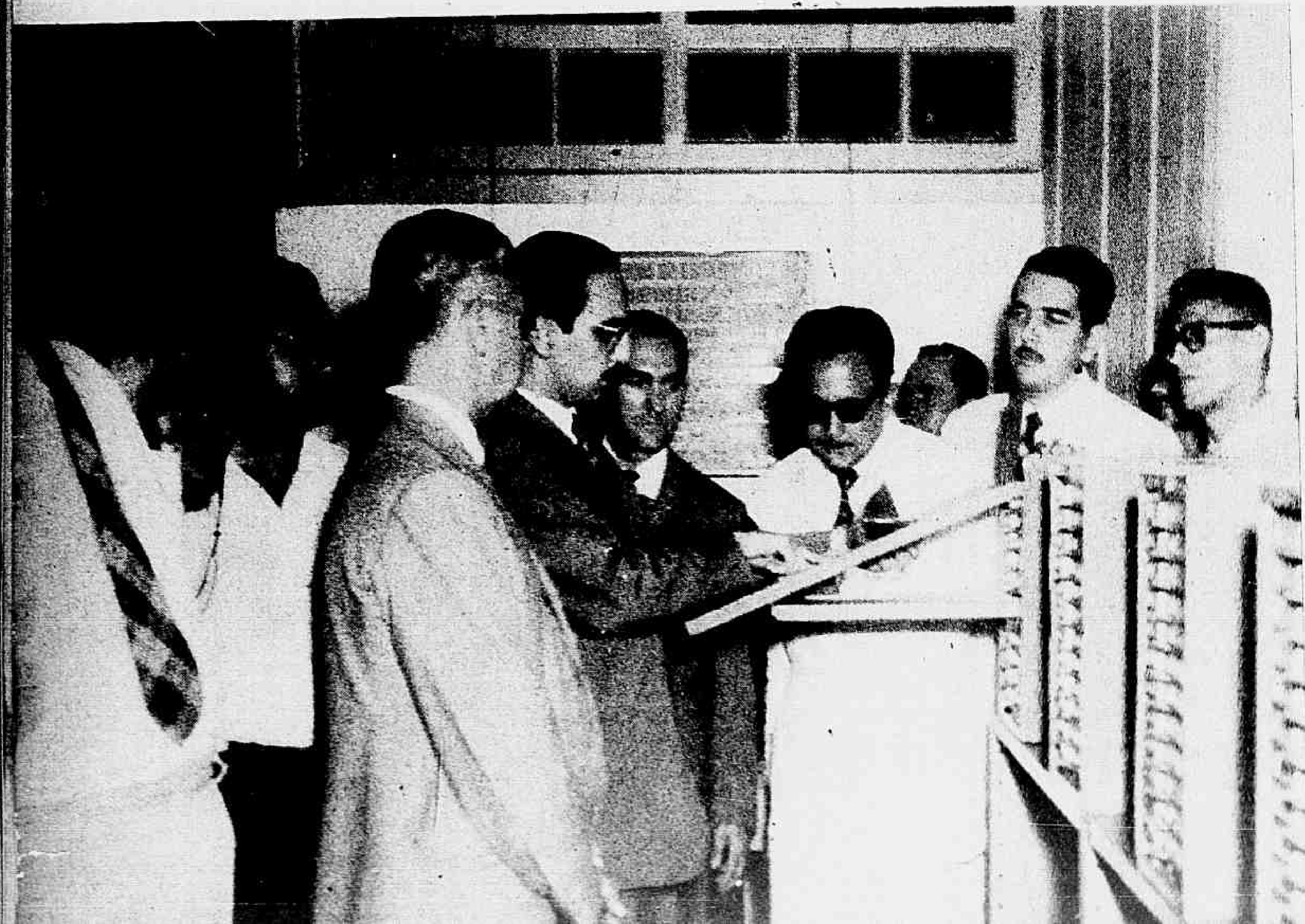
Vista do almoxarifado central do D.E.R., considerado pelo engenheiro Sousa Lima o mais bem montado e organizado em matéria rodoviária no país. Vale ressaltar que êste almoxarifado foi organizado e inaugurado em janeiro de 54.

erosão e da carência de maiores recursos tanto para abrir novas estradas como para conservar as existentes.

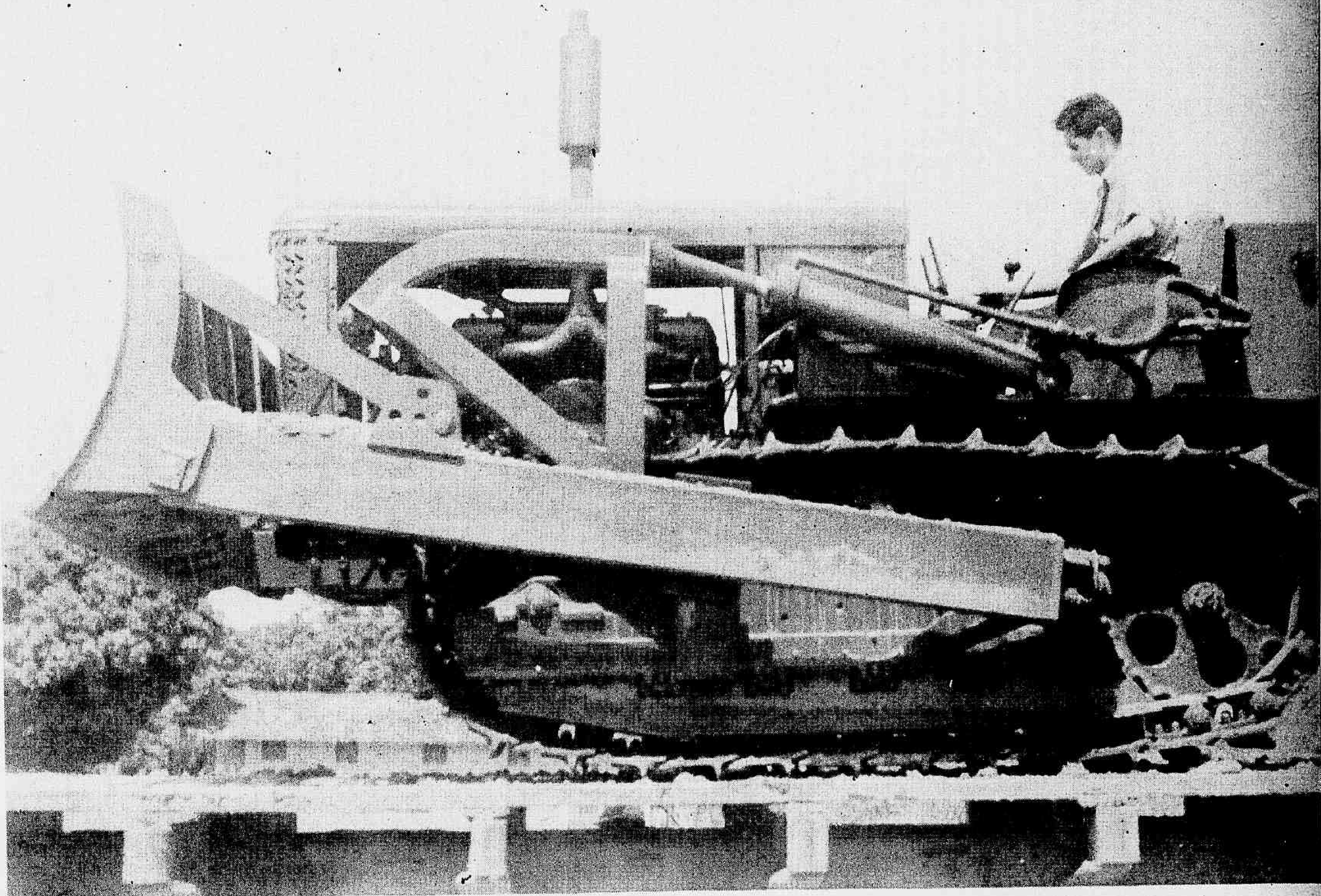
Diga-se — como uma homenagem — que a nossa ex-Inspetoria de Estradas de Rodagem, primeira manifestação das intenções do Poder Público, no Pará, no sentido de cuidar organizadamente dos problemas de rodagem, não produziu muito nem foi do melhor o que fêz. Era, porém, sejamos justos, o mais que estava ao seu alcance, à vista do parco dinheiro reservado para as suas finalidades e das condições de insuficiência técnica em que se debatia. A organização política do país também não ajudava, pois os municípios não tinham a autonomia conquistada com a Constituição de 1946, e isso agigantava para o Estado até às raias do insolúvel, um problema já de si grave, pois então, cabia-lhe atender em matéria de estradas de rodagem, não aos seus, mas, ainda, aos interêsses dos municípios, numa região das mais extensas do Brasil, onde a dispersividade da população e da cultura do solo atinge a índices máximos.

O decreto-lei nº 5.093, de 22 de julho de 1946, foi realmente um grande passo, pois, com a criação da Comissão de Estradas de Rodagem, determinada por êsse diploma, entramos a participar do rateio dos 60% do Fundo Rodoviário Nacional, criado pelo decreto-lei federal nº 8.463, de 27-12-1945, o que melhorou sensìvelmente as condições financeiras para os empreendimentos que o Estado exigia nesse setor.

A organização política do país, que ainda conservava o Estado na obrigação de atender as necessidades rodoviárias dos seus municípios, criava um clima impróprio à solução técnico-econômica do problema. O citado decreto-lei nº 8.463, de 27 de dezembro de 1945 que dera autonomia administrativa e financeira ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — inovação profùndamente revolucionária — marcou, não há dúvida, a definitiva supremacia do velho ideal nacional que vinha sendo recalcado. Devemo-lo ao então Ministro da Viação e Obras Públicas, nome aureolado do quadro docente da Escola Nacional de Engenharia, professor Maurício Joppert da Silva que, com seu dedicado Chefe de Gabinete, o engenheiro José Pedro Scobar, teve a inspiração de trazer novamente à ordem do dia a aspiração fracassada em 1933. Seria, entretanto, a Assembléia Nacional Constituinte, que iria completar a equação para solução dos nossos problemas rodoviários, incluindo também os municípios no rateio do Fundo Rodoviário Nacional. Finalmente, com as leis federais nº 22, de 1947 e 302, de 13-7-48, definiu-se, estratificou-se, em tôda a sua magnificência, um dos quadros mais perfeitos de organização de um ser-



O sr. Belizário Dias explica ao presidente do C.R.N. o contrôle do almoxarifado central pelo sistema Kardex.



Trator «Oliver-Cletarc DD-H», encontrado num monte de Sucata, sendo totalmente recuperado pelo D.M.E. (Oficina Central), construindo setenta por cento de suas peças. Êste trator está prestando ótimo serviço, com apreciável economia para o D.E.R. do Pará.

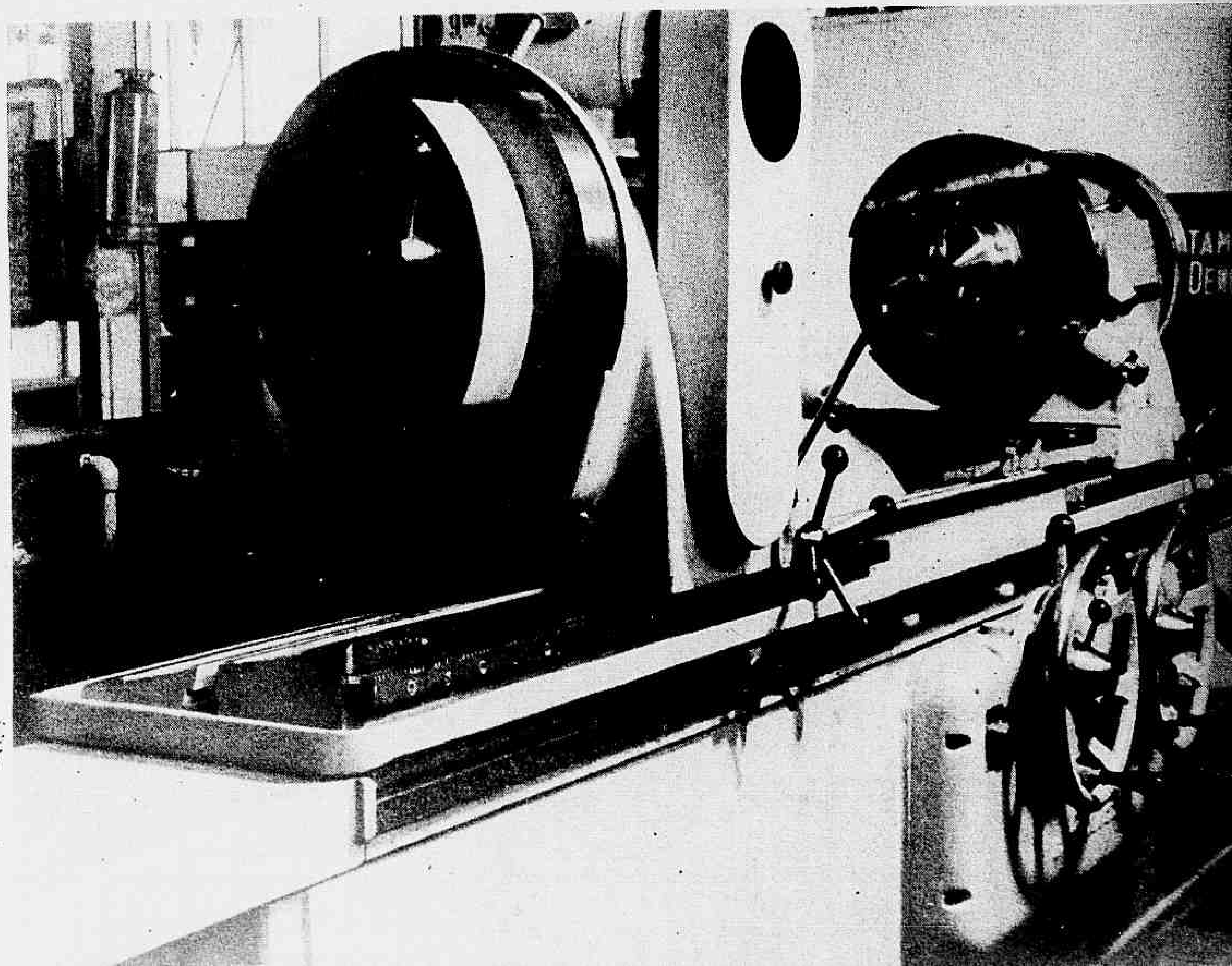
viço público de que temos notícia em nosso país. Em verdade, quem leia a legislação a que estão sujeitos o DNER, os DER e os SMER não poderá esconder o seu entusiasmo. Os efeitos aí estão no plano nacional, como no estadual ou municipal, se não progredimos ainda o máximo que a organização permite, avançamos pelo menos, nestes últimos anos, mais do que em todo o período que os antecederam. Devemos entretanto, empenhar-nos pela obtenção de rendimento maior, a fim de recuperar o tempo perdido. Até bem pouco tempo, dos sete milhões, trezentos e dez mil quilômetros de estradas que devíamos ter, não possuíamos nem a centésima parte dessa extensão que merecesse o nome de rodovia. Embora a história nos ensinasse que os esplendores de Roma antiga estavam ligados às suas estradas e que na prosperidade de cada núcleo de civilização nunca são desprezáveis, ainda que vários, os meios de transporte, engavetávamos, em 1933, um excelente projeto de autonomia econômica, administrativa e financeira dos serviços rodoviários, enquanto a Argentina fazia o oposto, promulgando a sua Ley Nacional de Vialidade e criando o seu Direcion Nacional de Vialidad, que haviam de transformar aquêle país, em 15 anos, na extraordinária potência com independência econômica que é hoje, frente aos grandes centros universais polarizadores dos interêsses comerciais e industriais das nações do globo.

★

Êste jantar, senhor Ministro Álvaro de Sousa Lima, se é, portanto um motivo para as evocações que acabamos de fazer, o é também, para uma prestação de contas.

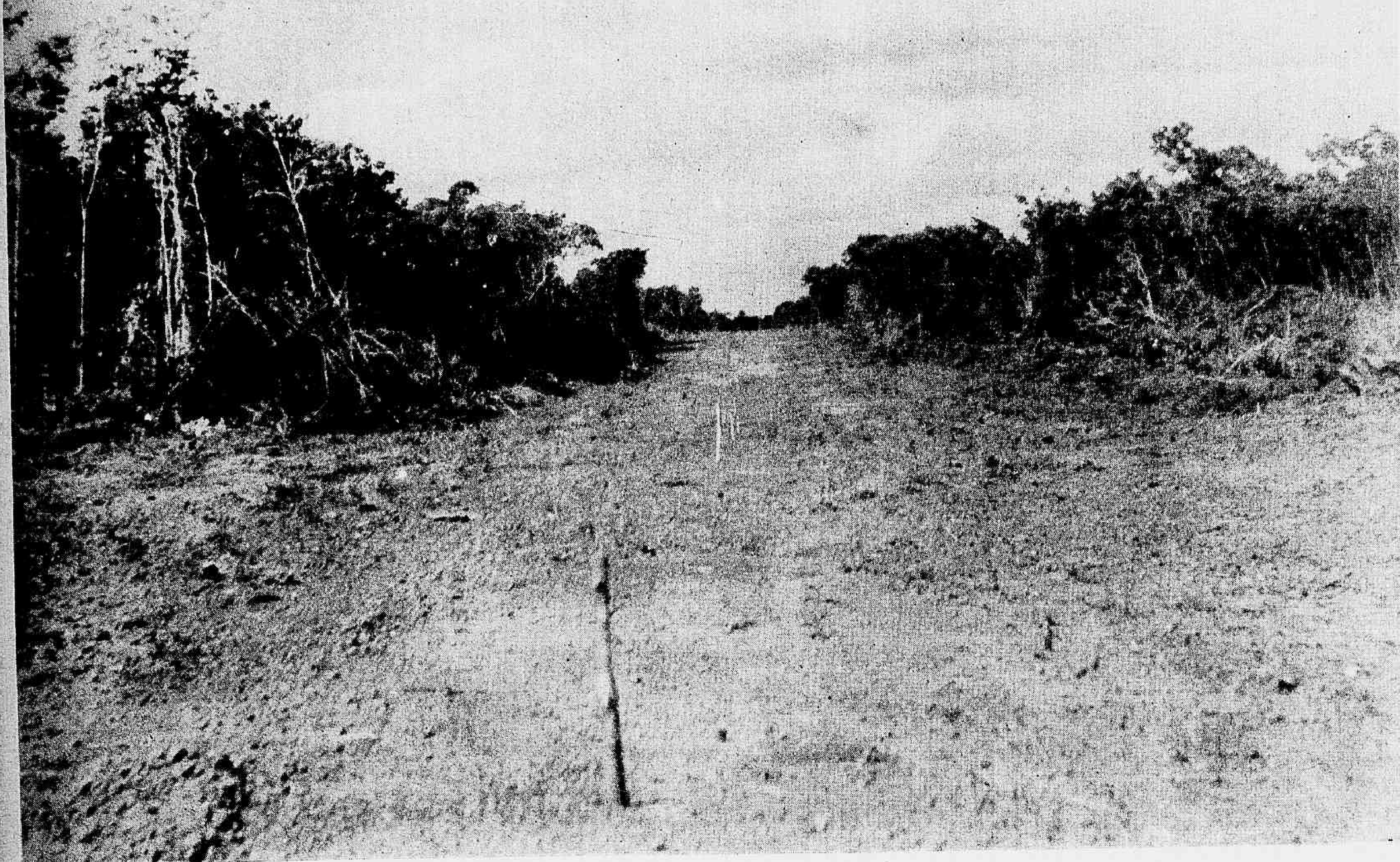
V. excia., é o segundo presidente do Conselho Rodoviário Nacional que nos dá a honra de visitar o DER do Pará e nós nos sentimos satisfeitos em poder não DIZER-LHE, mas MOSTRAR-LHE, o que tem sido nossa administração. O dr. Gumercindo Penteado, quando estêve neste Estado, em agôsto de 1949, verificou as condições do Departamento em fase de desabrochamento. Lamentamos que s. excia., tão amigo do Pará, já tenha cumprido o fado irrevogável do tributo da vida sucumbindo à morte. Gostaríamos de tê-lo a esta mesa e de vê-lo acompanhando v. excia., nas inspeções que realizou, quer em cada uma de tôdas as secções burocráticas do órgão, quer nas suas frentes de trabalho em pleno campo. A palavra dêsse digno lutador do ideal rodoviário, que foi um dos membros da Comissão elaboradora do projeto que veio a constituir o decreto-lei federal 8.463, seria afinal, a palavra que desejaríamos ouvir de público na presença de v. excia., sôbre o que **existia e se fêz atualmente no D.E.R.**

Cinco anos decorreram da visita daquele eminen-



O sr. Belizário Dias dotou o D.M.E., das mais modernas máquinas operatrizes. Vemos aqui a mais moderna RETIFICADORA de eixos de motor.

"NÃO DIZER, MOSTRAR"



Trecho da PA-25 completamente desmatado e pronto para receber a «visita» dos «pé de carneiro» e outras máquinas especializadas.

te patrício, dos quais três anos e nove meses sob nossa administração e dêle haveríamos de saber se apenas **conservamos, se melhoramos, se ampliamos, se fizemos, afinal, alguma coisa ou se nada fizemos.**

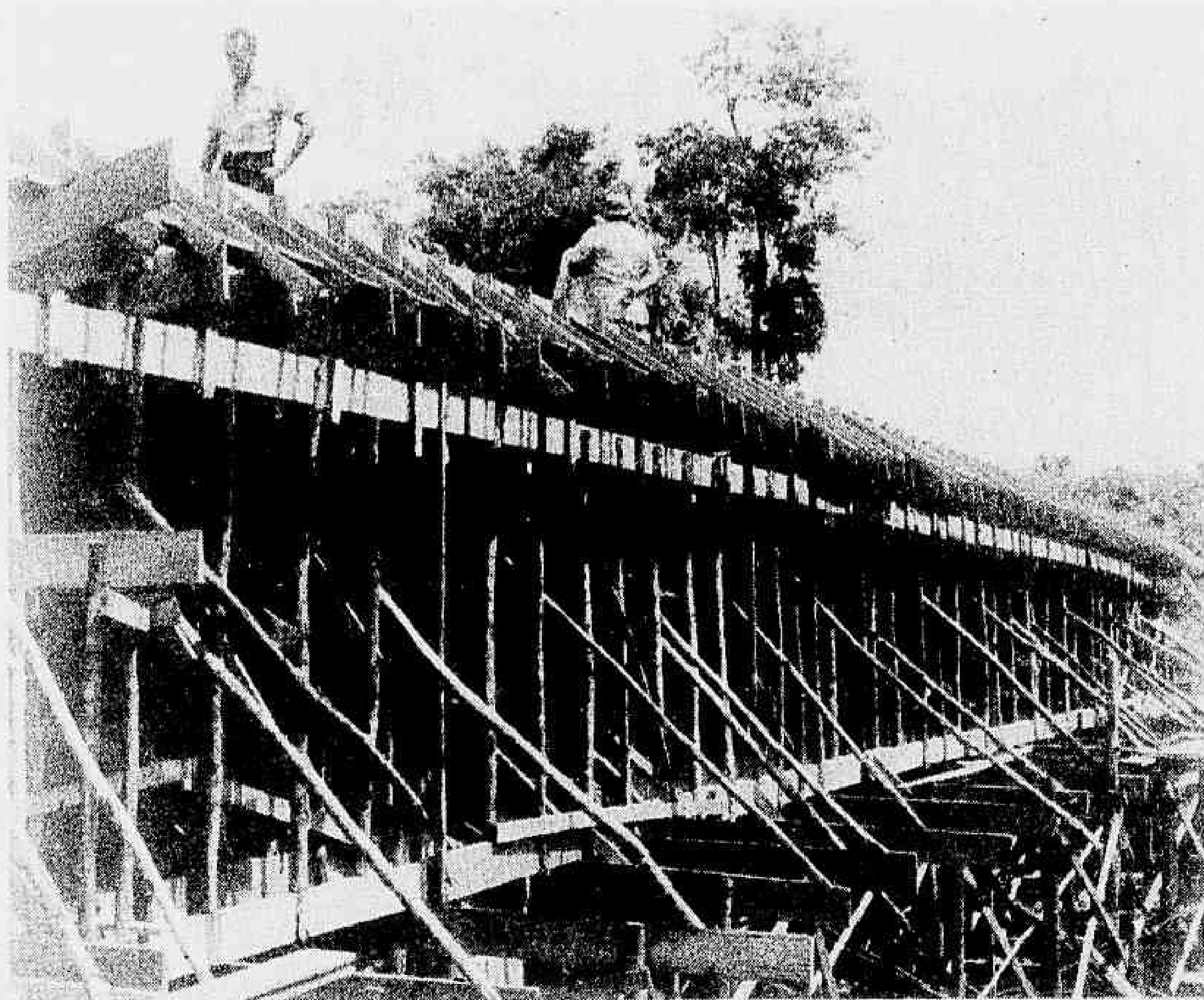
Deveria eu, talvez, senhor Ministro Álvaro de Sousa Lima, excusar-me terminantemente de enumerar empreendimento ou empreendimentos que nos cabem. Entre antigos servidores de tão importante setor, para aquêles que vivem e lutam pelo ideal rodoviário e para quantos encaram desapaixonadamente a vida do DER-Pa bastar-nos-ia o conceito já pùblicamente expedido por v. excia. em função não de informações de terceiros, mas pelo que v. excia. viu com seus próprios olhos e sentiu com seu próprio coração, não só de batalhador pela causa do rodoviarismo, como de homem público dos mais destacados da administração do ex-Presidente dr. Getúlio Vargas, que mereceu a honra de ser nomeado, pelo exmo. sr. Presidente Café Filho, para as altas funções de presidente do Conselho Rodoviário Nacional, o mais elevado pôsto da hierarquia rodoviária em nosso país.

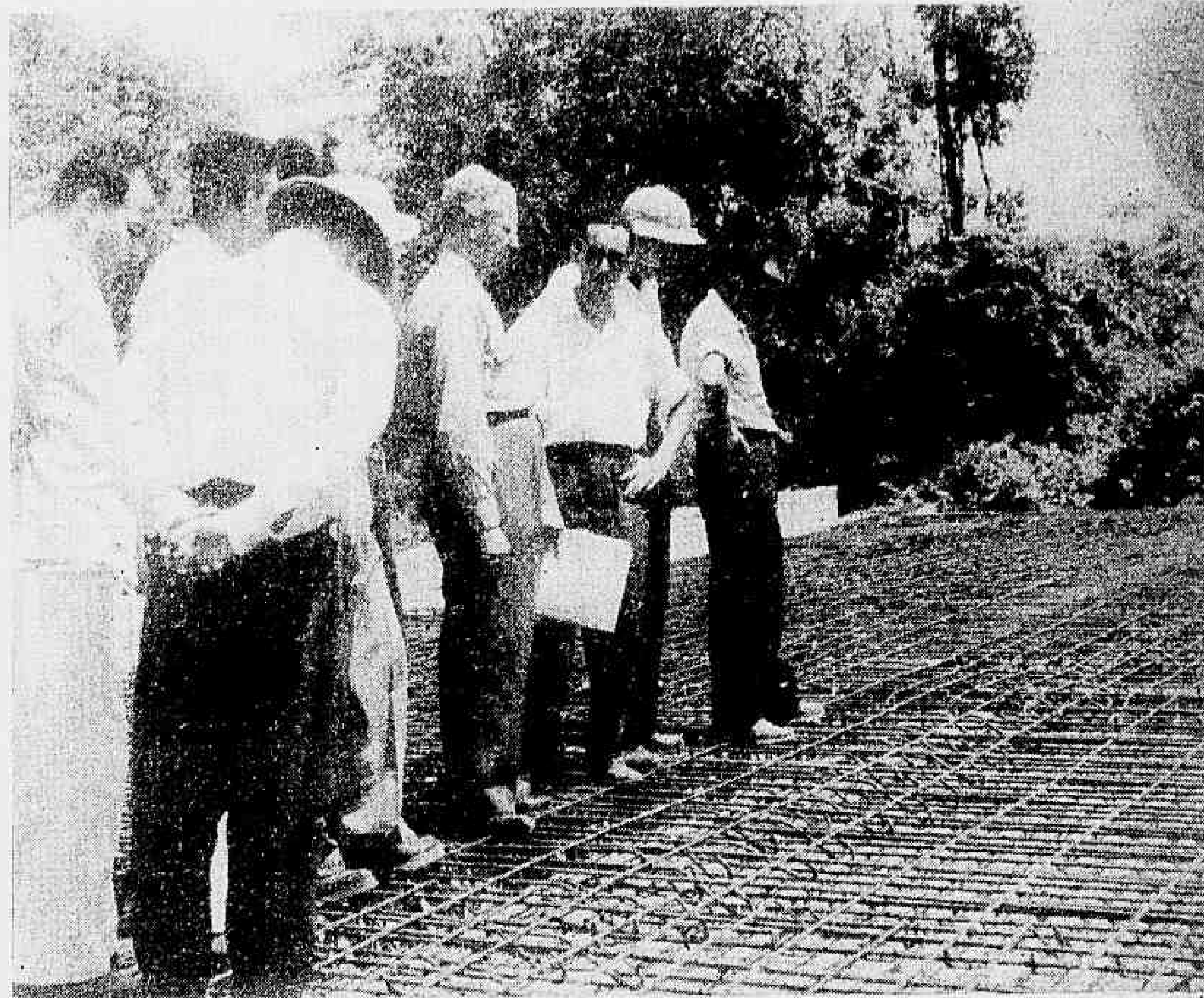
Temos a honra de dizer a v. excia., que, no DER do Pará, apesar de criado a 29-12-1948, pela lei 157, encontramos, ao assumir-lhe a direção, em 27-2-1951 problemas sem solução desde a organização administrativa do órgão até ao seu aparelhamento técnico. Administrações anteriores, certamente pela exigüidade do exercício de cada uma, pela inexistência de uma





As duas fotos acima mostram um trecho da PA-25 recebendo imprimação de asfalto e já asfaltado. Magnífico serviço realizado no ano de 1954.

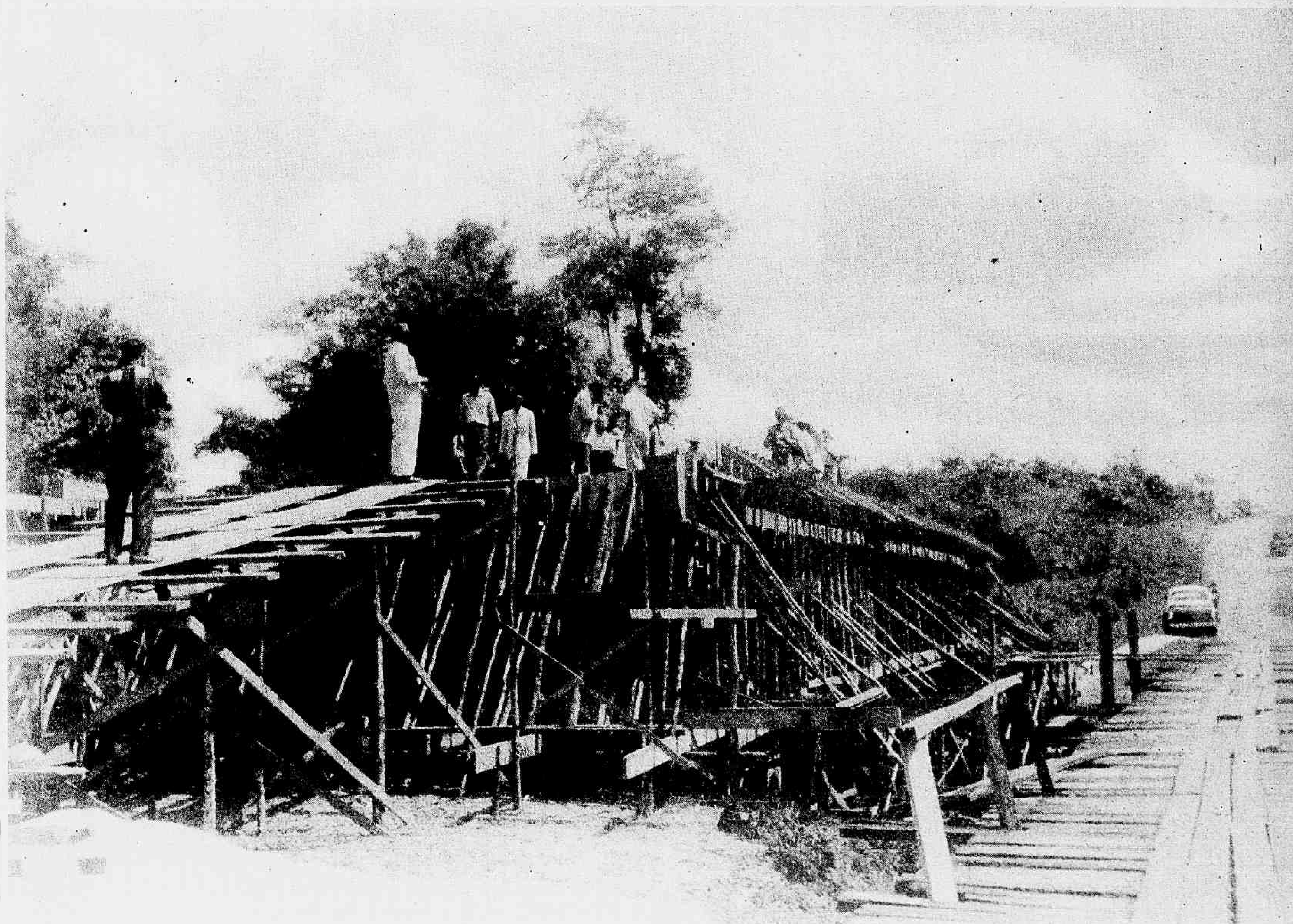




Flagrante da inspeção da ponte em construção em concreto armado, na PA-25 sôbre o rio Jeju e com a extensão de 48 metros. Serviço executado

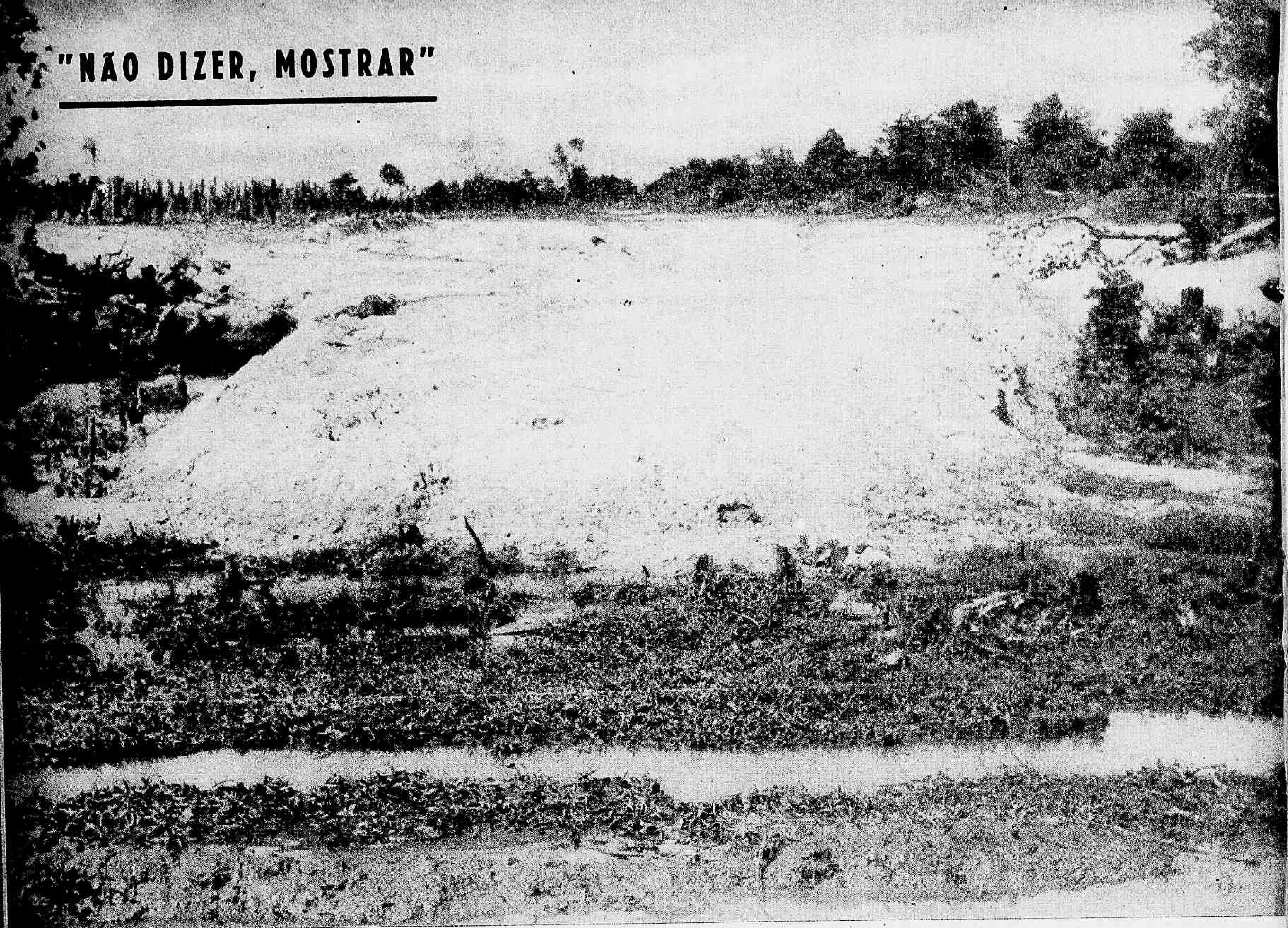
experiência rodoviária que os novos mandamentos legais exigiam, enfim, por uma série de fatôres que seria fastidioso enumerar, não pudera ou não quisera se preocupar com vários aspectos da vida do Departamento e das suas finalidades. No que respeita a realização, não houve, porém, solução de continuidade, nas atividades de ontem com as de hoje e é por isso que, prosseguimos o que já estava em andamento, numa demonstração de que no rodoviarismo não há lugar para abandonos que tanto atrasam a vida pública em outros setores. Foi assim neste último caso, na pavimentação em concreto da Av. Tito Franco em convênio com a Prefeitura de Belém, e na pavimentação asfáltica da PA-25.

Tivemos a iniciativa de reestruturar inteiramente os serviços administrativos e pròpriamente técnicos do órgão. Recebemos o Departamento com os arquivos mais precários que se possa imaginar, sendo, ainda hoje, apesar dos esforços que temos feito para restaurar o passado, difícil dar informações sôbre muitos dos atos e fatos ocorridos antes de 1951, pois não havia o contrôle atual que v. excia. constatou. Aparelhamos as oficinas mecânicas com as novas máquinas e a organização modelar que v. excia. viu e cujas condições as conceituam como das mais completas do país, sendo bem poucos os DER que as possuem. Instalamos um completo e eficiente serviço de rádio com a utilidade que v. excia. apreciou, no que tivemos a glória de ser pioneiros. Instituímos a



em 1954. Observe-se numa das fotos a arcaica ponte que desaparecerá dentro em breve.

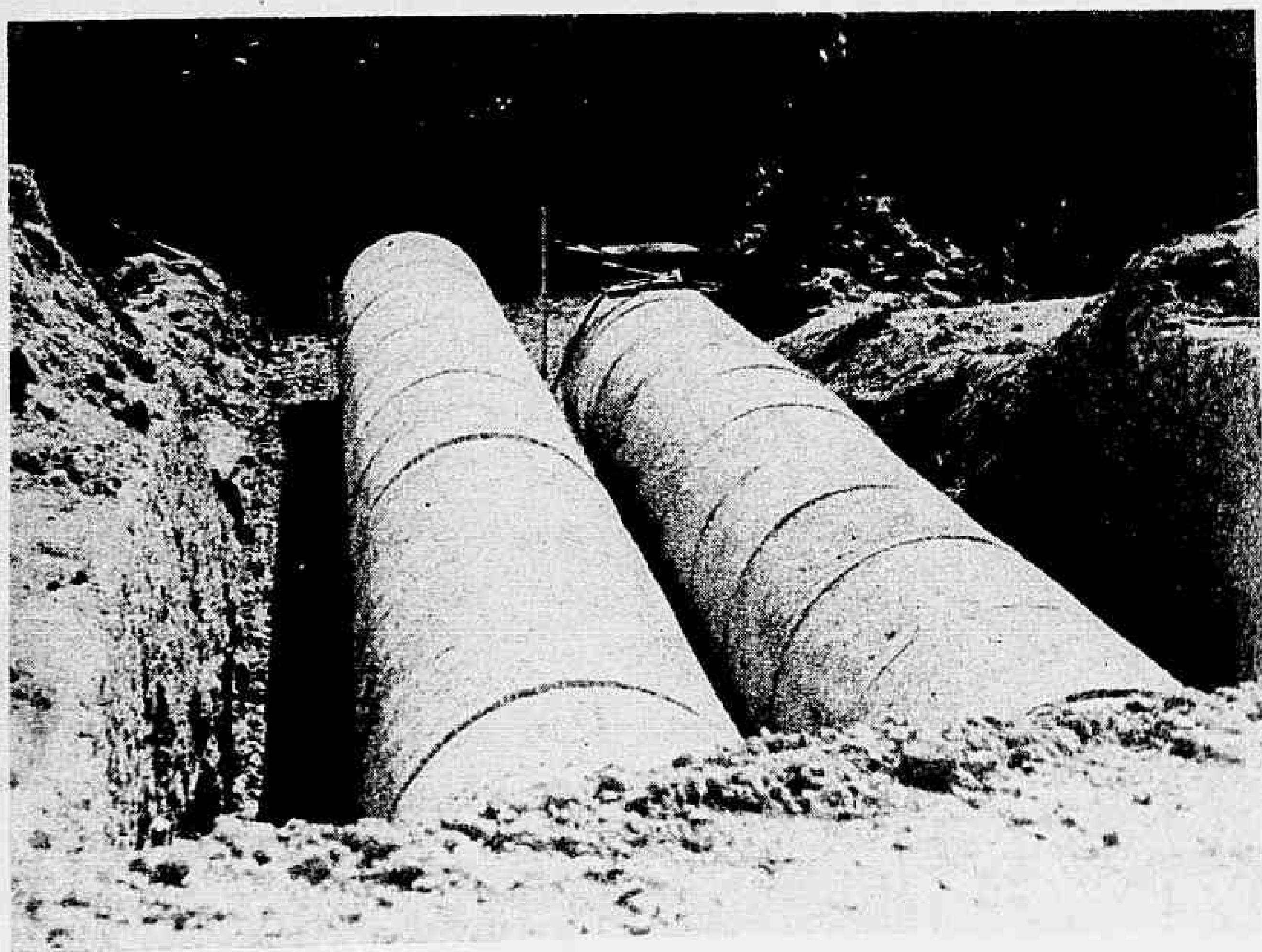
"NÃO DIZER, MOSTRAR"



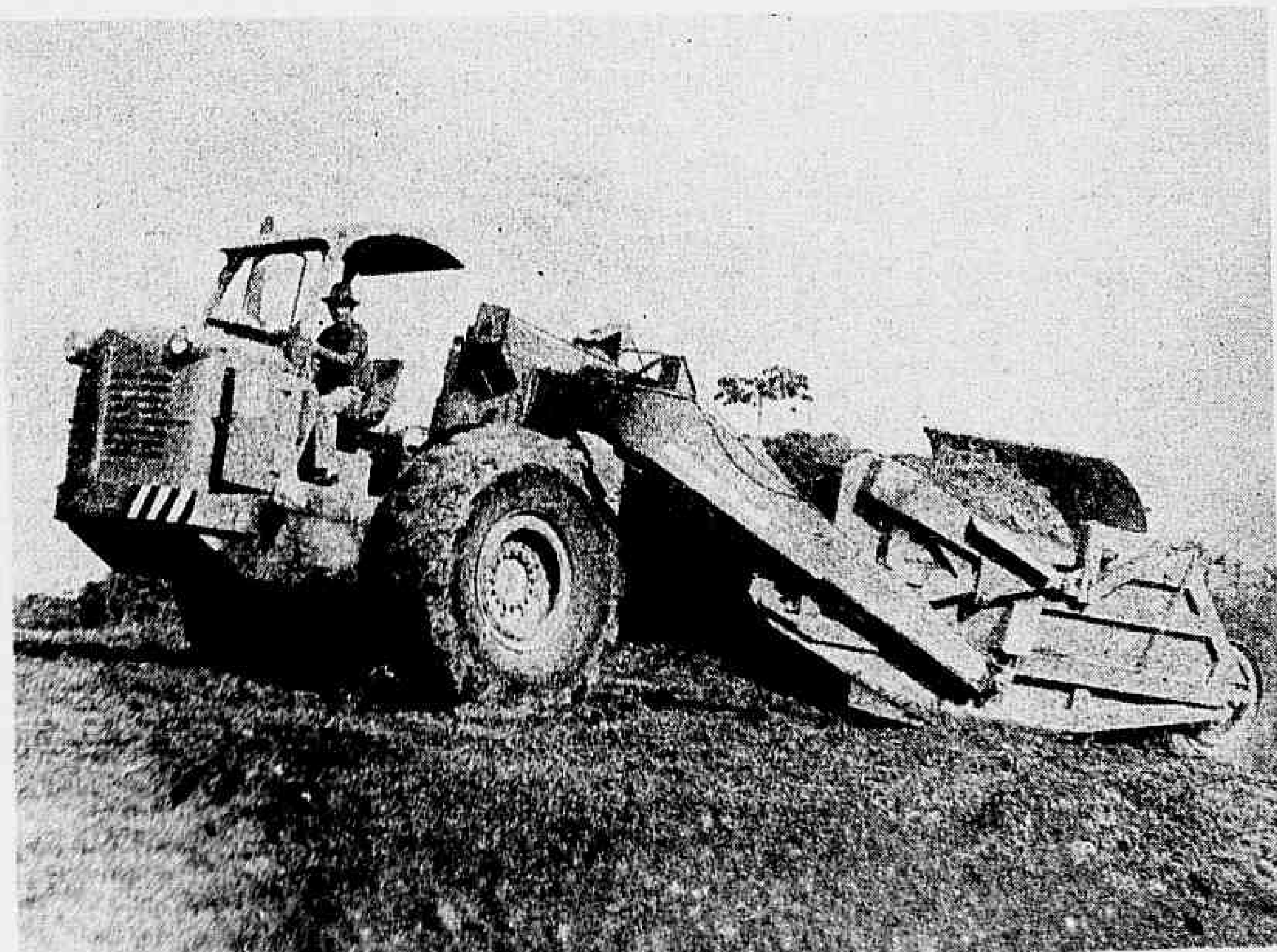
Construído sôbre pântanos êste trecho da PA-25 e cujo atêrro em fase progressiva exigiu um considerável deslocamento de terra.

Polícia de Tráfego Rodoviário, que tem contrariado os «habitués» das infrações aro Código Nacional de Trânsito, mas que vem ordenando o curso dos veículos em nossas estradas. Fizemos um levantamento completo de todo o patrimônio do Departamento, criando uma carteira que controla agora a vida do material pertencente ao órgão. Organizamos e montamos o novo Serviço de Material e Almoxarifado, que pode ser considerado, como um dos mais modernos do Brasil. Ampliamos o Serviço de Assistência Social, mui especialmente aos trabalhadores do campo. A Contabilidade foi submetida a uma reforma geral, com a criação da Assistência Fiscal, promovendo-se rigoroso acompanhamento da receita em relação à sua aplicação, conforme foi dado a v. excia. verificar. Demos ao DER, com a ordem e a segurança que v. excia. admirou, o Serviço Pessoal de que não se dispunha, aparelhado com um serviço de fichário obedecendo aos mais modernos requisitos. Foi de nossa iniciativa o Regulamento de Pessoal já em vigor e que embora carecendo de algumas modificações, por sinal já em fase de proposição ao Conselho Rodoviário local, definiu a situação jurídica dos servidores do Departamento, conforme mandava a lei 157 e que nunca fôra cumprida nesse particular. Criamos um serviço de laboratório em pleno e eficiente funcionamento no campo como na cidade.

Dotamos o DER com um parque mecânico que nunca conseguira ter. Não está, é verdade, completo ainda, apesar dos nossos esforços. Carece de outras máquinas para que se torne harmônico. A deficiência, aliás, decorre do problema orçamentário, que não



Boeiros em concreto armado, que substituem os antigos pontilhões construídos nas administrações anteriores. São fabricados pelo D.E.R.



A PA-25 foi construída e melhorada com equipe de máquinas modernissimas, como tratores Ollis Chaleuers HD-20, Motor Scrapers TS-200 e 300.

possibilita a aquisição imediata do conjunto, levando-nos a adquirir hoje uma escavadeira que já se torna imprestável quando amanhã, temos recursos para comprar uma moto-niveladora. Alie-se a isso a dificuldade de obtenção de peças suplementares para corrigir defeitos, e teremos diante de nós o obstáculo mais desanimador para qualquer administração rodoviária para êstes lados do Brasil. Houve, inegàvelmente neste particular, imprevidência. Logo nos primeiros dias da existência do órgão, deveria a sua Direção, usando do empréstimo legal sob garantia das dotações do Fundo Rodoviário Nacional, ter adquirido completos parques mecânicos; os preços de então, inferiores aos atuais numa escala que vai de 100 a mil por cento, poupariam nestes últimos tempos recursos preciosos, que já teriam até permitido saldar o compromisso assumido. A polícia adotada, entretanto, foi diversa: em 1948, por exemplo, discutindo-se o orçamento para 1949, entendia-se que o meio mais prático para tirar o órgão do poço de uma dívida de mais de doze milhões de cruzeiros com fornecedores da praça era deixar de adquirir máquinas, ou então, reduzir a despesa com as mesmas no exercício, a pouco mais de um milhão de cruzeiros. Hoje, só uma das máquinas em operação custa três vêzes essa importância e nos dá uma despesa horária de cêrca de oitocentos cruzeiros. Nossa administração não descurou o problema e, conforme já se encontra no conhecimento de v. excia., está em andamento o necessário expediente para um empréstimo de sessenta milhões de cruzeiros, como objetivo de completar o parque Mecânico do Departamento. Só lamentamos que esteja demorando tanto a concretização do solicitado, pois tememos que, com a inflação vertiginosa dos preços e a procrastinação da aquisição a que ficará sujeita a maquinaria pela dificuldade de cambiais, venha a ser frustrada a nossa aspiração, porque, quando se puder efetivar a compra, já o material estará custando muito mais que o valor do empréstimo pedido.

Com respeito à construção de novas estradas, ratificação, melhoramento e conservação das existentes, pavimentação e construção de obras de arte especiais, v. excia., teve também o ensejo de verificar que as nossas atividades foram das maiores e processadas com observância de rigores técnicos só encontrados, em alguns casos, nos centros mais adiantados do país.

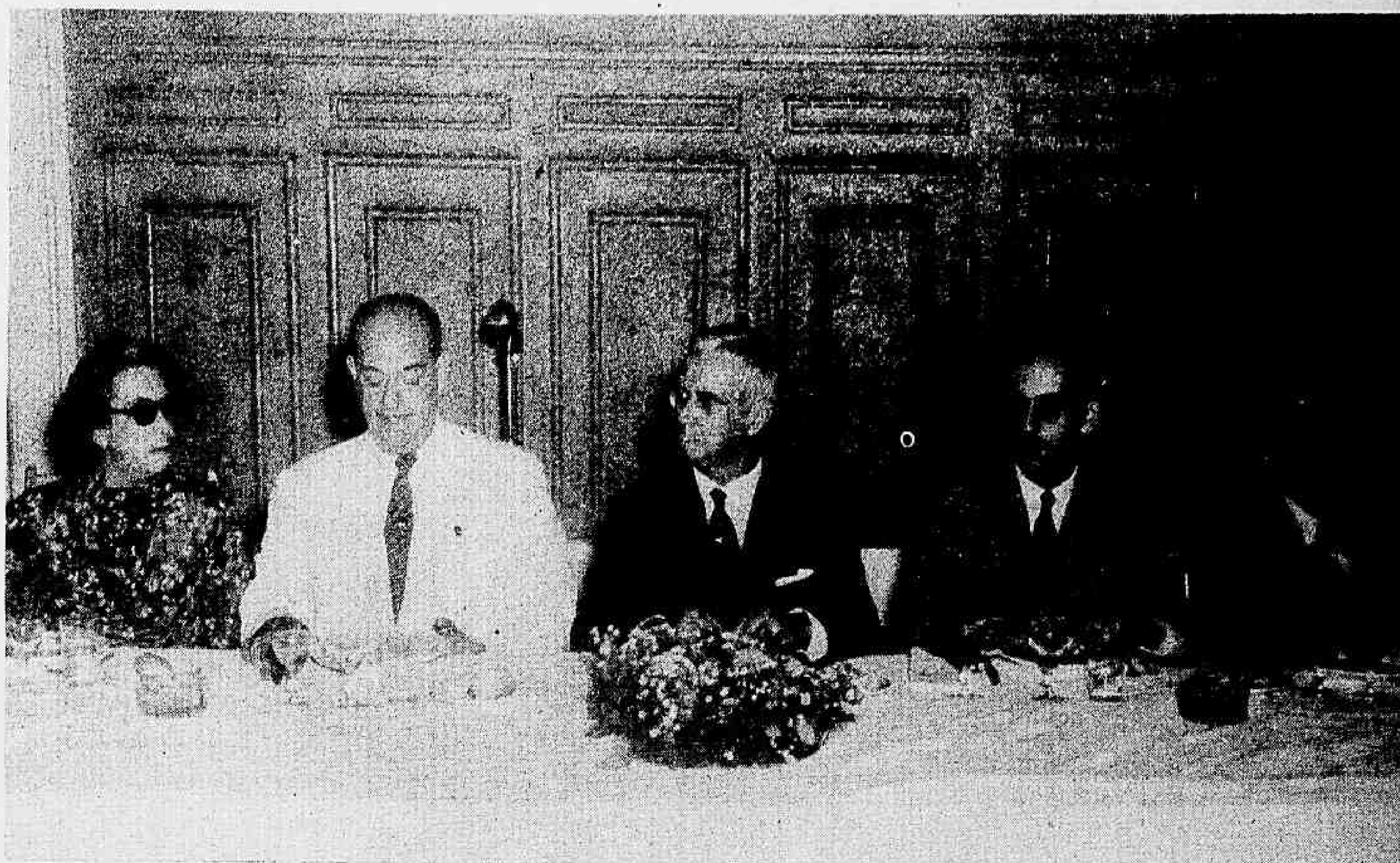
Eis aí, senhor Ministro Álvaro de Sousa Lima, o que lhe tínhamos a dizer. Procuramos corresponder às solicitações das fôrças econômicas, que pedem cada vez com maior insistência essas artérias pelas quais circula a riqueza nacional, e atendemos assim, a palavra de ordem do exmo. sr. Governador do Estado, general Alexandre Zacarias de Assumpção, que bem compreende o alcance das atividades do setor que nos foi confiado.

A festa que ora nos encanta o coração, se constitui motivo para uma evocação e uma prestação de contas, representa ainda uma homenagem. Uma homenagem, senhor Ministro, a v. excia. não só pelas suas qualidades pessoais como pela sua posição de maior autoridade na hierarquia da administração rodoviárias.

A família rodoviária do Pará sente-se profundamente honrada com a presença de v. excia., especialmente esta Diretoria Geral que, promovendo o ágape onde confraternizam autoridades convidadas e quantos vêm servindo ao rodoviarismo local, está, ainda aqui, cumprindo expresso dispositivo da lei estadual número 157.

Permita, senhor Ministro, que estendamos à sua exma. espôsa, esta inequívoca manifestação de simpatia a v. excia. Nesta hora, ela simboliza a preocupação e os anseios da espôsa do rodoviário, empenhado, nas frentes de trabalho, em operações por vêzes arriscadas, diante das quais freqüentemente a saúde e a vida prestam caríssimos tributos.

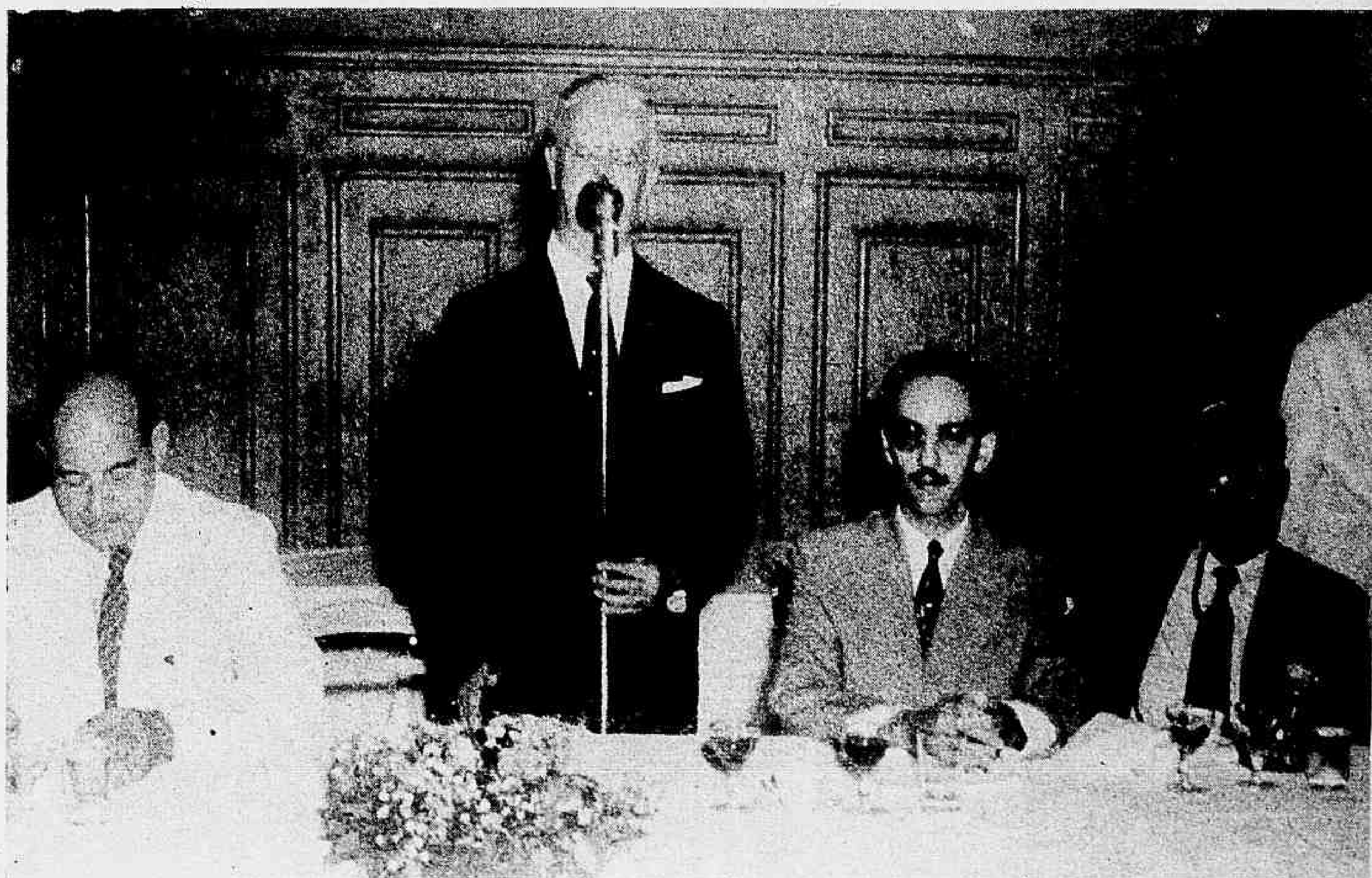
E para que não se perca no tempo a cerimônia desta noite, nós juntamos a ela, senhor Ministro Álvaro de Souza Lima, a oferta dêste modesto brinde a v. excia., fazendo votos para que êle grave muitas vêzes e por muitos anos o nome do ilustre presidente atual do Conselho Rodoviário Nacional em documentos da maior significação para a prosperidade do Brasil.



O Governador do Estado, General de Exército Alexandre Zacarias de Assumpção, ladeado pelo casal Sousa Lima, que tem à sua esquerda o diretor geral do Departamento de Estradas de Rodagem, engenheiro Belizário Dias.



O engenheiro Belizário Dias, em vibrantes palavras oferece em nome do Departamento de Estradas o banquete de despedida ao presidente Sousa Lima e exma. senhora. A «Revista da Semana» publica na íntegra o discurso do diretor do D.E.R.



O ex-Ministro da Viação, engenheiro Álvaro de Sousa Lima, presidente do Conselho Rodoviário Nacional, agradeceu a homenagem que lhe prestaram, terminando com as seguintes palavras: Não disse, mostrou. Sinto orgulho pelo que vi.



NO TIJUCA

● O tradicional Tijuca Tênis Clube também realizou, com grande sucesso, seus bailes carnavalescos, que se desenrolaram em clima de intensa alegria e de muita animação. Os associados e convidados do elegante clube tijucano tiveram oportunidade de divertir-se mais uma vez num ambiente familiar e repleto de bom gôsto. (Fotos N. VIANA).











meus olhos maravilhados, extasiados, perante esta manifestação do poder divino». Conclui: «Então êstes fenômenos escapam à previsão da ciência e não escapam à previsão de umas pastorinhas da serra, que os anunciam com uma precisão verdadeiramente matemàtica?».

EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA DOS FENÔMENOS OCORRIDOS A 13 DE OUTUBRO

No dia 18 de outubro o jornal «O Século», na sua edição da tarde publicou uma entrevista conseguida por um dos seus repórteres com o coronel Frederico Oom, professor da Faculdade de Ciências e diretor do Observatório de Lisboa. O jornal tem as seguintes palavras: «interrogando-o sôbre os fenômenos cósmicos que milhares de pessoas dizem ter sido testemunhas em Fátima, o astrônomo ilustre, teve a extrema gentileza de nos responder o seguinte»:

— «A ser um fenômeno cósmico, os observatórios astronômicos e meteorológicos não deixariam de o registrar. E eis precisamente o que falta; êsse registro inevitável de tôdas as perturbações no sistema dos mundos, por mínimo que sejam. Já vê...»

— «Fenômeno, então — interrompemos — de natureza psicológica?».

— «Por que não? Efeito, talvez, sem dúvida curioso, de sugestão coletiva. Em qualquer dos casos completamente alheio ao ramo da ciência que eu cultivo».

Analisando-se no entanto esta hipótese apresentada pelo engenheiro Frederico Oom e que mostra que a Ciência não estava em condições de explicar os fenômenos ocorridos na Cova da Iria a 13 de outubro, estaremos aptos a combatê-la e para isto nos serviremos das palavras de Costa Brochado, no seu livro «Fátima à luz da História». Diz êle: «Contra esta hipótese argumenta-se com o desconhecimento absoluto em que a multidão estava sôbre a natureza dos fenômenos que ia presenciar; com a presença de inúmeros descrentes, firmemente dispostos a corrigirem a credulidade dos fiéis; com alguns ímpios que apesar do que viram continaram firmes na sua descrença; com um ou outro católico, como o dr. Pinto Coelho, que reagiram friamente; com o fato impressionante de nem tôdas as pessoas verem as mesmas coisas e, algumas nem verem mesmo nada nas aparições anteriores;

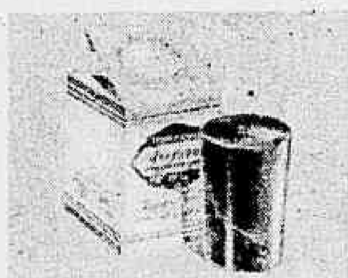
(Cont. no próx. número)



Como um banho de luz...

Sua beleza ganha vida nova e nova sedução sob o poder mágico de

ANTISARDINA



Antisardina é o creme ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.



FÁTIMA — REVELAÇÃO DOS 3...

(Cont. da pág. 31)

a um amigo: «Nunca mais passarei momentos tão agradáveis. Em face do fenômeno solar que vi, acredito e acredito que houve na Fátima, no dia 13 de outubro de 1917, um caso tão extraordinário que enquanto a ciência não mo explicar é única e exclusivamente obra de Deus.

O dr. Luís Antônio Vieira de Magalhães (Barão de Alvaiázere), advogado e naquele tempo oficial do Registro Civil em Vila Nova de Ourém, compareceu à Cova da Iria no dia 13 de outubro, apenas por curiosidade, não acreditava absolutamente que ali se fôsse passar algo de extraordinário. Lá chegando encontrou-se com várias pessoas conhecidas, alguns dos quais acreditavam plenamente nas anteriores aparições e ficaram bastante magoadas com a maneira irônica como o dr. Luís Vieira se referia às declarações dos pastorinhos.

À hora da Aparição, procurava êle manter-se completamente alheio ao ambiente de fé e crença dos que o rodeavam. São suas estas palavras; «Recordei, então, como por vêzes já tinha recordado, aquêle princípio de Gustavo le Bon que se resume em que o indivíduo numa coletividade não consegue fugir à corrente hipnótica que o domina. Era preciso precaver-me, não me deixar influenciar». Depois de assistir aos fatos extraordinários que ali se desenrolaram nos conta; «Sei apenas que gritei: creio, creio, creio! e que as lágrimas caíram dos

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... **Nº** ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

CRÔNICA

CLASSIFICAÇÕES

● Ouço dizer, sobretudo nestes tempos de confusão, tal romance é antigo tal romance é moderno. Ora, tenho para mim que essa classificação é falsa, não havendo romance moderno e nem romance antigo, mas simplesmente romances. «A princesa de Clèves» não é um romance antigo senão pelos costumes e pela época que retrata. Seus sentimentos e suas idéias, no entanto, são modernos. Há, é certo, modos de ver diferentes. Um Proust não veria como um Bernanos, nem um Grahan Greene seria capaz de optar por uma visão a Truman Capote. Há também, e isto de um modo um tanto exuberante, romances modernos que nascem velhos, como há romances velhos que cada dia são mais modernos. É precisamente passando os olhos pelos últimos romances aparecidos (O Quadro-negro, A menina morta, Madrugada sem Deus, A véspera de Deus e Ciranda de Pedra) que verifico quão dilatado pode ser o conceito de romance, e como o velho, pelo menos o que assim ouço chamar, é exatamente o que em cada um dêsses livros é mais novo. Em sua essência, «O Quadro-negro», «A véspera de Deus» e «Madrugada sem Deus» se aproximam, todos os três pretendem fixar um determinado painel de época, com costumes e hábitos que são peculiares a determinada sociedade brasileira. Para quem gosta de classificar, o gênero poderia ser chamado de realista, no seu bom sentido. Os três autores citados seguem com cautela e verosimilhança seus tipos, desenhando-lhes os tiques e os hábitos. Talvez resulte de tudo isto, para meu gôsto, é claro, uma certa monotonia, mas não há como discutir, pois é essa própria monotonia que êles parecem caçar em seu esfôrço. Não há nesses três livros lances e arroubos de emoção, os acontecimentos fluem com a lentidão e a banalidade da vida. Não será mérito pequeno conseguir êsse objetivo — os três livros se erguem como monumentos isolados e raros, evidenciando um pensamento que é bastante próximo um do outro. Não há dúvida que êsses três autores consideram a vida do mesmo modo, e mais do que isto, consideram do mesmo modo o instrumento de trabalho que usam. E não há possibilidade de falar aqui nem em antigo e nem em moderno — todos êles são expressões de uma idêntica concepção, e se esta concepção não é muito original, nem por isto deixa de ter o seu fundo sentimento de participação da existência.

LÚCIO CARDOSO

● O PRESIDENTE DA ACADEMIA Paraibana de Letras, sr. Oscar de Castro, estêve presente à reunião da Casa da Paraíba, nesta Capital, em que o sr. Apolônio Nóbrega, perante numeroso e seleto auditório, recordou a figura de Monsenhor Walfredo Leal, homem público que prestou grandes serviços ao Estado da Paraíba e à Nação. A conferência foi motivada pelo transcurso do Centenário de nascimento de Monsenhor Walfredo Leal em 21 de fevereiro próximo passado.

● O BOLETIM — Sob a direção de Umberto Peregrino, tendo como redator Milton Gaspar, voltou a circular o «Boletim da Biblioteca do Exército». São oito páginas cheias de matéria interessante e informativa sôbre as atividades culturais do Exército e da Bibliotéca pròpriamente dita.

Noticiário

Nas livrarias o novo livro de crônicas de Rubem Braga: "A borboleta amarela".

★

Uma tradução — "O anúncio feito a Maria" de Paul Claudel, por don Marcos Barbosa. É a primeira vez que o grande poeta aparece em português numa versão integral.

★

Anuncia-se a publicação das "Obras Completas" de Augusto Frederico Schmidt, por José Olympio.

★

Fernando Pessoa Ferreira publica seu livro de estréia "A primeira estação".

★

Antônio Botto trabalha no momento numa coletânea de sonetos que ficará sem dúvida como sua melhor obra.

★

Hugo Tavares continua prometendo seu livro de poemas "Água escondida".

★

Um ensaio em preparo: "Portinari" de Antônio Callado.

★

Eneida, em segunda edição, continua o sucesso da primeira. "O cão da madrugada" é um autêntico triunfo da jovem cronista.

★

"CRISOL" — Com ótima apresentação gráfica da Companhia Editôra Americana já se encontra à venda o livro de Hormino Lyra — "Crisol" — uma coletânea de poesias do escritor alagoano, autor de outras obras, inclusive uma biografia do Barão de Triunfo.

O QUE ÊLES DIZEM



Morineau

Vão Gôgo explicando o título de sua nova peça, «Do tamanho de um defunto»: — «E' porque em determinado momento da peça, um dos persónagens sente que é exatamente... do tamanho de um defunto».

Morineau, explicando seu rompimento com Carlos Brant: — «Não fui indisciplinada, mas eu não gostava das peças escolhidas. «A mulher sem alma» me parecia sem interêsse e «Os ovos de Avestruz» me parecia indecente».
A nós também.

Alegação do dito sr. Brant, sôbre Morineau: — «Suas interpretações nem sempre salvaram um espetáculo, por maior que fôsse sua atuação».

Ledo Ivo, explicando seu novo livro de poesias: — «Um brasileiro em Paris» é a história da minha aventura na França».

Homero Homem, imaginando uma nova espécie de vida para o escritor: «Para que ganhar dinheiro? Se os empregos se vão, melhor...»



Homero Homem

REVISTA HÁ 50 ANOS

(Domingo, 19 de março de 1905)

● *Cartas de um Tabaréo.*

Compadre: O Carnaval deixou-me moido de maneira que não pude, na passada semana, dar-te noticias minhas e do que ocorreu por ocasião dos festejos de Momo... Nada perdeste, com a falta, porque francamente não gosto do Carnaval; ainda se fôsse possivel fazê-lo sem barulho...

O barulho é que não tolero e é êle exatamente que me indispõe com a festa popular. Imagina que assisti a tôda a pândega de uma das varandas do "Jornal do Brasil", que nos três dias é considerado uma espécie de Meca Carnavalesca: o crente de Momo não se considera em boas relações com o seu deus se não vem à mesquita, onde o Mário os recebe com a bandeira que ficou em trapos, mercê dos ganchos, lanças, setas, etc., com que ornam os paus que sustentam os estandartes. Ocasião houve em que em frente ao popularissimo, reuniram-se 40 bombos e o dôbro de caixas de rufos e tambores, capazes de ensurdecer o mais encanecido artilheiro. Fiquei com a cabeça em água, o juizo a juros, as idéias em casa de Pedro Botelho...

Dai a falta, falta que desculparás, porque tiveste a mais completa descrição dos folguedos pela brilhante reportagem do aludido jornal...

Acabou-se o estado de sitio! Que a terra lhe seja leve com o Corcovado por cima. Olha, compadre, o tal de estado não deixa "sodades"; pelo contrário... livra!...

E adeus compadre, a influenza não me permite ser mais prolixo. Teu,

BERMUDES.


REVISTA DA SEMANA
Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL
DOMINGO, 19 DE MARÇO

Capa da REVISTA DA SEMANA do número 253 de 19 de março de 1905, com ilustração de Bambino.


A la Renommée
19 RUA GONÇALVES DIAS 19

É sem contestação a casa mais perfeita na confecção de chapeos, toquets e toucas.

De Paris recebe periodicamente os mais "chics" modelos que são copiados com abundancia de gosto.

Em tecidos para "toilettes" de senhoras e meninas, não se pode encontrar mais cuidado nem mais capricho na escolha.

Nesta casa ha uma unica preoccupação: que as distinctas freguezas sejam invejadas pela belleza dos seus vestuarios.

Quem compra á RENOMMEE sabe de ante-mão que ha de chamar sobre si a attenção dos que amam tudo que é bello.

A página de moda da Revista de 19 de março de 1905, patrocinada pela "A la Renommèe", da Rua Gonçalves Dias.

ANÚNCIOS

As Loterias da Candelaria realizarão, brevemente, às 2 e meia da tarde, um sorteio de dez contos de réis, em benefício do Recolhimento de N. S. da Piedade.

— «Violetas Poéticas», álbum de poesias para os dias de anos. Nítido volume ricamente impresso e encadernado, 5$000. É o mimo mais delicado e mais apropriado para as moças da fina sociedade.

— «Radium», nova marca de cigarros contendo lindíssimos cromos luminosos, dão direito a cartões postais, o que há de mais chic.

O JOVEM GREGÓRIO...

O jovem Gregório era — como andava dizendo por aí — a criatura mais infeliz dêsse mundo, isso apesar de não ser nevropata nem supersticioso, e tinha dinheiro bastante para ser considerado entre os inúmeros amigos como um respeitável e jovem capitalista, nascido em opulenta capital de próspero país... E qual seria a razão que levava tão «feliz» criatura a considerar-se «infeliz»?

Passou vinte noites sem poder fechar os olhos por causa duma meia duzia de ladrões! Os gatunos perseguiam-no como os «cadáveres» perseguem os infelizes credores...

Pobre jovem Gregório!

Ratoneiros!...

A GUERRA ESTÁ AÍ!

A guerra russo-japonêsa parece ter chegado ao fim... As derrotas constantes dos russos, a mortandade que assombra o mundo, fazem prever um têrmo breve a essa luta insensata, indigna do nosso tempo, do estado atual da civilização universal. E em nome dos princípios mais comezinhos de humanidade tôdas as nações deviam levantar-se unidas por êsses nobres sentimentos e impor a cessação da luta, o têrmo da carnificina.

HUMORISMO

— Gosto extraordinàriamente de piano...

— E por que não tocas?

— Porque não tenho quem queira ouvir...

CÚMULO DA PINTURA

O pintor colocar a tela no «cavalete» duma rabeca e as tintas na «palheta» dum clarinete. Da ilusão: Ver estrêlas no céo da boca e ouvir tocar a «campainha».

"Da ingenuidade — Esperar patinhos da «pata» de um cavalo e «bacorinhos» da «porca» de um parafuso.

TEATRO

★ **Não resta dúvida alguma que a representação da comédia — vaudeville «O Sub-Prefeito de Chateau Buzard», original de Grandillot, hàbilmente traduzida por Eduardo Garrido, deu a nota principal da semana passada, no Carlos Gomes. Intérpretes, Lucinda Simões e Christiano de Souza.**

★ **Voltou finalmente ao cartaz do S. José «A Mascote», velha e sempre nova opereta, com a sua música primorosa.**

★ **Desde sábado a terça-feira gorda, os teatros foram transformados em salões de «bals masqués». Uma confusão babelica de pierrots e colombinas deitando idílios, clowns e palhaços, um desperdício contínuo de «você me conhece?», dançarinas decotadas... Uma atmosfera asfixiante, tudo consagrado a Momo e à Folia.**

Evohé! Evohé!



CORREIO DA REVISTA

★ **LES VILLES DUA CANADA**

Recebemos com oferta do Embaixador do Canadá interessante álbum colorido sob o título acima. São notas ligeiras sôbre as principais cidades canadenses, suas riquezas e estado de civilização. É um documentário em que se confirma e se comprova o alto grau de civilização que caracteriza o grande país norte-americano, honra da comunidade britânica. Agradecemos.

★ **ANTENOR BATISTA — SÃO PAULO — CAPITAL**

Deixamos de publicar a carta que nos enviou porque a mesma não é destinada à Revista.

★ **THIAGO DE MELLO — MANAUS — AMAZONAS**

Recebemos de Thiago de Mello, o brilhante cronista patrício, um bilhete escrito de Manaus e incluido numa de suas crônicas do vespertino «O Globo», onde êle diz que a «Revista» está chegando aqui dois meses depois de lançada. Agora que de número para número fica melhor, que é das nossas melhores revistas no gênero, com material humano e gráfico de boa qualidade, bem poderia ser expedida por via aérea. Talvez a direção não saiba que, já há bom tempo, diariamente parte do Rio pelo menos um avião para Manaus. Ou então sabe, mas prefere mesmo os velhos e vagarosos paquetes do Lóide, tal e qual a moda do começo do século».

Agradecemos a Thiago as expressões de estímulo que nos mandou. E logo que a greve da Panair, que tanto mal tem feito ao Brasil, cesse de vez, vamos deixar o caso nas mãos de Paulo Sampaio a ver se podemos chegar a uma solução prática e evidentemente possível.

★ **VI JOGOS DA PRIMAVERA**

Os nossos confrades do «Jornal dos Sports» conferiram e enviaram à REVISTA DA SEMANA um diploma, a propósito dos VI Jogos da Primavera realizados sob o patrocínio daquêle jornal, em 1954, com extraordinário brilho. A «Revista» agradece a gentileza.



Ninguém vai duvidar dêsse sorriso, dêsse deslumbramento, dêsses olhos «pendurados»: Ginger adora o «brôto».

GINGER ROGERS NÃO TEM CIÚMES DE JACQUES (Boa Pinta) BERGERAC



GINGER ROGERS



NO COQUETEL DE MR. HARRY STONE (EFICIENTE EMBAIXADOR DE HOLLYWOOD), PELA PRIMEIRA VÊZ O CASAL DE "ASTROS" EM CONTACTO COM OS COMENTARISTAS DE CINEMA ★ LIBERTOS DA "CORTINA DE SÊDA" DA GENTE "BEM" ★ ELA, CADA DIA MAIS ENAMORADA DO MARIDO Nº 4 ★ UMA "BALZAC" (44 JANEIROS) AINDA EM GRANDE FORMA...

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA
Fotos de VICTOR TAPAJÓS

ELA: Virginia Katherine MacMath, loura, olhos azuis-esverdeados, bonitona em suas quarenta e quatro primaveras, natural de Independence (Missouri), atriz cinematográfica, onde adotou o nome de Ginger Rogers. Êle: Jacques Bergerac, atlético, moreno, tipo ideal do porteiro francês (gentil, alto e simpático), olhos castanhos, basco de nascimento, desportista, atualmente, galã de Hollywood.

Os dois formam casal dos mais comentados nos Estados Unidos pela vida que levam e pela diferença de idades. Não há colunista especialisado, na Terra do Cinema, que não ofereça aos leitores, periòdicamente, notícias referentes à dupla. Ginger, ela mesma frizou no «cocktail» oferecido antes do retôrno à América, acha que «quando se é feliz não se contam os anos», e Jacques compreende que os jornalistas precisam ganhar a vida e, quando lhes falta assunto, «nada melhor do que falar da vida alheia». O certo é que tanto um como o outro se entendem às mil maravilhas; gostam ambos de pintura e de escultura, jogam tênis juntos, nadam sempre que lhes sobra tempo e acham que, quando em vez, viver longe dos olhares curiosos dos fãs e dos cronistas mexeriqueiros não é pecado, por isso mesmo o lar do casal em Beverly Hills é dos mais belos e confortáveis da cidade.

★

Foi em Paris que nasceu o namôro de Ginger Rogers e Jacques Bergerac, durante uma festa. Quando a «estrêla» voltou a Hollywood a fim de cumprir mais um de seus compromissos, Jacques acompanhou-a e meses depois estavam casa-



Enquanto mr. Harry Stone encara o fotógrafo, Ginger não esconde um derriço daqueles, pelo marido número quatro, o preferido, com suas 27 primaveras...



Para demonstrar que a espôsa não é nada ciumenta, Jacques posou (em outra sala), entre duas convidadas do «cocktail». Ginger, pelas dúvidas, não viu...



Celestino Silveira lembra ao casal o primeiro encontro em Veneza, há dois anos. Jacques retificou: «Perdão, vai para 3 anos... Estávamos em lua de mel...»



E para esquecer a chapa anterior, batida entre as duas carioquinhas bonitas, mr. Bergerac posa novamente, agora entre a espôsa e Miss Cinelândia.



Na varanda do apartamento elegante de mr. Stone, a «estrêla» de «Voando para o Rio» troca impressões com Cyl Farney e José «Cinemoto» Lewgoy.

dos. Teve comêço, então, a série de disse-me-disse em tôrno do acontecimento. Ginger, casada pela quarta vez, viu-se apontada como volúvel pelos colunistas americanos, que chegaram mesmo a promover uma reunião dos três primeiros maridos da artista para saber suas opiniões quanto ao novo matrimônio. A conclusão a que chegaram, entretanto, foi desoladora, pois quer Jack Pepper (astro de variedade, da qual ela se separou em 1928), como Lew Ayres e Jack Briggs (oficial de marinha, que chegou a ser considerado por Ginger como o «homem de meus sonhos») foram unânimes em nada declarar a respeito, a não ser os votos de felicidade.

★

«Gingaire», que é a forma como Jacques a chama, não mudou muito desde que dançou pela primeira com Fred Astaire. Isso faz mais de vinte anos. Não ousaremos dizer, no entanto, que ela aparenta, atualmente, vinte e cinco ou trinta anos. Seria também um exagêro, um verdadeiro absurdo, afirmar que Ginger esteja um pouco «passada» para o cinema. A protagonista de «Linha da Vida» (que é o primeiro filme em que os dois aparecem juntos) faz ainda virar muitas cabeças, e provoca exclamações como a de Van Jaffa, entre suspiros, quando a «estrêla» e o marido deram entrada no apartamento de Harry Stone, anfitrião do «cocktail» oferecido ao casal antes do embarque: «Quem dera que tôdas as velhinhas fôssem assim...»

Ginger não é só bonitona. Veste-se bem e sem exageros, é simpática, cativante e sabe irradiar alegria em qualquer ambiente. Responde aos repórteres sem nenhum constrangimento ou embaraço. Houve, na verdade, quem a quizesse atrapalhar, levando a conversa para assuntos de sua vida particular. Nem assim ela se deu por vencida. Inquiriram se existiu algo entre ela e Fred Astaire, além de amizade, é claro. Um sorriso abriu-se nos lábios da entrevistada:

— Não, meu amigo. Fred e eu somos como dois irmãos. E' um espírito de fraternidade que dificilmente quem não nos conhece poderá compreender». — E continuou:

— Antes que me perguntem por que deixei de filmar ao seu lado, é melhor explicar: Tanto eu como Fred, como o senhor aí e sua namorada, ou aquêle senhor com a espôsa ou filha, somos sêres humanos. E nenhuma criatura pensa da mesma forma do que a outra, por mais idênticas que sejam. Não é verdade? Pois foi isso o que aconteceu. Certo dia Fred achou que árvore era madeira, eu disse que era pau, e não chegamos a um acôrdo. Briguinha sem importância, mas comum na vida de tôda gente, e não venha me dizer que isso nunca sucedeu consigo...» (o repórter confirmou...)



Não pensem que o casal esteja arrufado: Cada qual procurava atender a um grupo de convidados. Êle, de mãosinha na cintura, conversa com Enrique Baez enquanto ela, (elegante até pelas costas), atende a outros.

GINGER ROGERS NÃO TEM CIUMES



Muito diplomàticamente, Ginger e Jacques vão saindo do «cock-tail», por volta das 22 horas. Ela, divertidíssima com as perguntas do crítico Pedro Lima.



Num canto da sala encontramos o marido felizardo conversando numa roda de amigos. Jacques (Boa Pinta) Bergerac fala grosso, à Charles Boyer, é um rapagão bem humorado, qualidade que só perde quando alguém cai na bobagem de dizer que êle vive às custas da mulher. De resto, é o tipo do camaradão. Certa vez, poucos dias depois do seu matrimônio em Palm Spring, um cômico afamado de teatro lhe foi apresentado pela espôsa, enquanto jantavam no El Morôco. Por fôrça da profissão o comediante pilheriou: — «Que bôbo eu fui heim, Jacques? Sabe que conheci Ginger muito antes de você nascer?» — Ao que Bergerac respondeu: — «E' que além de bôbo v. é muito feio».

Êsse é o marido de Ginger Rogers, um jovem francês que após terminar o serviço militar na África, diplomou-se em direito pela Universidade de Paris, época em que ingressou numa escola de arte dramática, protagonizando duas peças de real sucesso.

Ginger, a principal admiradora do espôso, diz que, apesar de o ter ajudado, apresentando-o a diretores e produtores famosos, reconhece que o marido possui muito mérito pessoal, e quem não quiser acreditar que espere por «Line Life», película que narra a história de uma atriz americana apaixonada por um jovem galã francês. E quem prestar atenção, notará uma grande coincidência no enrêdo do filme com o romance vivido entre ela e o Jacques.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 12 — Rio de Janeiro — 19-3-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente....................**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial....................**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente....................**Wenceslau Quintais**
Redatores e corretores...**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

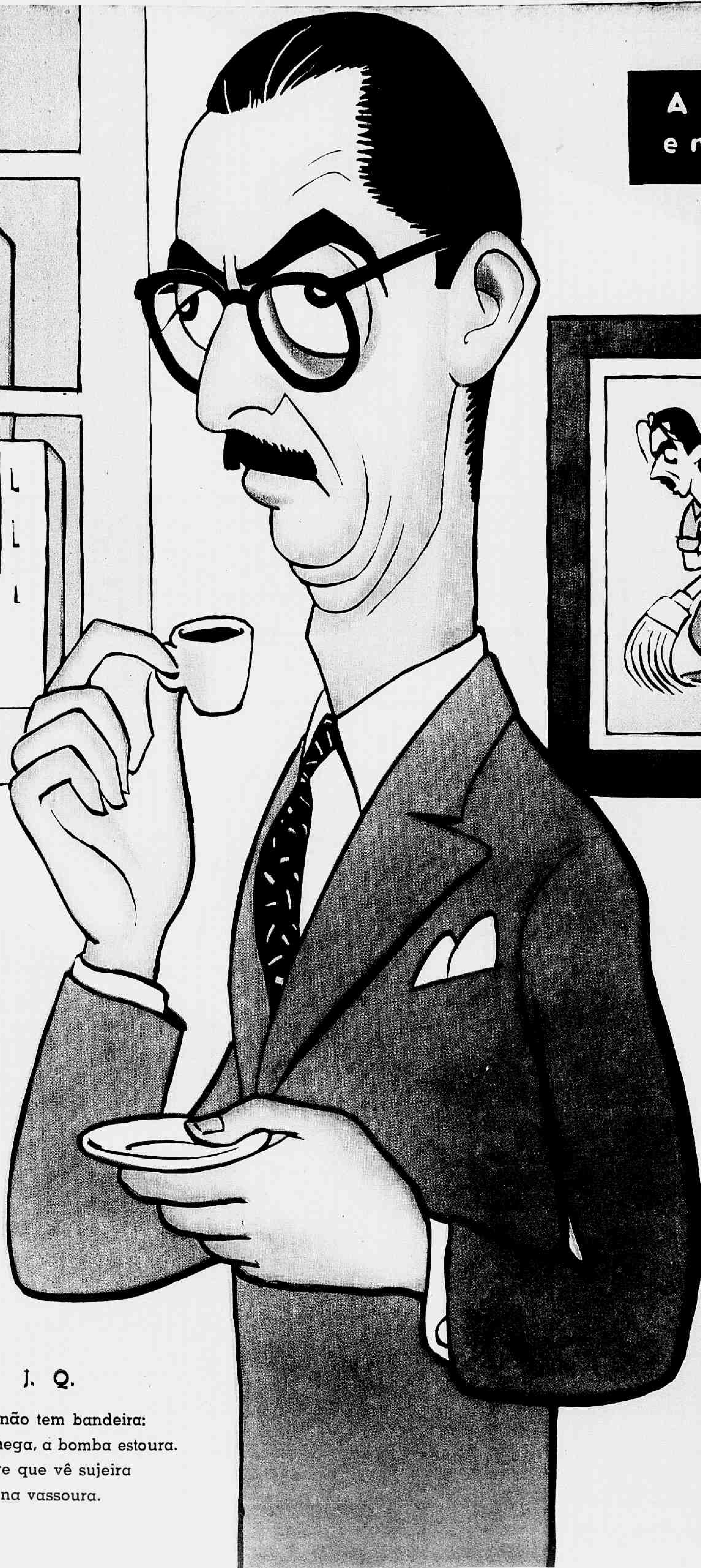
Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A figura em foco



J. Q.

Com êsse não tem bandeira:
Quando chega, a bomba estoura.
Pois sempre que vê sujeira
Pega logo na vassoura.

FORTUNA (muito mal dormido) **APRESENTA**

Da inconveniência de





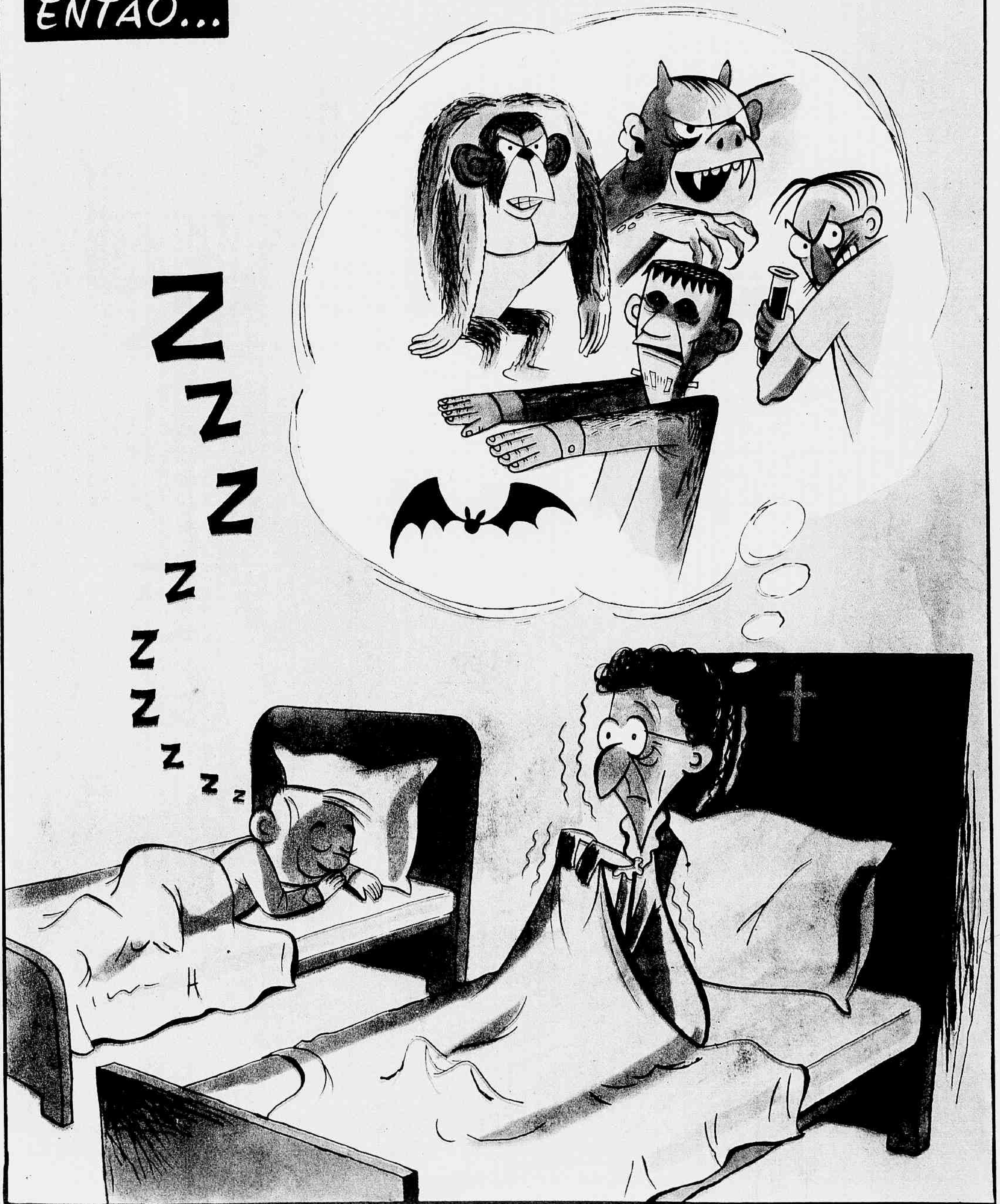








meter mêdo às crianças



REVISTA DA SEMANA



GINGER ROGERS NÃO TEM CIÚMES DE JACQUES (Boa Pinta) BERGERAC